

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUSTAVO DO CARMO LOPES

VIVÊNCIA EM SALA DE AULA: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O
APRENDIZADO EM SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

CURITIBA 2025

GUSTAVO DO CARMO LOPES

VIVÊNCIA EM SALA DE AULA: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O
APRENDIZADO EM SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao curso de Pós- Graduação do
Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Setor
de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como
requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy

CURITIBA 2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Lopes, Gustavo do Carmo

Vivência em sala de aula: uma etnografia sobre o aprendizado em sociologia no ensino médio. / Gustavo do Carmo Lopes. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional,.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Carbonieri Campoy.

1. Sociologia (Ensino médio) – Estudo e ensino. 2 Método de ensino. 3. Ambiente de sala de aula. I. Campoy, Leonardo Carbonieri, 1981-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GUSTAVO DO CARMO LOPES**, intitulada: **Vivência em sala de aula: uma etnografia sobre o aprendizado em sociologia no ensino médio.**, sob orientação do Prof. Dr. LEONARDO CARBONIERI CAMPOY, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 12 de Agosto de 2025.

Assinatura Eletrônica 12/08/2025
23:55:20.0
LEONARDO CARBONIERI CAMPOY
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica 12/08/2025 16:36:47.0
JULIAN SIMOES CRUZ DE OLIVEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica 14/08/2025
16:29:11.0
ALEXANDRO DANTAS TRINDADE
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica 14/08/2025 15:46:22.0
JOSÉ LUÍS ABALOS JÚNIOR
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE)

Rua General Carneiro, 460 - 9º andar - sala 908 - Curitiba - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5173 - E-mail: profsocio@ufpr.br
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação
federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 473006
Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 473006

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a todos os professores do Departamento de Ciências Sociais (DECISO) da Universidade Federal do Paraná pela inspiração e formação na graduação que me deram a condição de alçar novos “vôos” e não desistir da pesquisa e desenvolvimento intelectual. Um grande agradecimento aos professores do mestrado profissional em Sociologia (PROFSOCIO) pela paciência, amizade e disponibilidade, além das excelentes aulas e discussões teóricas ao longo dos dois anos de curso. Esses encontros me permitiram rever o processo de ensino e aprendizado nas salas de aula sob outras perspectivas e fundamentos científicos e a continuar os estudos e o refinamento nas diversas áreas da pesquisa social.

Agradeço aos colegas da minha turma de mestrado de 2023 que me mostraram o caminho da amizade, do estudo, do companheirismo e da resiliência, mesmo em meio a rotina corrida das aulas e as diversas atividades que nós professores das escolas estaduais enfrentamos diariamente.

Aos meus queridos alunos e alunas das turmas que trabalhei nas duas escolas analisadas com seus muitos sorrisos e alegrias, dilemas e soluções, criatividade e bom humor que me fizeram chegar até aqui. Uma relação feita de muita amizade e respeito mútuo ao longo dos anos de convivência. Esse trabalho é por vocês e pra vocês!

Aos meus colegas de profissão dos Colégios Paulo Leminski e Uruguai onde fiz a etnografia, que mesmo em meio aos problemas da educação pública atual, se mantêm firmes e dispostos na linha de frente dessa nobre profissão, em prol de uma educação digna e de um mundo mais inclusivo e igualitário. As duas professoras estaduais Silvaneide e Rosane que infelizmente vieram a falecer durante a escrita, nesse contexto de pressão institucional imposto pelo atual governo estadual.

Ao meu orientador professor Dr. Leonardo Carbonieri Campoy que desde os primeiros contatos se demonstrou uma pessoa amigável, receptiva, sensível e acessível, mesmo à distância, me ensinando a desapegar de velhas fórmulas de pesquisa e olhar o trabalho científico sob outro prisma, da observação, diálogo, escuta e atenção. Obrigado professor pela experiência de poder realizar um trabalho etnográfico e de me aproximar desse universo de pesquisa tão rico e importante, que só ouvia falar nas muitas aulas de antropologia na graduação.

Esse trabalho dedico também a minha família, primos e primas, tios e tias, irmãos (André e Felipe), sobrinhos e sobrinhas. A Laura minha ex-companheira, pelas dicas e sugestões, paciência nas leituras e inúmeras revisões de texto ao longo dos dois últimos anos de formação. Um especial agradecimento a minha mãe Terezinha e ao meu pai Alfredo, que me estimularam a continuar sempre em frente com os estudos e lutar pelos meus sonhos e objetivos, mesmo em qualquer contexto, circunstância ou adversidades que possam surgir no horizonte, sem nunca desistir. Aos meus avôs Carlos do Carmo e Alfredo Machado e as minhas avós Eloína Araújo e Eugênia Moreira que infelizmente não estão mais presentes em vida, mas que a partir dos seus exemplos e histórias me ajudaram a ser quem eu sou. Gratidão!

*A realização através dos estudos é expandir dia após dia;
A realização através do caminho é simplificar dia após dia.
Simplificando e simplificando mais,
Até alcançar a não-ação;
Na não-ação não há o que não possa ser feito
Apoderar-se do mundo é permanecer através da não-atividade.
Ao surgir a atividade,
Já não é mais suficiente para
apoderar-se do mundo.*

(Tao Te Ching, capítulo 48)

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como ocorre o processo de aprendizado da disciplina de sociologia no ensino médio. Com as atuais mudanças na educação paranaense e as diversas ferramentas de ensino implementados nos últimos anos, torna-se importante uma investigação do aprendizado pela perspectiva dos principais atores envolvidos, os estudantes. A partir de uma etnografia desenvolvida em duas escolas do município de Curitiba, o Colégio Estadual Paulo Leminski localizado no bairro Tarumã e o Colégio Cívico-Militar República Oriental do Uruguai localizado no bairro Capão da Imbuia, a pesquisa teve como objetivo analisar as atividades aplicadas aos alunos no final de cada trimestre no ano de 2023 e a relação das respostas com o processo de ensino e aprendizado nas salas de aula. Com vistas a trazer um melhor entendimento do contexto atual e como ele afeta o ensino e o aprendizado nas escolas, analisamos também as atividades propostas pelos próprios alunos com a comunidade escolar sobre a implementação do novo ensino médio no primeiro trimestre de 2024. Utilizando como fundamento de análise a teoria do ator-rede, foi feita a observação e a descrição da rede de relações nas salas de aulas, bem como nas instituições escolares para tecer reflexões sobre o aprendizado. Como resultado dessa experiência podemos afirmar que há uma ressignificação dos conceitos sociológicos pelos alunos quando se possibilita a liberdade nos processos educacionais, que as ferramentas implementadas pelo governo estadual dificultam o aprendizado e que este ocorre no ambiente institucional e fora dele, com muita escuta e diálogo constante entre o professor e os alunos.

Palavras-chave: aprendizado, sociologia, ensino médio, teoria ator-rede, novo ensino médio

ABSTRACT

The present work sought to understand how the learning process of the discipline of Sociology in High School occurs. With the current changes in Paraná education and the various teaching tools implemented in recent years, it is important to investigate the learning from the perspective of the main actors involved, the students. From an ethnography developed in two schools in the municipality of Curitiba, the Paulo Leminski State College located in the Tarumã neighborhood and the Eastern Republic Civic College of Uruguay located in the Capão da Imbuia neighborhood, the research aimed to analyze the activities applied to students at the end of each quarter in 2023 and the relationship of responses with the teaching and learning process in classrooms. With a view to bringing a better understanding of the current context and how it affects teaching and learning in schools, we also analyze the activities proposed by the students themselves with the school community about the implementation of the new high school in the first trimester of 2024. Using the foundation of actor-rights, the observation and description of the relationship network in classrooms, as well as in school institutions to make reflections on learning. As a result of this experience we can say that there is a resignification of sociological concepts by students when freedom in educational processes is allowed, that the tools implemented by the state government make it difficult to learn and that it occurs in the institutional environment and outside it, with a lot of listening and constant dialogue between the teacher and the students.

Key words: sociology, high school, learning process, actor-network theory, educational reform

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
APRENDIZADO, A PESQUISA E OS DIFERENTES CONTEXTOS	12
1.1 As ferramentas de análise	16
1.2 A pesquisa	20
1.3 Os lugares da pesquisa	22
1.3.1 O Colégio Estadual Paulo Leminski	22
1.3.2 O Colégio Estadual Cívico-Militar República Oriental do Uruguai.....	28
1.3.3 O Novo Ensino Médio.....	34
O TRABALHO E OS CAMINHOS DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA.....	38
2.1 A rotina, uma funcionária principal e a turma do 2°C	39
2.2 A “diplomacia” em sala de aula e diferentes percepções do social.....	45
2.3 Aprendizado no cívico-militar e as percepções de sociologia e antropologia.....	62
2.4 Os alunos e a rede de relações no aprendizado da sala de aula.....	73
MOVIMENTOS, CULTURA E EXPERIÊNCIAS DO NOVO ENSINO MÉDIO.....	77
3.1 O último trimestre e as reciprocidades nas formas de aprender	77
3.2 Culturas, café sociológico e um “outro” olhar	90
3.3 O velho “novo” ensino médio e as reflexões sobre o protagonismo estudantil	108
O APRENDIZADO DO PROFESSOR COM A DISSERTAÇÃO	124
4.1 O aprendizado e a ressignificação dos conceitos	125
4.2 As dificuldades de aprendizado no ensino médio atual	130
4.3 Por uma outra vivência sociológica baseada nas relações, experiência e liberdade.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

Desde que me interessei pelas ciências sociais no ensino médio, não imaginaria que um dia estaria lecionando a disciplina de sociologia em escolas públicas do Paraná. Nas minhas aulas da disciplina de antropologia no 1º ano do ensino médio, quando à época estudava no Colégio Medianeira, comecei a me interessar sobre os processos sociais, políticos e culturais de nossa sociedade. Sempre tive um interesse maior pelas ciências humanas e as disciplinas de história, geografia, antropologia e sociologia, que traziam um outro olhar sobre as realidades do Brasil e de diversos países e povos do mundo antigo e contemporâneo. O interesse estava principalmente pelo processo de entendimento do sistema capitalista que elas proporcionavam, naquele jovem adolescente, sobre o mundo em que vivia e compartilhava com as pessoas. Já me interessava por movimentos sociais, desde os treze anos, em especial pelo movimento *Hip Hop* e as mensagens dos grupos de rap, como *Racionais MC's*, *Thaíde e Dj Hum* (SP)¹ e grupos cariocas como *O Rappa*, *Planet Hemp*² e movimento mangue beat, sendo seus maiores representantes os pernambucanos do *Chico Science e a Nação Zumbi*³.

Um dos eventos que muito me influenciou na decisão de entrar no curso de ciências sociais na Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi o *Fórum Social Mundial*⁴, com suas edições de 2003

¹ O movimento Hip Hop no Brasil teve sua projeção na metade dos anos 80 e início dos anos 90, onde a partir do seu fundamento nos quatro elementos (graffiti, break, mc's e dj's) teve uma importante divulgação através da música rap (*ritmo e poesia*). Nesse mesmo movimento o *Racionais MC's* da cidade de São Paulo é um grupo de rap brasileiro fundado em 1988. Formado por Mano Brown, Ice Blue, Edy Rock e KL Jay é considerado atualmente o maior grupo de rap brasileiro em atividade estando entre os grupos musicais mais influentes no país e na música brasileira. O grupo *Thaíde e DJ Hum* foi uma dupla musical brasileira, surgida em 1986 e considerados uma dos pioneiros do movimento Hip Hop no país, fazendo a divulgação do rap com o estilo de dança *break*, que o vocalista Thaíde já praticava com grupos nos metrô de São Paulo e nas festas organizadas pela cidade.

² A banda *O Rappa* foi uma banda de rock brasileira surgida no ano de 1993 na cidade do Rio de Janeiro. A banda contava com Marcelo Falcão, Xandão Menezes, Lauro Farias, Marcelo Lobato, Marcelo Yuka e Nelson Menezes. O grupo foi um dos mais influentes na música brasileira contemporânea e ficou conhecido por suas letras com base nas críticas sociais, permanecendo 25 anos em atividade. Entre os gêneros musicais desenvolvidos estão o rock alternativo, reggae rock, rap rock, funk rock e dub (estilo de reggae conhecido por seus efeitos eletrônicos e psicodélicos). O grupo fez parte do movimento musical dos anos de 1990 na cidade do Rio de Janeiro junto com outra banda muito famosa e ainda em atividade o *Planet Hemp*.

³ A banda *Chico Science e Nação Zumbi* foi uma banda brasileira surgida no início dos anos de 1990, na cidade de Recife. Liderada pelo vocalista Chico Science, falecido em 1997, teve seu surgimento na união das bandas Loustal (pós-punk) com o bloco de samba-reggae Lamento Negro. Considerada uma das maiores bandas brasileiras, por sua originalidade na mistura de ritmos e sua mistura de gêneros musicais (rock, rap, maracatu, dub) foi precursora, junto com outras bandas como *Mundo Livre S/A*, do movimento cultural e musical conhecido como *Mangue Beat*.

⁴ O *Fórum Social Mundial* foi um espaço criado por movimentos sociais e organizações da sociedade civil em contraposição ao *Fórum Econômico Mundial*, que reunia líderes empresariais em Davos (Suíça), para discutir questões do capitalismo globalizado. O *Fórum Social Mundial* teve algumas edições (2001, 2005) em Porto Alegre e teve como pauta a luta contra a ofensiva neoliberal, debatendo o impacto da globalização na vida das pessoas, além de se constituir como um ambiente de convergência democrática para reflexões, análises, formulação de propostas, trocas de

e 2005. Em 2003, ingressei na universidade e segui tentando “compreender o mundo”, agora sob o viés do conhecimento científico e suas ferramentas de análise, além do excelente quadro de professores que com suas diversas aulas e referências teóricas, me ajudaram a criar um ponto de vista crítico sobre a sociedade atual. Ao final da etapa, após fazer um trabalho de conclusão na área de sociologia do meio ambiente, com foco nos agricultores ecológicos da Rede Ecovida⁵, trabalhei como auxiliar na área de sociologia urbana na prefeitura do Município de São José dos Pinhais. O trabalho consistia em auxiliar uma socióloga na pesquisa de um projeto de reassentamento da população de bairros carentes (Guatupê e Borda do Campo) que sofriam com enchentes à época, na beira do Rio Itaquí.

Naquele momento, percebi a importância dos estudos nas áreas das ciências sociais e dos métodos de pesquisa quantitativos e qualitativos, e qual a função desses métodos na aplicação de políticas públicas, para o benefício das pessoas que mais precisam, ou seja, visualizei e vivenciei a ciência social na prática cotidiana.

Após essa etapa de trabalho, não sabia bem o que fazer com meu diploma de graduação. Acabei em busca de conhecimentos nas áreas de agroecologia e permacultura, pois já no final do curso, participei de um grupo interdisciplinar da UFPR, o GEAE (Grupos de Estudos de Agricultura Ecológica) e continuei fazendo alguns seminários e o curso chamado *PDC* (Permaculture Design Course) e com um projeto de vida que estava voltado à residência em *Ecovila*⁶ no município de Morretes (PR). A ideia inicial era adquirir um terreno e morar numa cidade mais tranquila e menos fria no litoral, plantando e colhendo, desenvolvendo trabalhos de construções sustentáveis e vivendo imerso à natureza da mata atlântica paranaense. Até o momento em que surgiu o concurso de professores do Estado do Paraná, em 2012. O concurso, à época no período do antigo governo Beto Richa, se tornou um dos últimos em cerca de dez anos e logo que assumi a profissão, antes da primeira aula enquanto educador, pensei na minha vida de adolescente tentando “compreender o

experiências e articulações de movimentos sociais, redes e ONGs. Fonte: <https://www.fsm.org.br/> (acesso em 04/11/2024).

⁵ A Rede Ecovida de agroecologia é uma rede de agricultores ecológicos que atua no sul do Brasil desde o ano de 1998. Organizada em mais de 34 núcleos regionais, atuando em 352 municípios, a rede abrange cerca de 2.848 famílias de agricultores e está presente em 120 feiras ecológicas na região, tornando-se uma das maiores redes de agricultores agroecológicos do Brasil. A sua principal missão é “*Ser um espaço de articulação, interação e ação para potencializar o desenvolvimento da agroecologia, como parte da construção de um projeto de sociedade que contemple e respeite a realidade de cada povo.*” Fonte: [Rede Ecovida de Agroecologia](#) (acesso em 04/11/2024).

⁶ A definição formal identifica as ecovilas como comunidades intencionais, tradicionais ou rurais resultantes de projetos coletivos e com o objetivo de regenerar o ambiente social e natural. O termo surgiu a partir da corporação Global Ecovillage Network (GEN), que detém a legitimidade da enunciação do que significa ser uma ecovila, e certifica esse tipo de experiências ao redor do mundo (Machado, 2018).

mundo”⁷.

Mas, após anos lecionando, no trabalho diário da sala de aula, com tantas realidades diferentes que se apresentavam, percebi que a educação e o ensino de sociologia deveriam ser compreendidos mais como uma prática de atenção e não de transmissão do conhecimento, como colocado pelo antropólogo e autor Tim Ingold em seu livro “*Antropologia e/como educação*” (2020). Para o autor os indivíduos não apenas ouvem os demais, mas se escutam ativamente construindo uma série de significados em suas vidas que incluem: cuidar das pessoas ou de coisas de forma prática e obediente, esperar para uma convocação, estar presente, ou entrar em presença como em uma ocasião, e ir junto com os outros, como numa adesão ou acompanhamento (Idem, 2020: 39). No caso do ensino essa escuta e cuidado são desenvolvidas na própria sala de aula, a partir das dinâmicas cotidianas dos alunos e das diversas demandas surgidas no ofício de educador.

Foram algumas situações nesse período de quase dez anos de trabalho que me levaram a refletir sobre o processo de aprendizado dos alunos nas escolas públicas da rede estadual de ensino. Uma em especial me chamou a atenção, ocorrida no Colégio Paulo Leminski, onde grande parte dessa pesquisa foi feita.

A seguir no início do primeiro capítulo farei um breve relato dessa experiência inicial sobre o aprendizado que foi o ponto de partida para as reflexões e serviu também de base para a forma de narrativa utilizada ao longo do trabalho com as falas dos estudantes e descrições dos espaços escolares, permitindo assim, que fosse feita a análise teórica do que foi coletado e observado ao longo do período da pesquisa etnográfica. Ainda no primeiro capítulo, faremos também a apresentação das ferramentas de análise e da teoria do ator-rede de Bruno Latour utilizado como fundamento teórico, bem como a apresentação das escolas e uma breve contextualização do Novo Ensino Médio.

No segundo capítulo faremos a apresentação de alguns atores que compõem a pesquisa para a contextualização das redes de relações como a funcionária Carmelita que tem importante papel no cotidiano escolar e a turma do 2º C que trazem importantes reflexões, além da análise das respostas dos alunos sobre o conteúdo trabalhado nos trimestres iniciais de 2023. Será abordado também, nessa segunda parte, as percepções do professor e as atividades dos alunos que fazem parte do

⁷ Após o resultado da aprovação no concurso, ainda tinha como projeto a mudança para o município de Morretes. Inclusive, minha família comprou um terreno em parceria com mais 10 famílias para a construção de um condomínio na área rural, as *Ecovilas* com produção agroecológica e sustentável. Porém, os “ventos mudaram” e a partir do estudo da realidade escolar dos municípios do litoral (em Morretes tem somente uma escola estadual na cidade), optei por permanecer na capital. Hoje em dia as famílias permanecem morando no terreno que em 2025 completará 10 anos, plantando, vivendo de arte, produção musical, construções sustentáveis, venda de biocosméticos, aulas de capoeira, entre outras funções.

Colégio República do Uruguai que adotou o modelo de colégio cívico-militar implementado em 2022 pelo atual governo estadual, iniciando assim, a interpretação e mapeamento das redes de relações escolares.

No terceiro capítulo abordaremos as atividades relativas ao terceiro trimestre dos anos de 2023 nos dois colégios analisados e a interpretação da pesquisa sociológica, atividade proposta pelos alunos do terceiro ano do Colégio Paulo Leminski, sobre o novo ensino médio e efetuada com a comunidade escolar. O capítulo abrange também a descrição de um momento de confraternização entre o professor e os alunos no Colégio Uruguai denominado “Café Sociológico” além das do processo de ressignificação dos conceitos da sociologia através da dinâmica implementada pelas alunas do 2º ano da mesma instituição.

O quarto e último capítulo da pesquisa está relacionado as percepções do professor em relação ao aprendizado de sociologia nas salas de aulas das duas instituições analisadas. A proposta nesse capítulo conclusivo foi a de tecer reflexões sobre a percepção do educador acerca do ensino da disciplina de sociologia e fazer relações entre a teoria do ator-rede com a realidade escolar observada, descrita e analisada ao longo do trabalho. Essas reflexões buscam conectar a teoria de Latour a realidade escolar vivida, com a influência de atores humanos e não-humanos que modificam o funcionamento da rede de aprendizado, muitas vezes ressignificando os métodos de ensino e os conceitos sociológicos nas salas de aula. Por fim as considerações finais do trabalho de pesquisa com algumas observações sobre os autores utilizados e reflexões sobre o processo da etnografia no ambiente escolar.

CAPÍTULO 1

APRENDIZADO, A PESQUISA E OS DIFERENTES CONTEXTOS

Era o ano de 2018 de uma terça-feira qualquer e o despertador toca logo cedo no bairro do Ahú, local de minha antiga morada. Ao avistar o relógio, pude observar a hora marcando 5:00 da manhã. Sem chance de esticar a soneca. Dia normal, semana cheia, muitas aulas e tarefas a cumprir. Os pensamentos são variados, turmas, alunos, pets, família, salário, futuro e educação. Esse é um dos primeiros “toques” de alarme do controle do tempo no dia de um educador⁸. As chamadas das próximas horas da manhã, serão com o sinal tradicional (em forma de buzina de alerta) ou, como no caso do colégio onde lecionava a maior parte da semana, uma música. Essa música era escolhida pela direção da instituição de ensino ou pelos alunos, variando entre as músicas pop mais conhecidas ou algum clássico do rock nacional e internacional. Nesses momentos de toque do sinal, independente do som, de alguma forma, nós professores relevamos a pressão institucional sobre o ofício e seguimos em frente. As pausas virão em doses homeopáticas ao longo do dia, com intervalos de quinze, vinte, trinta minutos ou mesmo uma hora, dependendo da carga horária de trabalho escolhida pelo educador.

Num primeiro momento, trafegando pela principal avenida da região, a Victor Ferreira do Amaral, que liga o centro à periferia e a cidade de Curitiba à região metropolitana, principalmente as cidades de Pinhais e Piraquara, quase não se podia avistar a entrada do colégio. O nome da escola, Paulo Leminski, foi escolhido em homenagem ao famoso poeta e multiartista curitibano e seu principal portão de entrada estava localizado na rua Coronel Antônio Augusto Garret, uma pequena rua, quase imperceptível, com um riacho passando à frente, na mesma direção de uma das várias vilas que permitem o acesso ao Bairro Alto.

Na época, o principal local de referência desse colégio ficava na própria Victor Ferreira do Amaral, o DETRAN, a instituição responsável pela organização, manutenção, retirada de carteiras de habilitação de motoristas e aplicação das leis e multas, entre outras funções relativas as regras gerais de trânsito nas ruas da cidade. Uma outra entrada ao colégio era possível pela lateral da quadra, numa rua alternativa de acesso, pois tamanha era a dimensão da instituição escolar (cerca de uma quadra), que também servia de entrada para a UNIBRASIL, uma faculdade de ensino particular que ainda hoje é vizinha do Paulo Leminski.

⁸ Barbosa (2010), em sua etnografia sobre as experiências juvenis na periferia de São Paulo, faz uma reflexão sobre a temporalidade na escola, a qual, para os docentes, seria composta pela profissão e sua dedicação a ela.

Na entrada podia-se avistar um grande portão de metal, seguido de um pátio amplo que servia de estacionamento para os visitantes, além de uma guarita onde permaneciam as zeladoras e inspetoras da escola. Ao lado dela, um portão de entrada e saída dos alunos nos três turnos escolares (manhã, tarde e noite). O colégio compreendia um amplo espaço físico com muita área verde, área identificada como uma das principais características da instituição. Até hoje ela ainda está lá.

Ao entrar no colégio temos um segundo espaço, também amplo, onde se localiza o estacionamento dos professores, funcionários e direção escolar e, em alguns dias específicos, podemos nos deparar com algumas viaturas da polícia militar e ambulâncias do SAMU, para o atendimento de alguma ocorrência ou emergência dos alunos e trabalhadores da escola.

Em seguida, chegamos à porta principal da escola com suas duas secretarias, uma de atendimento ao público, administrativa (pais, alunos e comunidade escolar) e, passando por uma porta de vidro que divide os espaços externo e interno, a secretaria pedagógica. Essa é a secretaria responsável pelas funções educacionais (horários, disciplinas, chaves de acesso a salas, impressão de documentos, etc.) dos professores, pedagogos (as), funcionários e alunos. Por fim, adentra-se a escola e seus corredores, blocos, banheiros, bibliotecas, salas de informática, laboratórios, sala dos professores, refeitório, cozinha, cantina, pátio, ginásios, campos de futebol, auditório e as diversas salas de aula.

Desse modo, a partir dessa breve descrição, podemos ter uma pequena representação da dimensão material e organizacional de uma das principais escolas de Curitiba e região, que ajuda a formar diversas pessoas ao longo dos anos e que serviu de base para nossa pesquisa. A investigação vai considerar os diversos elementos físicos e os atores presentes na instituição escolar, entre eles os principais que são os alunos. Estes mesmos alunos em sala de aula se encontram no centro da questão do ensino, e a partir de uma das aulas, que iniciaremos a reflexão inicial sobre o aprendizado.

Nesse mesmo período relatado, ao entrar em uma das turmas do 2º ano do ensino médio do curso de formação de docentes integrado (FDI)⁹, antigo curso de magistério, já ouço do fundo da sala a reclamação de uma das alunas:

Professor! Vamos ter aula hoje?

A pergunta foi feita por uma aluna chamada Juliana¹⁰ e que poderia ser escutada em qualquer

⁹ O curso de Formação de Docentes Integrado tem como principal objetivo qualificar ao longo dos seus quatro anos de duração, indivíduos que possam exercer a função de profissionais para trabalhar na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental (1º a 5º ano) e como educadores em creches e professores nos Centros de Educação Infantil e Escolas de Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Este é um dos principais cursos ofertados anualmente pelo Colégio Estadual Paulo Leminski.

¹⁰ Ao longo do trabalho optei por preservar os nomes e a identidade dos alunos(as). Utilizarei outros nomes em respeito a questões legais referentes às leis institucionais vigentes nas escolas do Paraná e na própria constituição brasileira.

turma do ensino médio em diversos colégios do Paraná. A resposta foi objetiva e incisiva:

Hoje teremos aula de Sociologia! A melhor matéria de humanas que vocês irão aprender nesse exato momento.

Existem dias e dias e nós, além de professores e educadores, também somos seres humanos providos de sentimentos, sensações e emoções. Talvez aquele não fosse o meu melhor dia, estando eu bem objetivo nas minhas respostas. A recepção da aluna não foi das melhores em vista da pronta resposta do professor, de modo que ela permaneceu grande parte da aula quase virada de costas, conversando com seu grupo de colegas no fundo da sala.

A famosa “turma do fundão” composta nesse curso específico de meninas adolescentes entre os seus 16 a 18 anos¹¹. A aula era sobre sociologia brasileira e, nesse período relatado, a utilização dos livros didáticos em sala de aula, bem como o giz e o quadro negro, eram as ferramentas mais utilizadas pelos educadores, antes da implementação da reforma do Novo Ensino Médio pouco tempo depois. Com o advento da reforma os educadores tem agora a sua disposição uma televisão com função de computador de nome *educatron*¹², além da cobrança na utilização das plataformas de ensino e em algumas disciplinas específicas e a aplicação de *quizzes*¹³ como complemento da nota trimestral. A aluna era conhecida como uma daquelas divergentes. Contestadora, desafiadora, não querendo cumprir com as funções que se espera de uma aluna no processo escolar. Quando comecei a passar o conteúdo no quadro, já dividido em dois, ouço do fundo da sala:

Pra que ficar passando tanta coisa no quadro, você só passa conteúdo e a gente copia para ganhar nota, isso é muito chato e não aprendemos nada com isso.

Nesse instante, grande parte da turma parou de fazer o que estavam fazendo: copiar o conteúdo do quadro, conversar com a colega ao lado, leituras de literatura infanto-juvenil, sonecas

¹¹ O autor Brandão (1994) no texto “Sala de aula: que espaço é esse?” faz uma reflexão sobre as características espaciais e comportamentais do que seria a turma do fundão. Entre tantas transgressões colocadas pelo autor a principal seria: transgredir as regras de comportamento estabelecidas pelo regimento dos colégios para a sala de aula, colocadas e protegidas pela “trindade maldita” composta por diretores, professores e inspetores. Logo adiante retornaremos a essa discussão, visto que na maioria das salas de aula essa categoria de alunos está presente e influencia diretamente no processo de aprendizagem.

¹² Os chamados *educatrons* são um tipo de televisão que funciona como um computador, com memória, acesso à internet, programas, arquivos, entre outros. Ao final da pandemia de Covid-19, a atual gestão do governo estadual implementou essa nova tecnologia nas salas de aula. Os educadores o utilizam constantemente, de modo que facilita algumas tarefas em sala de aula (chamada, slides, vídeos). Porém, como veremos a seguir, a sua implementação está vinculada aos interesses do projeto político da atual gestão, além de ser também, uma fonte de preocupação para muitos professores.

¹³ Os *quizz* ou *quizzes* são um jogo de perguntas e respostas que serve também para testar os conhecimentos das disciplinas em sala de aula. Muito popular a partir dos jogos eletrônicos e também na televisão no final dos anos 1990 e 2000, esse modelo de jogo atualmente é exigido como forma de avaliação na maioria das escolas estaduais do Paraná, fazendo parte do plano de modernização da educação pública no governo Ratinho Jr.

e até mesmo a pintura de unhas com esmalte colorido. A grande curiosidade do momento era ver a reação daquele jovem professor sobre o ponto de vista crítico, colocado pela aluna rebelde. A minha resposta veio em forma de risada e uma caminhada a passos lentos até o local onde ela estava sentada, onde perguntei calmamente:

O que você sugere então como proposta de aula?

A turma toda ficou parada, num breve momento de silêncio geral, olhando atentamente para o professor e a aluna. Depois de um breve período de reflexão ela falou:

Sei lá professor, pode ser debate, aula externa, visita à biblioteca, qualquer coisa, menos ficar sentada nessa cadeira copiando toda aula, a vida toda.

Ao ouvir essa frase, tive um breve momento de reflexão. Logo em seguida concordei com a aluna e falei que, realmente, deveríamos mudar a forma e o método de passar o conteúdo, de modo a fazer com que pudessem absorver melhor o conhecimento sociológico apresentado nas aulas.

A aluna ficou surpresa por não ter sido punida com anotações no registro de classe, à época manuscrito, ou com uma reclamação formal para a pedagoga ou para a direção do colégio. A turma permaneceu atônita, observando tudo em silêncio e voltou aos seus afazeres na rotina de sempre. A partir desse episódio e nos dias posteriores, fiquei refletindo muito sobre o momento vivido em sala de aula e a fala da aluna acerca da questão do aprendizado escolar.

O meu posicionamento nessa ocasião reflete muito sobre a minha vida de estudante, em grande parte vivida nos anos 90 e início dos anos 2000. Por ser também um aluno divergente, contestador, do “fundão”, vivi e sofri diversas punições. Outra época em que vivi e experienciei a escola, algumas regras parecidas, mas com uma tolerância bem menor em relação ao descumprimento delas, por parte das instituições e seus atores, como as pedagogas e a direção, principalmente. Desse modo, na condição de educador, tentei e continuo tentando agir de forma diferente da época em que fui aluno.

Uma das autoras contemporâneas que contribuiu muito para a reflexão sobre o ensino e a questão de atuar em sala de aula, bell hooks (1994: 21-22) coloca que ensinar é um ato teatral, que proporciona espaço para mudanças, invenções e alterações que operam como catalisadoras para evidenciar aspectos únicos de cada turma. Ao adotarmos essa postura de engajamento e improvisação criativa em nosso ofício, conseguimos de certo modo mobilizar os estudantes e estimular os jovens alunos a seguir em frente também ao longo dos três anos do ensino médio. Principalmente, ao nos depararmos com situações em que os educandos não colaboram com a proposta da aula e ao seguimento das regras institucionais da escola.

Podemos trazer também a reflexão proposta por Charlot (2000), em relação ao saber. Todo processo de aprendizado leva em conta a questão dos saberes e, nesse caso, ao realizar pesquisas

com o saber, buscamos “compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular” (Idem: 43). Refletimos sobre o próprio aluno como esse sujeito, protagonista de sua história, que vai moldando sua realidade a partir das experiências vividas em sala de aula, que refletem também suas vivências no mundo da vida.

Com essa situação relatada, assim como diversas outras experiências em sala de aula ao longo dos anos de trabalho como educador, nas escolas da rede de ensino do estado do Paraná, senti a necessidade de efetuar uma pesquisa que investigue como se dá o processo de aprendizado na disciplina de Sociologia, nas duas escolas onde leciono em Curitiba. Essa situação relatada simboliza e representa uma realidade educacional presente nas instituições escolares, tornando, portanto, o próprio aprendizado escolar o objeto de estudo dessa dissertação.

A escolha do aprendizado como objeto de pesquisa e análise se dá pela necessidade observada ao longo dos anos, dentro da sala de aula, dos processos, formas e maneiras pelas quais os alunos aprendem a disciplina de sociologia no ensino médio. Essa necessidade de compreender como ocorre o aprendizado em sala de aula visa a melhoria do próprio processo escolar, envolvendo os profissionais que atuam nas instituições, os alunos e a comunidade escolar.

Assim, partimos do pressuposto de que os alunos não se colocam na escola como indivíduos passivos e sim como sujeitos reflexivos, atores sociais com suas próprias opiniões e modos de pensar sobre a educação e a realidade do sistema capitalista atual. Desse modo, a partir do que se apresenta no contexto escolar e com o objetivo de tentar compreender melhor como ocorre o aprendizado e as dinâmicas do cotidiano educacional, utilizei o método etnográfico como forma de análise no presente trabalho. No próximo item, explico quais foram os fundamentos teóricos que serviram de base para as reflexões, a partir de autores que auxiliaram na construção da pesquisa.

1.1 As ferramentas de análise

Essa pesquisa tem como foco de análise a questão do aprendizado dos alunos tornando-se, portanto, necessário uma investigação que priorizasse o protagonismo deles, a partir da descrição de suas reflexões, opiniões e atitudes. Dessa forma, utilizo a Teoria do Ator-Rede (ANT)¹⁴ desenvolvida e proposta por Latour (2012) como um dos fundamentos teóricos da pesquisa. Nessa proposição, de uma “sociologia das associações” em contraposição ao que Latour denomina de “sociologia do social”, o autor coloca que os objetos, as ideias, as tecnologias e os seres humanos

¹⁴ A sigla significa *Actor Network Theory* em inglês. Em português, Teoria do Ator-Rede. Ao longo da dissertação optei por manter a sigla utilizada originalmente pelo autor.

têm a capacidade de agir e transformar as redes de sociabilidade no sistema de vida atual. Essa teoria aponta para outra perspectiva de interpretação do mundo social e coloca alguns questionamentos relevantes em relação às convenções e teorias tradicionais da sociologia.

Para Latour, o adjetivo “social” não pode ser construído como uma espécie de material ou domínio pronto e resolvido, assumindo a tarefa de fornecer a “explicação social” de algum outro estado de coisas. A teoria do autor coloca que o mundo social não deve ser tratado como algo estático ou um conjunto fixo de relações, como se já estivesse formado. Antes, Latour sugere pensar o social como redes entre humanos e não-humanos (objetos, tecnologias, espaços físicos, entre outros) de associações, construídas constantemente ao longo do tempo. Desse modo, o autor se propõe a “redefinir a noção do social remontando a seu significado primitivo e capacitando-o a rastrear conexões novamente” (2012: 18).

A teoria do ator-rede se encaixa na pesquisa devido à visão de que os atores nas instituições escolares (alunos, professores, funcionários, salas de aula) tem a capacidade de agir e transformar as redes sociais, ou seja, tudo que pode influenciar a formação de uma rede é considerada um “ator” social. Ao enfatizar a função do trabalho dos cientistas sociais, que deve ser a de *reagregar* o social, rastreando e descrevendo os processos através dos quais essas redes são construídas e fundamentadas, o autor propõe que devemos seguir, observar e descrever os atores em suas práticas cotidianas, para então compreender como eles conectam e desconectam os elementos e, assim, formam o mundo social por meio de associações (Idem: 53-60).

Na sala de aula em contexto escolar, existem muitas formas de relacionamentos formando essas redes de associações, seja entre alunos e alunos, alunos e professores, alunos e equipe pedagógica, alunos e funcionários e entre os próprios objetos presentes no ambiente educacional. Podemos citar a relação dos educandos com o espaço físico da sala de aula, com o quadro negro, os celulares, a cantina, as quadras poliesportivas, a área externa, entre tantos outros, por exemplo.

Assim, a proposta teórica de Latour nos ajuda a pensar como ocorrem essas conexões entre os indivíduos com os próprios indivíduos, com o espaço físico, com os objetos, bem como as relações entre eles, de modo a auxiliar na compreensão de como é construído o aprendizado da sociologia e a percepção dos alunos no ambiente escolar.

A partir disso, e para um melhor entendimento do que é estar em sala de aula, a presente pesquisa utilizou como ferramenta de análise a observação participante e a etnografia. A observação participante, ou observação direta, é um método que está presente desde o início das ciências sociais a partir da análise dos fenômenos estudados pelos fundadores que se afirmou como uma condição inicial da construção do saber nas pesquisas, principalmente por, ao menos inicialmente, manter um distanciamento entre o sujeito e o objeto de pesquisa (Jaccoud e Mayer, 1997: 254).

A etnografia enquanto um método de pesquisa auxilia, a partir da observação, descrição e posterior análise, na interpretação dos temas propostos em ambientes familiares ou exóticos. A questão do familiar e do exótico nas pesquisas antropológicas foram analisadas por autores importantes da antropologia brasileira, como Roberto Da Matta (1974) e Gilberto Velho (1978). O segundo coloca em seu texto que, numa pesquisa científica, “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (Velho, 1978: 12).

Essa colocação do autor é importante na medida em que, estando em um ambiente de trabalho (familiar) como a sala de aula, percebemos que não conhecemos a realidade total da vida dos alunos e conhecendo melhor alguma fração dessa realidade, podemos nos deparar com o exótico ou desconhecido também. Em relação à questão da familiaridade no processo da pesquisa etnográfica, o autor complementa que ela representa um tipo de apreensão da realidade em que as opiniões, vivências e percepções de pessoas sem formação acadêmica possam dar contribuições importantes para o conhecimento da vida social. Essas pessoas, nessa pesquisa, são os próprios estudantes das escolas públicas, que contribuem a partir da análise do processo de aprendizagem, com importantes reflexões para a melhoria da educação e do ensino atual.

Podemos citar também o trabalho de Mariza Peirano, “*A favor da etnografia*” (1995), em que a autora, a partir de uma discussão sobre os trabalhos de etnógrafos contemporâneos e clássicos, posiciona-se favorável à forma de pesquisa etnográfica. Ela argumenta que a etnografia permite uma compreensão mais profunda das complexidades culturais e sociais ao capturar nuances e dinâmicas que métodos puramente quantitativos não conseguiriam alcançar. Além disso, a autora enfatiza a necessidade de os pesquisadores, sejam antropólogos ou sociólogos, refletirem criticamente sobre sua própria posição e envolvimento no campo, reconhecendo que suas experiências e perspectivas influenciam a interpretação dos dados etnográficos.

Na conclusão do capítulo sobre a problematização dos trabalhos etnográficos de autores clássicos da antropologia, como Malinowski, Evans-Pritchard e Turner, a autora coloca-se a favor da etnografia e conclui que

(...) novas análises e reanálises virão para comprovar a fecundidade teórica do trabalho etnográfico. Elas certamente irão reforçar a convicção central dos antropólogos: de que a prática etnográfica — artesanal, microscópica e detalhista — traduz, como poucas outras, o reconhecimento do aspecto temporal das explicações (1995: 53).

Podemos afirmar que a abordagem etnográfica, com sua prática “artesanal, microscópica e detalhista”, visa auxiliar na tradução dos aspectos do aprendizado presentes no “campo” da sala de aula, trazendo, a partir dos próprios atores sociais, caminhos de resposta para a presente pesquisa.

Ao reconhecermos que a própria descrição da pesquisa, a partir das vivências e experiências escolares com os alunos e suas atividades, se traduzem em conhecimentos teóricos, adotamos a posição e o ponto de vista da autora sobre a etnografia debatido em seu artigo (2014), onde ela coloca que “etnografia não é método; toda etnografia é também teoria”. Para a autora a etnografia não é somente um método de pesquisa, uma simples ferramenta de análise, podendo o cientista social a partir de um bom trabalho etnográfico, interpretar a descrição como a própria teoria. Se os pesquisadores souberem utilizar seus trabalhos científicos, desenvolvendo a escrita com uma riqueza de detalhes ou, nas palavras da autora, “colocar no texto – em palavras sequenciais, em frases que se seguem umas às outras, em parágrafos e capítulos – o que foi a ação vivida” (Peirano, 2014: 383), teremos aí a teoria e a real compreensão do que foi observado, descrito e analisado. Ou seja, uma boa descrição é uma boa explicação.

A etnografia dentro do contexto escolar e de sala de aula foi debatida também por outros autores importantes da antropologia contemporânea. Nesse campo de discussão e debates entre a etnografia e os trabalhos educacionais, trago a noção de Dayrell (2017). A partir de uma exposição sobre o que seria a etnografia para alunos do mestrado em ciências da saúde, o autor coloca que ela é “um procedimento intelectual de produção de um conhecimento específico, intersubjetivo, orientado por referências teóricas específicas e densas, que é muito difícil de se realizar” (2017: 157). É na escola, com toda a diversidade cultural presente, permeada de relações subjetivas e realidades diferentes, que a etnografia e a própria antropologia se conectam, a partir das práticas de ensino e aprendizagem. Nesse mesmo texto, o autor cita a obra de Ingold (2015), refletindo que, para ele, as aproximações entre o antropólogo, a etnografia e seu objeto, se iniciam na sala de aula, quando o próprio cientista se depara com as leituras e discussões e adota uma postura de estudo “com” as pessoas¹⁵.

Desse modo, podemos retornar a teoria de Latour (2012) em relação ao método de pesquisa proposto pelo autor. Na sua Teoria do Ator-Rede, ele coloca que a utilização da pesquisa etnográfica é uma das formas mais eficazes na interpretação do mundo social, pois trabalha fundamentalmente com a descrição. Essa proposta teria como objetivo o processo de descrição do que se observa, das relações entre os indivíduos, do ambiente e do mundo social onde os atores se inserem, dando ênfase na captação da dinâmica e complexidade das redes, evitando conclusões superficiais sobre a natureza das relações sociais.

A seguir, apresento como se deu o processo da pesquisa e o contexto escolar das instituições de ensino onde elas ocorreram, o Colégio Estadual Paulo Leminski e o Colégio Estadual República

¹⁵ A sigla significa *Actor Network Theory* em inglês. Em português, Teoria do Ator-Rede. Ao longo da dissertação optei por manter a sigla utilizada originalmente pelo autor.

Oriental do Uruguai, com suas diferentes realidades, mas com muitas semelhanças também.

1.2 A pesquisa

Ao longo dos anos, em muitas das minhas aulas, utilizei as ferramentas tradicionais de ensino com aulas expositivas (o famoso quadro e giz), utilizando alguns artifícios à disposição, como apresentação de slides, músicas de diversos gêneros (rock, rap, reggae, mpb), textos complementares, trechos de filmes e as diferentes variações de formato em sala de aula, além de usar as chamadas metodologias ativas, atualmente exigidas pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR). Porém, percebe-se que mesmo com todos os recursos didáticos disponíveis na atual realidade e cotidiano da sala de aula, os alunos ainda apresentam dificuldades na compreensão dos conteúdos da disciplina de Sociologia.

A partir dessa demanda presente e visível na sala de aula, onde os próprios educandos no dia-a-dia escolar me comunicavam sobre a questão, optei por fazer este trabalho de pesquisa que prioriza o processo de aprendizagem dos alunos sobre a disciplina de sociologia. Essa pesquisa foi iniciada no ano de 2023, nos colégios estaduais Paulo Leminski e República Oriental do Uruguai, nos bairros Tarumã/Bairro Alto e Capão da Imbuia, com o objetivo de analisar, a partir de atividades propostas aos alunos, as percepções dos educandos sobre os conceitos e conteúdos ensinados, bem como as dificuldades de ensino encontradas no ambiente da sala de aula e os diversos temas que se apresentam no cotidiano e na cultura escolar desses jovens.

Em todas as turmas do 2º ano, nas duas escolas, no início de cada trimestre de 2023, os alunos eram convidados a responder uma pergunta sobre o aprendizado de sociologia que iria compor uma pesquisa do curso de mestrado do professor, com a entrega ao final de cada período¹⁶. A atividade foi aplicada para os alunos dos segundos anos do ensino médio dos dois colégios mencionados e consistia na seguinte pergunta: *O que eu aprendi em sociologia nesse trimestre?* Essa é uma pergunta aparentemente simples, mas que tem muito a dizer quanto ao aspecto subjetivo da realidade escolar e das instituições educacionais contemporâneas, como veremos a seguir no desenvolvimento dos capítulos. Assim, ao longo dos três trimestres, os alunos entregaram suas atividades com diferentes respostas. Delas foi feita uma seleção das mais relevantes para a composição do trabalho de pesquisa.

No Paulo Leminski, que atuo com aulas desde o ano de 2015, sendo este o colégio onde tenho

¹⁶ A questão da educação e do aprendizado nas disciplinas de humanas é um tema que gera muitas pesquisas e debates desde os autores clássicos da Sociologia, até os contemporâneos. Desse modo, em conversa com meu orientador, fui aconselhado a implementar essa atividade, que seria como um “fio condutor”, gerando também um material de análise no presente trabalho.

vínculo maior de carga horária de trabalho (20 horas), o contato com algumas turmas acontece desde o primeiro ano do ensino médio. A partir da última Reforma da Educação (2017), quando ocorreu uma reorganização do currículo escolar, a disciplina de sociologia não faz mais parte da grade de ensino dos anos iniciais. Em decorrência dessa nova realidade, trabalhei com os alunos o componente curricular de projeto de vida¹⁷ no ano de 2022 e aí sim, em 2023 e 2024, com sociologia.

No início desse ano de 2024, em uma das primeiras aulas, ao colocar o conteúdo programático e o planejamento no quadro com as atribuições de valores de atividades e avaliações, uma das alunas do 3º C do ensino médio, uma das turmas que acompanho desde o primeiro ano, sugeriu uma mudança na forma de avaliação do trimestre.

A proposta da aluna era que a avaliação fosse baseada na aplicação de uma pesquisa sociológica sobre o novo Ensino Médio na escola, onde os próprios alunos formulariam as perguntas, entrevistariam a comunidade escolar e apresentariam, posteriormente, os resultados coletados. Logo de início concordei com a ideia, pois ela estava de acordo com minha proposta de pesquisa da dissertação, além de utilizarmos outra ferramenta de avaliação, diferente do que habitualmente estamos acostumados, a tradicional prova objetiva ou discursiva.

Todo o processo de formulação das perguntas, a aplicação da pesquisa e a apresentação dos resultados em sala, ocorreu entre os meses de abril e maio de 2024, com as quatro turmas do terceiro ano que trabalho atualmente, as turmas A, B, C e D. É importante mencionar também o fato de que os alunos conseguiram mobilizar grande parte do corpo docente e discente na atividade, e não só essas categorias.

A pesquisa contou com a participação de alunos do ensino médio regular e dos cursos técnicos, do primeiro ao terceiro ano; professores de várias disciplinas, entre elas geografia, português, história, inglês, filosofia, matemática, sociologia; funcionários dos corredores, cozinha, portaria e secretaria; pedagogas do ensino regular e técnico e as próprias diretoras do colégio. A partir disso, fizemos a seleção das respostas mais significativas, em razão da grande participação da comunidade escolar.

Os resultados dessas duas atividades implementadas, inicialmente a pergunta sobre o aprendizado de sociologia em 2023, bem como a atividade de pesquisa efetuada pelos alunos sobre o Novo Ensino Médio, em 2024, forneceu o material para as interpretações e reflexões contidas

¹⁷ A disciplina de projeto de vida foi implementada a partir da última reforma do ensino médio e se configura como uma estratégia de aprendizagem, permitindo os estudantes a refletirem sobre seus objetivos a curto, médio e a longo prazo. Segundo a ficha técnica do referencial curricular do novo ensino médio, presente no site da Secretaria de Educação do Paraná, a disciplina ajuda a projetar nos alunos onde e como estes irão se desenvolver profissional e economicamente, além de auxiliar no fomento de seus sonhos e expectativas futuras. Fonte: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br> (acesso em 06/11/2024).

nesse trabalho de dissertação, que discuto nos próximos capítulos.

1.3 Os lugares da pesquisa

O meu interesse em efetuar um trabalho de pesquisa sobre o ensino da disciplina de Sociologia e o aprendizado dos alunos no ensino médio se aguçou no momento em que, estando na condição de professor em sala de aula, visualizando o atual formato pedagógico e o contexto político, refleti que poderia contribuir de alguma forma com a melhoria das condições escolares e dos atores envolvidos. Como colocado no início do capítulo, o tentar “fazer diferente” durante o trabalho escolar envolve certo desprendimento do formato padrão e tradicional e exige muito da atenção do professor e da escuta dos alunos, os principais protagonistas. E essa atenção, como colocada e discutida por Ingold (2020), está em atrair uma *correspondência* com o mundo ou nesse caso, com a própria sala de aula, atentando-se ao que ocorre nela dia após dia. Essa correspondência estaria em corresponder ou responder uns aos outros ao longo do tempo, não somente uma conversação ou troca, o que o autor coloca como “indo junto com” os atores, mas sim, um modo de se relacionar de um ser que habita no hábito e cuja postura é atenciosa (Idem: 46). É a partir desse atendimento da sala de aula, caminhando junto com os alunos, que a prática da correspondência ocorre.

Nesse sentido, o ambiente escolar faz parte do processo de aprendizado, bem como as metodologias e ferramentas utilizadas para a apresentação do conteúdo. As salas de aula fazem parte da escola, tendo essa instituição uma dimensão e uma importância muito grande na vida de toda comunidade escolar. A seguir, farei uma breve apresentação dos colégios que possuem grande relevância no contexto social da região norte e leste da cidade de Curitiba, o Colégio Estadual Paulo Leminski e o Colégio Estadual República Oriental do Uruguai.

1.3.1 O Colégio Estadual Paulo Leminski

O Colégio Estadual Paulo Leminski é uma das principais instituições de ensino que atuam atendendo os alunos e alunas na região norte e leste de Curitiba. Situado em uma das principais avenidas que ligam a capital com a região metropolitana, a Victor Ferreira do Amaral, o colégio atende principalmente os bairros Tarumã, Bairro Alto, Capão da Imbuia e Cajuru, além das cidades da RMC, como Pinhais, Piraquara e Colombo. Com uma localização privilegiada em relação a outras escolas e instituições de ensino na capital e a proximidade com o Detran, o Shopping Jockey e a

UniBrasil, fazem do Leminski¹⁸ uma das escolas modelos de referência na região.

A história do colégio começa no ano de 1993, quando funcionava uma antiga Unidade Social de nome Yvone Pimentel no edifício que é hoje a escola. Visando atender a demanda de outras escolas da região, já saturadas e incapazes de contemplar a quantidade de alunos que as procuravam, principalmente para o Ensino Fundamental, mas também para o Médio e Magistério¹⁹, a unidade foi transformada em escola, nascendo assim o Colégio estadual Yvone Pimentel.

Em 1994, a direção foi chamada pela SEED para mudar o nome da escola, pois havia naquele momento outra escola com o mesmo nome. A secretaria sugeriu uma homenagem a professora Hidegar Schmach²⁰, mas a direção apresentou dois outros nomes: Mario Quintana e Paulo Leminski. A partir de uma consulta com a comunidade escolar, o nome do poeta Paulo Leminski venceu com 584 votos²¹.

O ano de 1996 foi importante para a escola pois, contrariando as políticas federais e estaduais da época, e a direção e equipe pedagógica se baseando na legislação vigente, o colégio conseguiu manter a habilitação do curso de magistério, contando com o apoio da comunidade escolar e da Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF). É importante assinalar que essa organização entre os professores, alunos e a comunidade escolar tornou-se uma das características da escola. A questão da consciência de classe entre os educadores e funcionários, que ao longo dos anos participaram de muitas manifestações e movimentos de greve com as mudanças recorrentes na política educacional a nível estadual e federal, é um ponto a se considerar²².

Hoje, a escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e atende cerca de 2.500 estudantes, sendo muito conhecida pela oferta dos seus cursos técnicos e profissionalizantes, além

¹⁸ A utilização do sobrenome do poeta Paulo Leminski em referência ao colégio é uma forma carinhosa da comunidade escolar se referir à instituição. Fonte: anotações do caderno de campo em novembro de 2023. Fonte: <http://www.ctapauloeminski.seed.pr.gov.br> (acesso em 19/07/2024).

¹⁹ Hoje Formação de Docentes.

²⁰ Na época a secretaria de educação (SEED) sugeriu uma homenagem a professora, que também foi diretora do Colégio Bagozzi no início da década de 1970 até o início da década de 1990. A antiga diretora veio a falecer no ano de 1993.

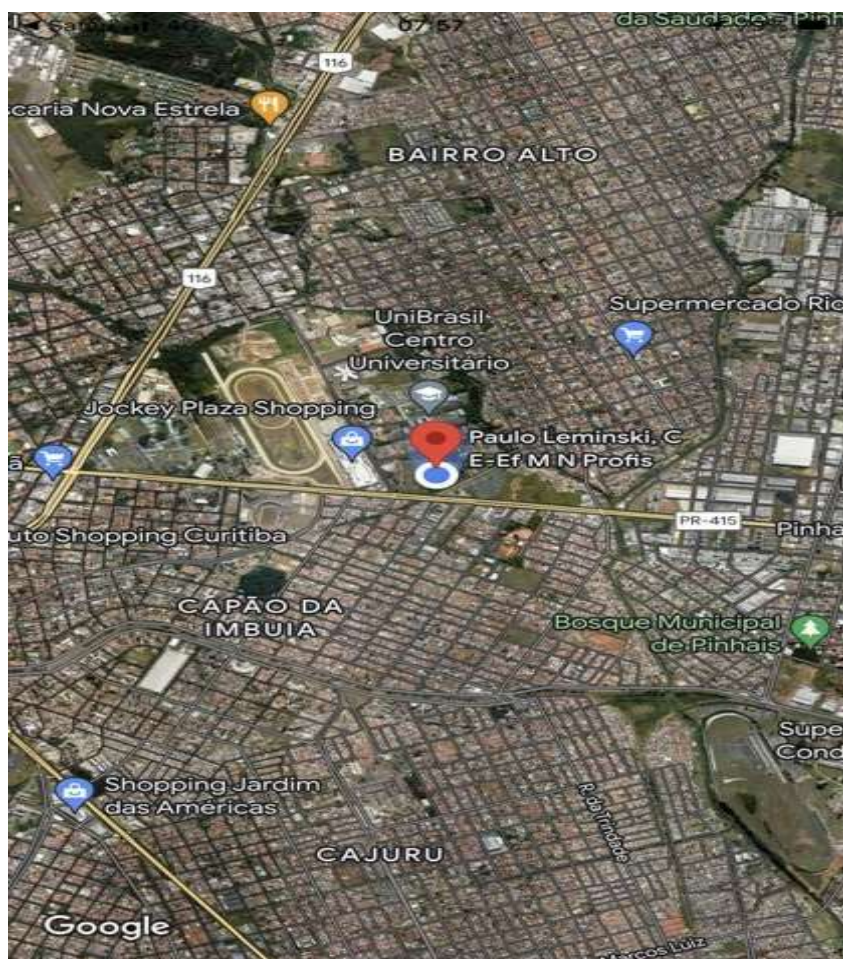
²¹ Paulo Leminski foi um dos grandes poetas e artistas brasileiros e que tem uma ligação muito forte com a capital paranaense por ter nascido aqui e devido ao parque da pedreira, espaço de shows e eventos conhecido como “Pedreira Paulo Leminski”. O currículo do artista é vasto e inclui poesia, traduções, escrita, filosofia, artes marciais (judô), música, composições, entre tantos outros atributos, permanecendo a figura desse grande personagem da cena artística e intelectual no imaginário da cidade.

²² A partir de 2015 com as imposições do antigo governo (Beto Richa), que culminou na última grande paralisação dos servidores da educação e agora no atual governo estadual, pode-se perceber certa desmobilização da categoria dos professores em relação as estratégias de manifestações e greves. Ao que tudo indica, devido a descrença no sindicato e suas ações na época e também às novas formas de punições do governo Ratinho Jr. (punição por faltas, escolha de diretores, etc.). Anotações do caderno de campo 06/11/2023.

de trabalhar com ensino fundamental e ensino médio regular. Nos três turnos, o colégio faz o atendimento de 89 turmas, sendo 83 distribuídas entre o ensino fundamental, o ensino médio, também organizado por blocos (bimestrais ou trimestrais) e os cursos de educação profissional.

Os cursos são uma das principais características da escola e entre eles temos os seguintes: Formação de Docentes Integrado, Técnico em Meio Ambiente, Técnico em Segurança do Trabalho, Administração, Desenvolvimentos de Sistemas Integrado e agora, a partir da reforma da última reforma do ensino médio, Marketing e Automotivo²³. É importante mencionar que a busca por matrículas no colégio ocorre ao longo de todo o ano, bem como a busca pelos cursos profissionais, e é por esse motivo que o espaço que compreende a secretaria de atendimento ao público na escola está sempre cheio de alunos, familiares e responsáveis.

FIGURA 01 – LOCALIZAÇÃO DO COLÉGIO PAULO LEMINSKI



Fonte: pesquisa no Google (Acesso em: 19/07/2023)

²³ Fonte: <http://www.ctapauloleminski.seed.pr.gov.br> (acesso em 19/07/2024).

Em relação a estrutura da instituição, o colégio possui: 02 mini auditórios equipados com cadeiras universitárias, laptop, multimídia, tela de projeção e som para ser utilizado nas aulas; 01 auditório para 200 pessoas, 01 ginásio poliesportivo coberto, 01 sala de dança, 05 quadras de esportes, 01 campo de futebol, laboratórios de química, ciências, física e matemática, 01 sala de arte, 01 biblioteca atualizada (livros de literatura, didáticos, científicos, quadrinhos, etc.), 01 sala de leitura, 02 laboratórios de informática, 01 refeitório, 14 banheiros, 01 cantina, 01 sala dos professores e 40 salas de aula.

FIGURA 02 – ÁREA EXTERNA DO COLÉGIO



Fonte: Imagens do autor.

O colégio possui uma estrutura muito bem conservada, tanto a parte externa da escola como a parte interna. As salas de aula encontram-se em bom estado, com algumas necessitando de pouca reforma (pintura, chão, janelas), variando de tamanho conforme a quantidade de alunos por turma e

possuindo basicamente um quadro, diversas mesas e cadeiras enfileiradas, ventiladores e o *educatron*. A disposição e o número de janelas variam conforme a turma e o curso. Em geral, temos salas com 25 a 40 alunos, dependendo do número de matrículas, que oscilam na procura entre os anos do ensino fundamental, médio e os cursos técnicos.

FIGURA 03 – SALA DOS PROFESSORES E SALA DE AULA



Fonte: Imagens do autor.

Em relação aos eventos que ocorrem ao longo do ano, temos principalmente a tradicional festa junina e os jogos interclasses. São os dois momentos de maior confraternização entre os estudantes e professores, além dos funcionários que participam ativamente dos dois eventos. A festa

junina mobiliza toda escola e os professores e alunos organizam as danças de quadrilha, vendas de alimentos, jogos, cadeia, casamento caipira, brindes e concursos de melhor roupa tradicional. Os jogos interclasses compõem as populares olimpíadas escolares que ocorrem tradicionalmente nas escolas públicas e particulares. São competições de diferentes esportes que ocorrem entre as turmas de diversos anos, normalmente no período de uma semana. Os jogos não são obrigatórios no calendário oficial das escolas e cada instituição define a melhor data para a efetivação do evento.

O colégio, ao oferecer uma diversidade de cursos técnicos, além da oferta dos ensinamentos fundamentais e médios e possuindo uma grande estrutura física, tem em sua clientela alunos de diversas realidades sociais. Desde alunos que moram em localidades mais carentes do Bairro Alto, Piraquara e Capão da Imbuia, até alunos que moram nas áreas de classe média do Tarumã, principalmente aquelas que fazem divisa com os bairros mais nobres da região, como o Jardim Social e o Alto da XV. Toda essa diversidade cultural e de classes sociais, faz com que as relações entre os atores na escola sejam muitas vezes harmônicas ou conflitantes também.

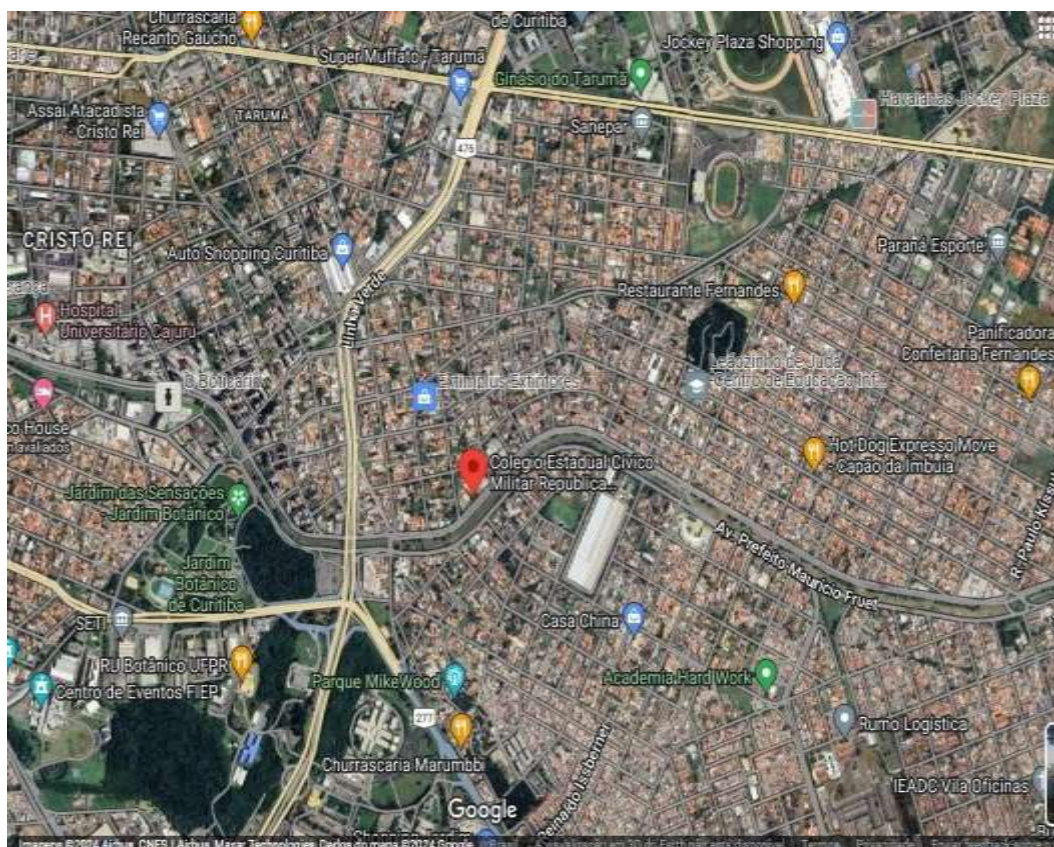
1.3.2 O Colégio Estadual Cívico-Militar República Oriental do Uruguai

Podemos falar inicialmente acerca do nome da instituição de ensino localizada no bairro Cajuru, tradicional bairro da zona leste de Curitiba. O nome da escola foi escolhido devido a visita de um general uruguaio de nome Marcelino Bergali, que passava no mês de maio de 1942 pelo Paraná em visita oficial ao Governo do Estado da época que resolveu então homenageá-lo, batizando a instituição com o nome do seu país de origem²⁴.

O colégio está na Avenida Presidente Affonso Camargo, no bairro do Cajuru, mas o registro de sua localização aparece, muitas vezes, como no bairro Capão da Imbuia pois, quando ocorreu sua fundação pela prefeitura de Curitiba, no dia 05 de maio de 1942, três instituições escolares estavam reunidas no local, uma antiga zona rural do bairro Cajuru, sendo inaugurada nessa data a Escola Municipal do Cajuru. O registro oficial na prefeitura está com a localização do bairro Cajuru, ocorrendo assim essa dúvida de localização. O bairro é atualmente um dos mais populosos de Curitiba, porém com a urbanização acelerada no processo recente de industrialização da capital paranaense, ficou destituído de políticas públicas básicas, como infraestrutura, saúde e esportes por algumas décadas, que contemplassem essa expansão urbana (Mendonça; Buffon; Castelhanos; Siteo, 2012: 279- 298).

FIGURA 04 – LOCALIZAÇÃO DO COLÉGIO REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAI

²⁴ Anotações do caderno de campo de 15/11/2023.



Fonte: pesquisa no Google (Acesso em: 23/07/2023)

Ainda sobre o histórico da escola, em 20 de outubro de 1942, em homenagem a antiga gestora, o nome da escola foi alterado para grupo Escolar República do Uruguai. Em 1956, a instituição, que fazia parte da rede municipal de educação, passa então a ser uma instituição de ensino estadual, devido algumas dívidas acumuladas²⁵. No ano de 1997, aconteceu mais uma mudança de nome, passando a se chamar, enfim, Escola Estadual República Oriental do Uruguai, hoje chamado de colégio, como a maioria das escolas estaduais do Paraná. Nesse período ocorreram também obras de manutenção e ampliação da estrutura, com mais salas de aula e a cobertura da quadra poliesportiva.

FIGURA 05 – ANTIGAS IMAGEM DO COLÉGIO URUGUAI

²⁵ Fonte: Acervo Curitiba Histórica. Escola Estadual República Oriental do Uruguai. Acesso em 23/07/2024.



Fonte: Acervo Curitiba Histórica / Escola Estadual República Oriental do Uruguai.

A instituição conta atualmente com 1.234 alunos divididos em 55 turmas, sendo 15 de ensino médio, 20 de ensino fundamental, 11 turmas de atividades complementares e 9 de atendimento educacional especializado. A escola possui também 01 secretaria de atendimento ao público, 02 salas de direção (civil e militar), 01 sala dos professores, 01 cantina, 01 sala de computação, 01 auditório para cerca de 100 pessoas, 01 quadra poliesportiva externa e outra coberta, 01 sala de recursos para atendimento de educação especial (alunos com laudo médico), 08 banheiros, 01 cozinha e 01 estacionamento.

Atualmente, o nome da escola é Colégio Estadual Cívico-Militar República Oriental do Uruguai. Foi no ano de 2019 que a gestão do governo Bolsonaro, pelo decreto 10.004 de setembro do mesmo ano, lançou as bases para a transformação das escolas do país em “cívico-militares”. No dia 20 de novembro de 2019, a antiga e desastrosa gestão, pela portaria 2.015, regulamentou a implementação do programa e, em 2020, o governo do estado do Paraná, sob a responsabilidade de Ratinho Jr., iniciou as negociações para transformar os colégios estaduais em escolas “cívico-militares”.

O governador do Paraná, seguindo a mesma linha ideológica de pensamento do governo Bolsonaro, votou, sob regime de urgência, o projeto de lei que originou a Lei 20.338, aprovada em

06 de outubro de 2020, instituindo o Programa Colégios Cívico- Militares no Estado do Paraná²⁶.

Com a previsão inicial de implementação do programa para 200 escolas no estado e com a promessa de investimentos em infraestrutura, uniformes-farda e um investimento de 80 milhões de reais, o governo realizou uma reunião às pressas no dia 26 de outubro de 2020, anunciando mais 16 escolas, agora somando 216 escolas incluídas no projeto. A “consulta” à comunidade escolar (diretores, pais, pedagogas) foi realizada no dia seguinte para explicar o que seria o projeto, e que as escolas escolhidas estariam vinculadas à polícia militar e não às forças armadas.

Seguiram-se três dias de votação nominal e com voto aberto. É importante mencionar que o processo de votação foi realizado de forma totalmente irregular e coercitiva, com os pais sendo cooptados já na porta da escola e coagidos com a propaganda do governo, estando os professores, funcionários e direção impedidos de se manifestarem de forma contrária, sob risco de punição e exposição indevida. A consulta foi prorrogada nos colégios que não tiveram coro suficiente até que o número mínimo para a aprovação fosse alcançado e, nesse processo, poucas escolas conseguiram resistir à implementação do projeto. No final, 199 colégios aderiram ao programa “cívico- militar”, com consequências desastrosas a nível de ensino, aprendizagem e de seguimento de normas e regras, que discuto posteriormente.

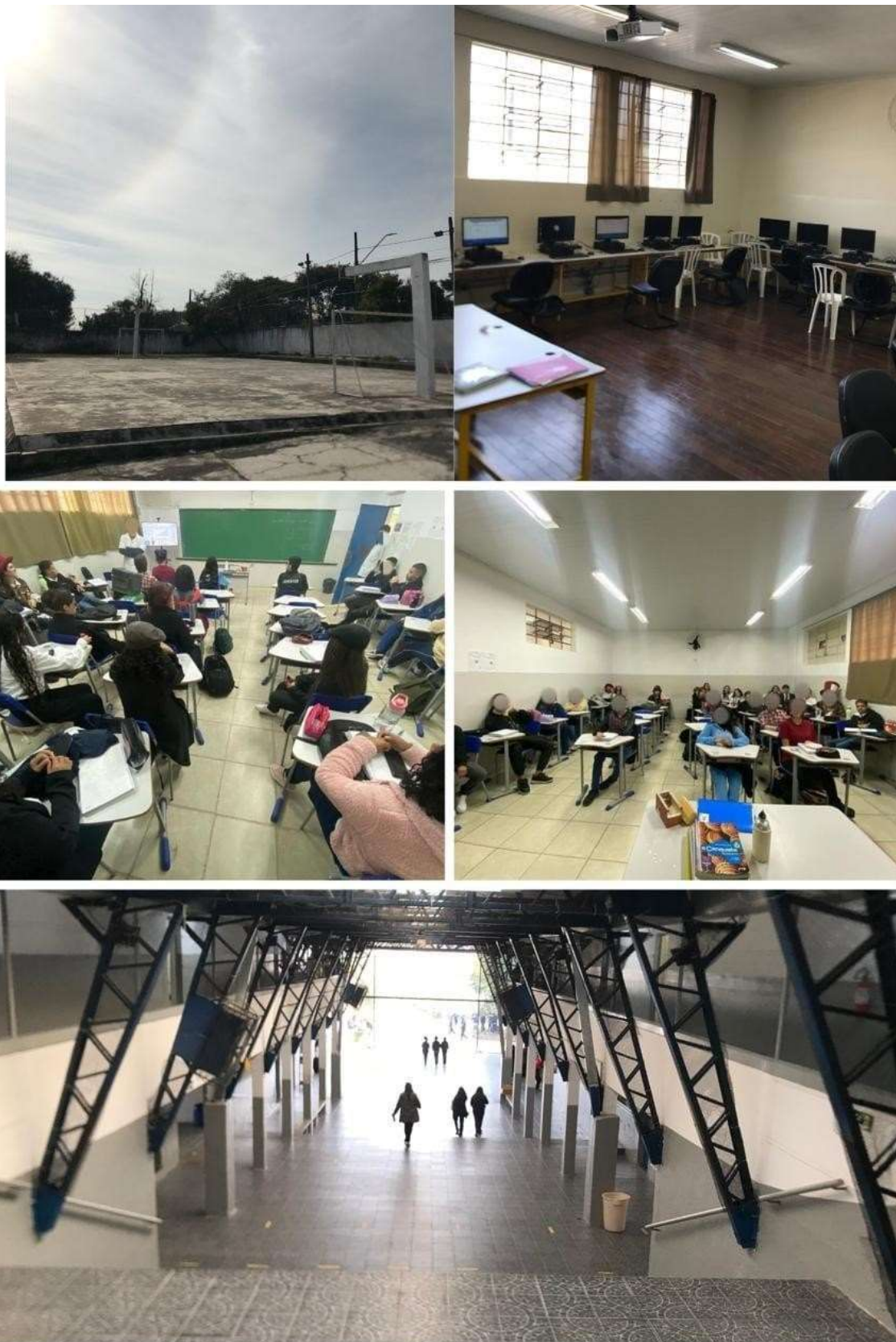
FIGURA 06 – COLÉGIO ESTADUAL REPÚBLICA DO URUGUAI

²⁶ CAMILO; NEVES; BELONI; DUTRA; p. 1132 (2023).



Fonte: Imagens do autor

FIGURA 07 – QUADRA EXTERNA, LABORÁTORIO DE INFORMÁTICA, QUADRAS E SALAS DE AULA



Fonte: Imagens do autor

1.3.3 O Novo Ensino Médio

Quando a minha jornada profissional se iniciou no ano de 2015, o meu projeto de futuro estava relacionado a outras vivências e objetivos profissionais, como colocado no início do capítulo. A partir da redistribuição de aulas com a implementação do Novo Ensino Médio, expressa na Lei 13.415 de 16/02/2017, que promoveu alterações radicais na proposta da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) no governo de Michel Temer, minha situação em relação ao fechamento de carga horária da disciplina, assim como a da maioria dos professores de sociologia do estado, ficou comprometida. Se antes conseguíamos completar as horas de trabalho no mesmo colégio, com a mesma disciplina e o currículo distribuído ao longo de três anos com duas aulas semanais, na nova conjuntura isso não era mais possível.

Assim, tive que complementar a carga horária de aulas com as disciplinas de projeto de vida, ensino religioso e sociologia, quando elas estavam disponíveis no Leminski, e nas chamadas “aulas extraordinárias” em outras escolas. Meu contato com o Colégio República do Uruguai iniciou-se em 2023, visto que o complemento da carga horária no Leminski tinha sido com a disciplina de projeto de vida e, pessoalmente, buscando manter o compromisso com a causa social e com a sociologia, fui buscar outras experiências, além de um complemento da minha renda pessoal, em outra escola.

A partir dessa última reforma iniciou-se um processo de perda significativa da qualidade de ensino que foi observado pelos docentes e discentes das escolas públicas no país, não ocorrendo diferente no estado do Paraná. No artigo de Santos e Martins (2021) sobre a questão do novo ensino médio e as consequências para a formação dos jovens, as autoras colocam que as reformas educacionais estão alinhadas a organismos internacionais como o Banco Mundial e a OCDE, entre outros. Isso gera a redução da educação a um insumo econômico, ocorrendo a subordinação de um currículo direto ao mercado de trabalho com os alunos submetidos a condição de meros aprendizes, articulando o sistema de ensino com a finalidade desse mesmo mercado. As mesmas autoras citam Freitas (2012) onde este coloca que este novo currículo limita e restringe os conteúdos escolares para as classes trabalhadoras culminando numa espécie de “currículo minimalista”, formando sujeitos adaptados e com comportamentos adequados a “nova sociabilidade” do capital (Idem, 2021). Segundo Ferreti (2018), desde o início do debate (ou a falta dele) sobre a reforma do ensino médio e sua implementação a partir de uma medida provisória, conseguimos identificar com a ocorrência dos fatos, a forma autoritária de como todo o processo ocorreu.

Apesar de iniciadas as discussões no ano de 2013 (Projeto de Lei 6840/2013), no governo da presidenta Dilma Rousseff e, sendo parte de um projeto de reforma já programado há alguns anos, a reforma implementada em 2017 carregou forte influência de setores da sociedade civil

identificados com o empresariado nacional que exerciam influência sobre o MEC (Ministério da Educação), adequando a educação brasileira a seus interesses de natureza financeira e política.

O próprio objetivo da reforma, implícito na PL 13.415/2017, de deixar o currículo mais flexível atendendo aos interesses dos jovens do ensino médio, pauta-se em duas justificativas principais, como a baixa qualidade do ensino médio e a necessidade de torná-lo mais atrativo aos alunos em vista dos altos índices de abandono e reprovação, algo que não se sustenta do ponto de vista educacional. A primeira justificativa não se relaciona somente ao ensino médio atual, sendo consequência de um longo processo histórico nas instituições educacionais que se agravou nos últimos anos, como demonstra Meucci (2015) ao abordar as experiências remotas e recentes na educação pública brasileira. A segunda justificativa acaba por se tornar equivocada, pois atribui o abandono e a reprovação dos alunos à organização curricular, sem levar em conta todos os outros aspectos envolvidos no contexto escolar e individual dos alunos, como a infraestrutura, o auxílio da renda familiar em casa, a violência familiar, a gravidez na adolescência, a ausência de diálogo entre os professores, alunos e equipe docente e também os inúmeros casos de violência no ambiente escolar (física, psicológica, de gênero, racial, etc.).

Segundo Almeida (2020), a reforma do ensino médio acabou por alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelecendo mudanças significativas na estrutura e no funcionamento do Ensino Médio, ampliando para os estudantes o tempo mínimo de permanência na escola de 2.400 horas para 3.000 horas anuais, ofertado de forma progressiva. Essa ampliação acarretou em mais uma aula diária no currículo, a “famigerada” sexta aula, que prejudica diariamente o desempenho dos estudantes e abala a qualidade da saúde dos educadores também²⁷. Outro fator a se pontuar na reforma é a questão da flexibilização da organização curricular, de modo a contemplar a organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e propondo a possibilidade de escolha aos estudantes, os chamados itinerários formativos. Com o intuito de preparar o aluno para o mundo do trabalho, esses itinerários oferecem a formação profissional e técnica aos estudantes e colocando a obrigatoriedade de carga horária de 1.800 horas para o núcleo comum e 1.200 horas para os itinerários formativos.

Dessa forma, podemos perceber que, no âmbito estadual, na antiga gestão Richa, os

²⁷ A partir da reforma do último ensino médio, houve um aumento da carga horária com a implementação de novas disciplinas como educação financeira, pensamento computacional e projeto de vida. A partir de março de 2022 todas as redes de ensino no país tiveram que ofertar 1000 horas anuais no ensino médio, totalizando 3000 horas, sendo 1800 horas para a formação geral básica e 1200 horas para os itinerários formativos. Desse modo, a Secretaria de Educação apresentou três propostas de implementação: a oferta da 6ª aula em um único dia de contra turno (sábado), a oferta da 6ª aula no mesmo turno todos os dias e a complementação no modelo EAD (ensino à distância) por meio de suporte pedagógico e tecnológico. A maioria das escolas optou pela 6ª aula. Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio-descontinuado>. Acesso em 11/11 2024.

interesses do empresariado estiveram sobrepostos às demandas urgentes de uma reforma que levasse em conta os reais problemas existentes na educação pública estadual. Já a atual gestão de Ratinho Júnior, em seu segundo mandato, não só segue a mesma linha ideológica de fortalecimento da esfera privada na educação pública, como intensifica de forma rápida e autoritária as políticas orientadas pelo interesse do empresariado.

O antigo secretário de educação do Paraná, Renato Feder, um empresário paulista do ramo da tecnologia, assumiu o cargo com a promessa de “revolucionar” a educação pública. Ficou famoso por suas falas autoritárias e fora da realidade escolar, comparando a educação do Paraná com o tipo de ensino implementado em países como a Finlândia e a Suíça, demonstrando nenhuma experiência com o cotidiano das instituições públicas e as demandas da comunidade escolar. Já o atual secretário, Roni Miranda, apesar de ser um profissional da educação que já atuou em sala de aula na rede pública, segue a mesma linha de pensamento ideológico do grupo empresarial do governador Ratinho Júnior.

A partir do que se apresenta atualmente no contexto educacional do Paraná, podemos perceber que todo esse processo político da reforma educacional iniciado na gestão Temer, com o golpe de 2017, as consequências nas escolas estão sendo sentidas diariamente. E nesse ano de 2024 a comunidade escolar sofreu mais um golpe na atual gestão Ratinho Júnior com o anúncio do projeto “Parceiros da Escola”. O Projeto de Lei 345/2024 autoriza a terceirização (privatização) de inicialmente 200 escolas no estado do Paraná, podendo se estender futuramente a toda rede estadual de ensino, prevendo a ingerência das empresas na parte pedagógica, acabando com as eleições para diretores e submetendo os servidores do Estado às ordens do empresariado. Esse projeto está diretamente ligado à linha ideológica e à política neoliberal da atual gestão, poupando somente, segundo o artigo 3º da proposta “as instituições de ilhas, de aldeias indígenas e comunidades quilombolas, da Polícia Militar, das unidades prisionais, que funcionem em prédios que não pertencem ao governo e nas que participem do Programa Cívico- Militar”.

Por parte da categoria dos professores e funcionários das escolas, houve contestação em relação ao projeto e foi deflagrada uma greve no último dia 03 de junho com apoio da comunidade escolar. Como mais uma vez não houve tempo para se debater a proposta do projeto, que se tornou público a partir do vazamento da lista dessas escolas, e visto a gravidade do processo e suas consequências para a educação pública, houve forte adesão da categoria, em resposta também aos constantes ataques ocorridos nos últimos anos. Com a mobilização de mais de 5.000 pessoas, contando com professores, funcionários, estudantes e com o apoio do sindicato (APP), a paralisação tinha o objetivo de acompanhar a votação do projeto no dia 27 de maio e se possível, barrar a proposta na Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP).

O que se viu nesse recente episódio foi, mais uma vez, a forma não democrática com que o

governo lidou com a situação, pois ao não permitir a participação de um número suficiente de pessoas na Assembleia, ocorreu a entrada dos manifestantes e a ocupação do espaço. O resultado foi a saída dos deputados do plenário às pressas e ocorreu a votação e aprovação on-line do projeto, por parte dos políticos alinhados ao governo que constituem a maioria, infelizmente, no mesmo dia 03 de junho. Algumas escolas já haviam aderido ao projeto de forma “piloto” com experiências nem um pouco positivas ou produtivas em relação ao processo pedagógico e administrativo dessas instituições, demonstrando que, na prática, o projeto visa o lucro das empresas aliadas ao grupo político do governo estadual²⁸.

Podemos perceber dessa forma que o contexto escolar a partir da implementação da reforma do ensino médio não se encontra nas condições ideais de um aprendizado que possa beneficiar o desenvolvimento intelectual dos estudantes, em qualquer disciplina ou área do conhecimento. Seja nas áreas das ciências humanas ou mesmo nas disciplinas de ciências exatas ou biológicas, como relatado por colegas professores e observado no dia-a-dia do cotidiano escolar.

Desse modo, ainda sem estar na lista de escolas escolhidas para estar no projeto cívico-militar ou no programa parceiros da escola, o Paulo Leminski permanece resistindo aos constantes ataques à educação pública, estando os professores e a comunidade escolar com um sentimento misto de indignação, pessimismo e desesperança em relação ao futuro das escolas no Paraná. E no caso de outras escolas, como o Colégio Cívico-Militar República Oriental do Uruguai, que se encontram sob a experiência de um modelo que é considerado por muitos especialistas como retrógrado e atrasado, sob o ponto de vista pedagógico e comportamental, demonstram que o efeito da reforma, aliado ao programa cívico-militar²⁹, resulta em vários problemas nas instituições tanto a nível institucional, como no aprendizado por parte dos alunos³⁰.

E nesse contexto escolar apresentado, com a implementação do Novo Ensino Médio, já demonstrando suas consequências a curto prazo, aliado a imposição de projetos com viés mercantilista e ideológico de um governo de direita que não dialoga com a comunidade escolar, que esse trabalho de pesquisa foi desenvolvido.

²⁸ Fonte: [Não são 200, “Parceiro da Escola” autoriza privatizar praticamente TODAS as escolas da rede estadual do Paraná \(appsindicato.org.br\)](https://appsindicato.org.br). Acesso em 25/07/2024.

²⁹ Sobre os Projeto Cívico-Militares em escolas ver Souza (2021), Franzin (2023) e Camilo; Neves; Beloni; Dutra (2023).

³⁰ Fonte: [Projeto Parceiro da Escola só trouxe retrocessos nas duas escolas em que foi implantado \(appsindicato.org.br\)](https://appsindicato.org.br). Acesso em:25/07/2024.

CAPÍTULO 2

O TRABALHO E OS CAMINHOS DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA

Neste capítulo, iniciaremos o relato da pesquisa etnográfica a partir da descrição do cotidiano escolar, da vida do educador, da fala dos funcionários e dos alunos e, também, do contexto de sala de aula. Esse relato tem vistas a contextualizar e auxiliar na compreensão do objetivo principal desta dissertação, que é o aprendizado em sociologia no ensino médio, a partir das respostas dos alunos das duas escolas analisadas e suas realidades distintas. Após o relato dessa descrição, partimos para a análise das respostas da atividade proposta aos alunos ao final dos dois primeiros trimestres em 2023. A atividade consistiu numa pergunta simples a ser respondida ao final de cada trimestre “*O que eu aprendi em sociologia nesse trimestre?*”.

A partir dos conteúdos que constam no Registro de Classe Online, o RCO, e das respostas trazidas pelos alunos com os temas do planejamento, o capítulo está organizado em dois momentos relativos aos dois primeiros trimestres do ano letivo. Os temas estão relacionados às teorias dos autores clássicos da sociologia, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, além do conceito de trabalho, que faz parte do contexto histórico de surgimento das ciências sociais e das discussões e debates acerca da era da Revolução Industrial, assim como aos métodos de pesquisa sociológica desenvolvidos nas obras dos fundadores.

A organização temática do trimestre foi feita de forma a facilitar o entendimento e o desenvolvimento da compreensão do processo de aprendizado dos educandos ao longo do ano, a partir de seus próprios pontos de vista. A ideia é investigar com a etnografia como se dá esse processo de aprendizado, utilizando a proposta teórica de Latour (2012), e mapeando essas conexões entre indivíduos, espaço físico, objetos e as diversas relações entre eles no ambiente escolar.

Começaremos com as atividades dos alunos do Colégio Paulo Leminski e, depois, com as atividades dos alunos do Colégio República do Uruguai, para em conjunto fazermos um comparativo entre as respostas de modo a auxiliar nas reflexões sobre o aprendizado escolar na disciplina de sociologia. A ideia é trazer as reflexões sobre o ensino da disciplina no ensino médio, analisando as respostas de modo a identificar pontos em comum e diferenças que possam auxiliar na elucidação do processo de ensino e aprendizado nessas duas escolas da rede estadual, que se encontram em bairros próximos e com perfil de estudantes semelhantes e na mesma faixa etária. As atividades do terceiro trimestre serão analisadas no próximo capítulo, bem como a atividade relativa ao novo ensino médio que os próprios alunos implementaram no Colégio Paulo Leminski.

2.1 A rotina, uma funcionária principal e a turma do 2ºC

Era uma segunda feira de algum dia do final do 1º trimestre de 2023, entre 5:00 e 5:30 da manhã, quando acordo com o despertador do celular e aquela preguiça característica de todo trabalhador que levanta diariamente. O hábito adquirido morando numa república de amigos por sete anos me permitiu ter a disposição de, mesmo em dias frios e cinzentos do outono em Curitiba, levantar da cama, esquentar a água e tomar meu chimarrão antes da aula. É nesse momento diário que organizo as minhas ideias, planejo os afazeres do dia e da semana e, até recentemente, ainda conseguia tempo para fazer uma sequência de respirações da arte chinesa do Tai Chi Chuan chamada *Baduan Jin* (oito brocados de seda)³¹.

Com a mudança de currículo do Novo Ensino Médio, quase não sobra tempo antes da aula para me dedicar aos exercícios, visto que o horário de início das aulas no ano de 2023 era às sete e vinte e, agora em 2024, fixado no horário das sete e dez da manhã. E esses dez minutos a menos na rotina diária fazem uma grande diferença, seja em relação ao trânsito de veículos matinal ou em relação ao tempo dedicado ao café da manhã.

Em minha memória ainda lembro do antigo diretor do Colégio Paulo Leminski, o Joaquim³³, alertando-me e outro professor quanto ao horário e os atrasos no primeiro dia de aula em fevereiro de 2015:

O horário é 7:20 em sala de aula! O padre não pode chegar depois que começa a missa.

A questão do tempo sempre foi um desafio na vida dos educadores, o que pude perceber logo nos primeiros dias de trabalho.

O caminho de ida é longo até o Colégio Paulo Leminski. Do Santa Cândida, atual morada, até o Tarumã, levo cerca de vinte e cinco minutos, dependendo do dia e do horário de saída. A cidade cresceu, com mais pessoas nos bairros, mais veículos nas ruas e, conseqüentemente, mais movimento no trânsito. No trajeto, vou escutando o rádio, hábito herdado dos meus pais, me tornando aquela pessoa que achei que nunca seria, um ouvinte da rádio *CBN* (Central Brasileira de Notícias), de modo a obter um maior número de informações para depois compartilhar e discutir em sala de aula os temas relevantes da atualidade com os alunos.

³¹ O Tai Chi Chuan ou *Tai Ji Quan* (mandarim) é um dos mais de 400 estilos de Kung Fu, uma arte chinesa milenar baseada nos movimentos marciais de autodefesa, treinados de forma lenta e aplicados de forma rápida, com o objetivo de ter uma máxima efetividade em combates corpo-a-corpo. Ao longo de 24 anos, venho ensinando e praticando kung-fu (Hung Gar, estilo tigre) e Tai Chi (estilo Yang) com aulas numa sede particular representando uma família marcial de Santo André, a Família do Tigre. Ensino essas duas artes para os alunos em algumas aulas práticas, de modo a desenvolver o foco e a atenção, no Paulo Leminski. Ao longo do trabalho, como já mencionado em relação aos alunos, optei por trocar os nomes de diretores, funcionários, pedagogos e professores), de modo a preservar suas identidades.

Essa prática diária auxilia a manter a mente ativa até a hora de entrada nas aulas e ajuda no desenvolvimento de muitas pontes de ligação teóricas entre os conteúdos do planejamento escolar com o que está ocorrendo no país e no mundo. A adoção dessa prática auxilia na compreensão do que Dayrell (2007) coloca como a condição juvenil em sua dupla dimensão, a social, onde a própria sociedade atribui significado e sentido a esse momento da vida, e a própria situação vivida pelos alunos em seus diversos recortes de classe, etnia, gênero, entre outros.

Há de se considerar essas realidades, de modo a contemplar as diferenças individuais na prática de ensino e no aprendizado do ensino médio. E os temas que havíamos desenvolvido ao longo do trimestre estavam conectados com a realidade dos alunos, como os conceitos e métodos da sociologia clássica de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim e o mundo do trabalho, a partir dos exemplos utilizados nas explicações de sala.

Logo na entrada da escola, após vencer o trânsito na frente do portão principal, com seus carros, ônibus, vans escolares, bicicletas, skates e alunos a pé, na calçada ou na rua mesmo, dou bom dia para a dona Carmelita. No meio do agito habitual que faz parte do cotidiano de praticamente todas as entradas das escolas públicas do Paraná, no Leminski essa funcionária se destaca. Ela faz parte da categoria agente 01 de funcionários da rede pública do estado. Atuando há anos na instituição, é uma mulher afrodescendente, mãe e avó, na faixa etária dos sessenta anos e em vias de se aposentar. Carmelita já vivenciou muitos acontecimentos em sua vida, bem como as muitas fases do colégio, e conhece os alunos e a maioria dos professores pelo nome.

Muito ativa e competente na sua função de zeladora e coordenadora dos funcionários (limpeza, entrada e saída, logística, recebimento de materiais, corredores, entre tantas outras ocupações), alguns professores e servidores antigos falam que ela “dá as ordens mais que a diretora” e que quando se aposentar “construirão um monumento em sua homenagem”³². Além de todas as funções desenvolvidas, ela complementa sua renda com a venda de doces, bolos, panetones e empadões que alimentam as confraternizações do colégio e se insere na categoria dos tantos atores sociais fundamentais para o funcionamento da escola, na complexa rede de relações do Colégio Paulo Leminski.

É nesse ponto que começo a rastrear as conexões da rede de atores proposta por Latour (2012), com o objetivo de investigar o processo de aprendizado em sala de aula e não considerar esses indivíduos como simples informantes na pesquisa etnográfica. O que dona Carmelita com todo o seu conhecimento e experiência na instituição pode nos indicar acerca do processo de aprendizado no ensino médio do Paulo Leminski?

³² Anotações do caderno de campo em 17/04/2023.

Logo ao chegar um pouco apressado devido ao atraso na saída de casa, vou entrando na escola e já escuto dona Carmelita falando num tom de voz mais alto, uma das suas principais características, com os alunos:

Cadê o uniforme menino? Vou te mandar pra casa! A entrada é por aqui meu filho, aí é só para os professores...

A funcionária, com sua fama de liderança e personalidade forte, olha para uma aluna e diz:
Venha me dar bom dia minha filha ou está de mal comigo? A aula já vai começar...

E ao me avistar chegando com certo atraso, ela fala em tom de voz mais alto e agressivo:

Professor! Mais devagar! Que velocidade é essa? Quer atropelar eu e os alunos?

Tá louco? Que é isso?

Essa é a Carmelita. Sincera, direta, objetiva e muito autêntica em sua forma de lidar com os outros. Sejam eles professores, funcionários, pedagogos e até mesma com a direção, segundo relatos da comunidade escolar. Nesse momento respondi me desculpando, com um bom dia sem jeito e um sorriso discreto, para logo entrar na instituição, posicionar o dedo no ponto eletrônico e iniciar as atividades escolares.

E nesse quase final de primeiro trimestre, já estava com o foco nas atividades de finalização e atribuição de notas para as turmas e a aplicação da atividade que me auxiliaria a compor a análise etnográfica para a dissertação de mestrado. Nesse contexto, somado às contingências atuais marcadas por um grande número de turmas – doze em 2023 – com duas aulas por semana e ao tempo de cinquenta minutos, os quais efetivamente transformam-se em cerca de trinta minutos de tempo útil, em vista da organização da sala, chamada via RCO ou celular e atribuição do conteúdo (quadro, slides, etc.), chego na turma do 2º C do ensino médio.

No dia-a-dia escolar levo comigo o hábito de dar bom dia para as pessoas, desde os funcionários da escola, as pedagogas, as diretoras e aos alunos. Seja por acordar bem cedo e tomar a erva-mate em forma de chimarrão hábito herdado da vivência coletiva com os colegas que dá uma revigorada, ou por característica de minha personalidade, algumas pessoas me retribuem com a saudação matinal:

Bom dia professor!

E respondo:

Bom dia meu piá! Bom dia menina!

E logo outro aluno:

Olá prof... hoje teremos aula lá fora?

Pergunta frequente depois de experimentarmos outra metodologia na grande área externa do Leminski. Respondo então:

Vamos ver... primeiro tenho que dar conta do conteúdo em sala.

Alguns alunos sempre vêm até mim para me cumprimentar e sempre busco retribuir a gentileza. Mas tem alguns dias que cumprimento e não sou retribuído, seja pelo clima frio ou principalmente pela questão do horário de entrada. Esse horário estava fixado em sete e vinte da manhã por determinação da equipe pedagógica e dos próprios professores, em vista da carga horária das disciplinas, em 2023. A partir do Novo Ensino Médio, tornou-se um dos fatores que vem a prejudicar a concentração e o rendimento escolar dos alunos nas escolas, como veremos no capítulo 3.

Um estudo feito por pesquisadores na Suíça em 2022³³ demonstra que atrasar o horário de entrada nas escolas auxiliaria na melhora da saúde dos alunos e no rendimento intelectual deles. O estudo feito após o lockdown da epidemia da Covid-19 coloca que há uma diminuição maior do consumo de cafeína e de outros estimulantes por parte dos adolescentes. Infelizmente a curto e médio prazo não há previsão de que essa mudança ocorra no Brasil. Seja como for, muitos alunos ou faltam na primeira aula ou simplesmente dormem durante o período letivo, fato que ocorre também na turma que vou relatar e iniciar a reflexão e análise das respostas sobre o aprendizado na disciplina de sociologia, o 2º C do Paulo Leminski.

O 2º C é uma turma considerada pela equipe pedagógica como agitada e com um rendimento escolar mediano em relação às notas na maioria das disciplinas. Venho fazendo um acompanhamento desses alunos desde 2022, quando estavam no 1º ano, desenvolvendo com eles a disciplina de Projeto de Vida. Os alunos gostaram da forma como ocorreu o andamento das aulas, e a partir dos conteúdos do planejamento como autoconhecimento, liderança, ética e inteligências múltiplas, por exemplo, conseguíamos dialogar constantemente. Além disso, consegui programar momentos de aulas externas, em que compartilhei o conhecimento das artes marciais chinesas (Kung Fu e Tai Chi Chuan) e alongamentos nos bosques e nas salas de dança da escola.

Em 2023 iniciamos o trabalho com a matéria de sociologia, que conta com um conteúdo teórico mais denso comparado aos de Projeto de Vida. Tenho a impressão de que as disciplinas de humanas permitem um diálogo maior com os adolescentes, visto que elas são fundamentadas no debate e no pensamento reflexivo. Mas isso depende do método de ensino, cabendo ao educador criar uma sensibilidade com cada turma, atuando como um “facilitador” do conhecimento e buscando ser correspondido no dia-a-dia escolar.

Dessa forma, podemos pensar no conceito de correspondência na educação proposto por

³³ Fonte: [Por que pesquisadores defendem início de aulas mais tarde após experiência de lockdown - 10/01/2022 - UOL VivaBem](#) (acesso em 26/12/2024).

Ingold (2015), entendendo-o como o “modo de se relacionar de um ser que habita no hábito e cuja postura é atenciosa”, o “atender uns aos outros” na medida em que caminhamos juntos no ambiente escolar. A correspondência é muito importante quando estamos nos relacionando com jovens estudantes adolescentes no atual contexto escolar que exige cada vez mais atenção e empatia uns com os outros. Ainda mais dentro da sala de aula, onde eles são os principais atores sociais que fazem a aula funcionar ou não. E isso está diretamente relacionado ao aprendizado escolar.

Ao caminhar pelo corredor já posso escutar o barulho das várias salas do ensino médio, cada qual com sua diversidade de indivíduos, culturas, sons, cores, cheiros, músicas, elogios ou palavrões, barulhos e silêncios. Na chegada ao 2ºC, cinco alunos que me aguardavam do lado de fora, ao me avistar de longe, comentam entre eles que “o professor veio pra aula”, enquanto outros apontam para o pulso já remetendo a um relógio e o horário de chegada. Esse ato é uma brincadeira dos alunos com os professores em relação ao horário, já que durante a troca de turmas, ou mesmo na chegada para a primeira aula, ocorrem pequenos atrasos de alguns minutos.

Os cinco alunos me cumprimentam, um a um, batendo na mão com soquinhos ou com o cumprimento típico da cultura do skate e das ruas, com os dedos entrelaçados³⁴. Entrando na sala já identifico, a partir de uma breve leitura do ambiente, a forma em que a aula irá ocorrer. No fundo posso ver uns dois alunos dormindo, uns três jogando baralho e a maioria em pequenos grupos conversando ou atentos ao celular. Uma sala totalmente dispersa do ponto de vista da pedagogia tradicional. E a fala vem de uma aluna, a Gisele, que senta sempre nas primeiras carteiras:

Hoje você não vai passar nada né professor?

Seguida da fala da Karina, que senta ao seu lado:

Bora professor! Aula lá fora hoje hein?

Só nessa entrada de cinco minutos na sala uns dois alunos me pediram para ir ao banheiro e um deles já estava no corredor no meu aguardo da chegada. Dou um bom dia geral pra turma, peço para sentarem, digo para Henrique que logo libero para suas funções fisiológicas e olho para as duas alunas na minha frente para comunicá-las:

Meninas hoje como estamos chegando no final do trimestre faremos uma atividade em sala após eu passar o conteúdo. A atividade é sobre o que vocês aprenderam nesse trimestre!

Ouve-se um sonoro “Ah professor!”, seguido da fala clássica, proferida por Karina:

³⁴ A saudação ou cumprimento entre os alunos é algo importante a se destacar. Ao longo das gerações, as formas de cumprimentar uns aos outros vai se alterando na medida em que a sociedade e a cultura mudam também. Por gostar da cultura de rua, me vestir no estilo *streetwear* e praticar a modalidade do skate, algo que já comunico no primeiro dia de aula para as turmas, os alunos que se identificam me cumprimentam com esse código social.

Mas vai valer nota prof?

Peço gentilmente para que fique calma e digo que não valerá nota. Dou uma olhada fixa para a turma em silêncio, no meio do caos, para adotar a melhor estratégia de ação, sem perder a tranquilidade e a condução da aula, comunicando em tom de voz bem alto para que a mensagem possa chegar ao fundo da sala:

Pessoal, primeiramente bom dia! Vamos todos sentar que preciso dar um comunicado sobre a aula de hoje.

Quase nenhum efeito prático. Poucos se sentam e alguns alunos nem olham para mim, fixados na tela do celular, principalmente os do fundo da classe, ignorando meu pedido.

Pereira (2010, 93-94), em sua etnografia sobre as experiências juvenis, faz uma reflexão sobre a sala de aula e os atores sociais envolvidos, professores e alunos, colocando que o ambiente da sala de aula expressa os conflitos entre o docente (autoridade) e os alunos, que muitas vezes reconhecem pouca autoridade ao sujeito que lhes dá ordens e explicações à frente da sala, estando eles em busca de diversão e conversa com os amigos.

Nesse sentido enquanto educador, percebo que há um conflito em sala de aula. E os alunos, por diversos motivos, desafiam e atribuem pouca autoridade aos educadores em determinados momentos do período escolar. Mas a minha filosofia de trabalho e visão enquanto profissional da educação é evitar qualquer tipo de conflito, buscando assumir sempre uma postura de escuta e diálogo para com eles.

Bell Hooks, na introdução da sua obra *“Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade”* (1994, 16-17), ao abordar sobre a primeira aula no curso universitário e seu desejo de ensinar de modo diferente de como aprendeu no ensino médio, coloca que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo e nunca de tédio, e entrar em sala de aula demonstrando entusiasmo, no caso dela na universidade, era um ato de transgressão. No atual contexto das escolas estaduais paranaenses, é um grande desafio manter o entusiasmo na sala de aula. Seja devido a grande quantidade de alunos por turma ou pela organização espacial da sala, a utilização massiva por parte dos alunos do aparelho celular ou pelo pouco tempo de aula disponível.

Logo, manter o entusiasmo e a disposição ao diálogo no contexto apresentado é um ato de transgressão, mas uma transgressão no sentido positivo, de escuta e estímulo aos alunos, de tornar aquele momento o mais tranquilo e produtivo possível, do ponto de vista pedagógico e das próprias relações humanas. É esse o caminho pedagógico que adotei e a postura enquanto educador que assumi nas turmas com o perfil semelhante ao 2º C. Poderia simplesmente anotar os nomes dos alunos e passar para a direção ou mandar os desinteressados para a sala da pedagoga. Mas desse modo só auxiliaria na reprodução do processo de desigualdade e da autoridade escolar, atualmente presente

nas instituições educacionais da rede estadual no Paraná e, de fato, condicionante da instituição escolar moderna, como Foucault (1987) indicou.

2.2 A “diplomacia” em sala de aula e diferentes percepções do social

O fato de não adotar posturas punitivas no meu modo de trabalhar tem muito a ver com o modelo de educação ao qual a minha geração, nascida na década de 80, foi moldada e padronizada. Ainda lembro bem dos lemas de certo colégio particular, que estudei na infância, que dizia assim “*Competência, consciência, disciplina e dedicação*”. Era um dos colégios particulares mais populares da época, mas nunca fui tão punido como naquela instituição. Bastava falar uma palavra fora do conteúdo de aula que já era enviado para a direção. Certo dia, fui convidado a me retirar de sala quatro vezes no turno da manhã e só tinha nove anos de idade. E essas ações por parte da instituição acabaram gerando revolta e indignação interna que perduraram até minha adolescência.

Desse modo, a filosofia da punição ou a educação nos moldes bancários, como criticado por Freire (1987), estava fora de cogitação quando assumi o ofício de educador na rede estadual. Não fazia sentido atuar em sala, reproduzindo o que não deu certo naquela época, agindo da mesma forma com meus alunos. A reprodução do modelo punitivo, com vistas ao resultado, está diretamente relacionada ao modelo de produção capitalista no qual todos estamos inseridos atualmente. Althusser (1985), em sua obra “*Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*”, traz uma reflexão sobre o papel da escola no sistema capitalista e a utilização da instituição escolar como forma de reprodução da ideologia burguesa nos indivíduos (alunos e comunidade escolar) inseridos nela.

A reprodução da força de trabalho, na visão do autor, é assegurada através do sistema escolar capitalista e do aprendizado dos saberes práticos das “regras e dos bons costumes”, incluindo o “comportamento que todo agente de divisão deve observar”, como regras de moral, consciência cívica e profissional nos moldes de uma fábrica industrial. A reprodução da força de trabalho a partir dos aparelhos ideológicos do Estado, como a escola, visa à reprodução da ideologia dominante, que impõem, assim, as regras e as ordens estabelecidas no exercício da dominação de classe no sistema capitalista. Mas como reverter essa lógica num espaço como a sala de aula, com tantos alunos e realidades diferentes?

E assim, mesmo em um contexto difícil como o da 2^o C, tive que adotar determinadas estratégias metodológicas para conseguir seguir adiante com o aprendizado. A primeira delas foi o diálogo. Ao longo de todos os anos atuando em sala, desde o primeiro até o último dia em que estive no ambiente escolar, a conversa, a troca de ideias, pensamento e opiniões é o primeiro passo. Nesse

ponto podemos trazer novamente as reflexões de Freire (1997: 91), que concebem o diálogo como exigência existencial, não podendo ser reduzido a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, uma troca que está mais relacionada à criação e à libertação do que somente um instrumento de conquista ideológica de um sobre o outro.

O diálogo envolve muita escuta também, o que Ingold (2020) relaciona diretamente com o cuidado. Para o autor, a escuta e o cuidado têm a ver com o “deixar ser” dos atores sociais, “deixá-los ser, para que possam falar conosco” e assim permiti-los estar em nossa presença para que possamos estar presentes para eles (Idem: 48). O interessante é que Ingold faz referência a uma criança rebelde que se recusa a dormir, exigindo nossa atenção e tendo coisas para nos dizer e mostrar, que “grita para ser notado” e assim, devemos “observar, ouvir e responder” sendo esse o significado de cuidar. Em sala de aula, os alunos estão o tempo todo exigindo nossa atenção e cuidado, de modo que numa turma que não se encaixa no padrão tradicional, como o 2^oC e tantas outras, a atenção e o cuidado deveriam ser reforçados e não ignorados.

Juntos, posso chamar diálogo, escuta e atenção como um tipo de “diplomacia em sala de aula”, no sentido prático de, a partir da leitura da sala e da observação, fazemos certos acordos com os educandos para conseguirmos dar andamento ao processo educativo. A diplomacia não seria nada mais que construir determinados acordos e ambas as partes cumprirem com o combinado. Entre eles estão: saída de sala de um aluno por vez (banheiro, xerox, pedagogia, etc.), utilização do celular somente após a explicação e no final da aula, evitar violência física e verbal com os colegas, não comer no ambiente ou, se o fizer, oferecer para todos e a comunicação. Estes seriam os acordos dos alunos com o professor.

No meu caso, o cumprimento estaria relacionado à pontualidade, comunicação de faltas, diálogo constante com os alunos em relação às suas dúvidas e para a resolução de problemas em sala antes de levá-los à pedagoga ou à direção. Esses acordos da parte do educador já se encontram presentes nas regras das escolas da rede estadual. Mas gosto sempre de lembrar em sala e de cumprir com minha responsabilidade, pois acredito que o meu compromisso maior é com os jovens alunos.

No dia em que tive que passar a pergunta sociológica sobre o aprendizado, como já relatado, observando que a maioria não estava atenta, utilizei a metodologia tradicional mais conhecida, o quadro e o giz. Mas comunicando oralmente a turma mais uma vez sobre o que iria ocorrer:

Atenção turma! Vou passar a atividade no quadro, logo explicarei como irá funcionar ao final de cada trimestre desse ano.

Dessa forma, mesmo os que estavam conversando, jogando, ao celular ou desatentos, menos os que estavam dormindo, ficaram concentrados. E mesmo a contragosto pegaram seus acessórios, principalmente o caderno e a caneta e começaram a anotar.

Ao escrever no quadro *Atividade de hoje. Pergunta sociológica. O que eu aprendi em sociologia esse trimestre?*, os alunos questionaram de novo se valeria nota. Respondi mais uma vez que não. Que essa atividade iria compor a minha pesquisa de mestrado e que auxiliaria na melhoria do processo de ensino e aprendizado deles, pois iria me dar um retorno da maneira como ensino. Também esclareci que eles não seriam obrigados a responder, além de que seus nomes seriam preservados devido a questões éticas e legais. A turma toda aceitou. E é importante ressaltar que em todas as turmas que fiz esse comunicado ao longo do ano, os alunos concordaram em participar.

Dentro desse processo, podemos refletir também que, como professores e alunos, estamos condicionados a seguir um padrão. O famoso quadro e giz ainda funciona. Mas por que funciona? Seria uma espécie de botão de emergência em sala de aula? Uma imposição do papel de autoridade do professor sobre o aluno?

Pereira (2010), citando Hanna Arendt, argumenta que a perda da autoridade na atualidade pode ser interpretada como um fenômeno associado à perda da tradição e do passado como referências seguras. Segundo a filósofa, ao analisar a crise no sistema educacional norte-americano, esta crise estaria ligada à crise do mundo moderno, no que se refere à tradição e o modo como lidamos com o passado (Idem: 136-137).

Ou seja, ao utilizarmos o quadro e o giz para podermos transmitir um tipo de conteúdo sociológico, podemos estar usando da autoridade debatida pela autora. Estaríamos quem sabe perdendo esse respeito tradicional que os mais novos teriam que ter sobre os mais velhos, e utilizamos a ferramenta do quadro e do giz como modo de manter a autoridade, o controle sobre a sala e a tradição. E muitos alunos só copiam o conteúdo quando é passado no quadro, sendo que atualmente muitos deles não trazem o caderno ou deixam esse material dentro das suas bolsas e mochilas.

Posso trazer à reflexão a experiência de Dubet (1997). A partir de sua própria pesquisa com professores do ensino fundamental, o autor resolve dar aulas para alunos de um colégio da periferia de Bourdeaux. A intenção inicial do autor, um professor de ensino superior com experiência acadêmica, era observar se as queixas dos professores em relação aos alunos teriam fundamento. A partir desse processo, o autor acaba por ver seus ideais de uma educação democrática e seus pressupostos serem desconstruídos, no momento em que tem que agir de forma autoritária, utilizando acessórios como a caderneta onde se anotam as punições dos educandos. Dubet utilizou esse recurso como forma de manter a autoridade e o respeito por parte deles, nas palavras do próprio, aplicou um “golpe de estado” em sala de aula (Idem: 224) para manter o controle e a ordem.

Alguns mecanismos utilizados por nós educadores em sala de aula são sim, portanto, estratégias para manter os alunos disciplinados e produtivos. O quadro, o giz, a caderneta, o registro

de classe, os bilhetes de anotações, tudo isso está relacionado a formas de controle utilizados em ambiente escolar, bem como as câmeras, os funcionários de corredor e, em alguns colégios, os alunos monitores em sala de aula também.

Podemos trazer a teoria do ator-rede de Latour (2012) para auxiliar no processo do entendimento desses objetos e suas funções, na medida que esses utensílios podem ser considerados atores não-humanos e fazem parte dessa rede de relações no processo escolar. O fato do quadro e do giz terem uma função específica na sala de aula, de disciplinamento, de ordem, de autoridade e poder, faz com que tanto os professores quanto os alunos estejam de fato dependentes deles. Mas o que essa dependência nos mostra nessa rede de relações? Por quê, geração após geração ainda usamos esses acessórios como modo de controle de autoridade, de funcionamento de um estado de normalidade para que tudo ocorra “bem” em sala de aula?

A reflexão se dá nesse sentido, onde os objetos surgem como atores no contexto escolar, expressando, nas palavras de Latour, “os poderes supremos da sociedade, as notórias assimetrias, o rude exercício do poder” (Idem: 109). E tanto os acessórios antigos (quadro, giz, bilhetes) como os atuais (*educatron*, computador, câmeras, chamada por reconhecimento facial) estão posicionados dentro da rede institucional como atores não-humanos que representam a disciplina, o controle, a tradição, a autoridade e o poder. São utilizados por nós educadores e exigidos pela Seed, com o pleno entendimento dos alunos de sua eficácia, nos momentos em que eles mesmos não aceitam seguir as regras e se posicionam contra o papel do professor e de sua autoridade.

A partir dessas indagações sobre o papel dos objetos e suas funções em termos de disciplina, controle, tradição e autoridade, importantes na questão do aprendizado em sala, retornamos ao processo de descrição da aplicação da atividade sociológica na turma do 2ºC.

A primeira resposta vem da aluna Karina que se senta na frente e tem a característica de ser uma aluna estudiosa e empenhada nas matérias da escola. Um ponto interessante ao se observar a sala de aula é a questão dos cadernos. Muitos alunos têm no caderno um reflexo do que eles mesmos são ou aparentam ser. Não só do rendimento escolar, mas também de suas personalidades. Já lecionei para alunos e alunas que tinham o caderno exemplar, mas não compreendiam a matéria. Esses alunos só copiavam o conteúdo do quadro ou dos slides para ter a nota atribuída. Enquanto outros não apresentavam nada de conteúdo em suas folhas, mas sabiam do que se tratavam as discussões em sala e lembravam o que estava sendo dito em cada aula.

No caso da Karina, ela tinha o caderno completo e sabia do que se tratavam as discussões e o conteúdo. Estava com a matéria completa e sempre participou das aulas no trimestre. A partir da pergunta no quadro “O que você aprendeu em sociologia nesse trimestre?”, a resposta foi a seguinte:

Aprendi que a sociologia nos ajuda a compreender melhor a sociedade. Através dos

conteúdos, de como surgiu a sociologia, de quem oficializou, como matéria importante.

A primeira parte da resposta da aluna demonstra que ela estava atenta ao conteúdo, pois normalmente iniciamos as discussões da disciplina com o contexto histórico de surgimento da sociologia e do autor criador dessa ciência, Augusto Comte. Nas aulas falei muito da importância tanto dele enquanto criador, quanto de Émile Durkheim na oficialização da sociologia como ciência social e da implementação dela nas escolas da Europa do final do século XIX para o XX.

E a aluna segue com a resposta:

Também aprendi que devemos questionar aquilo que há de errado, como Karl Marx, que falava sobre as classes sociais.

Uma das grandes preocupações enquanto professor de sociologia é que os alunos possam compreender as desigualdades latentes no mundo contemporâneo. Falar de uma teoria como das classes sociais é falar da desigualdade no mundo capitalista atual. Karina é daquelas alunas contestadoras também, logo é compreensível que questione o que há de errado e se interesse pela teoria de Marx.

Em algumas ocasiões em sala percebi a aluna muitas vezes com uma opinião crítica em relação ao comportamento de alguns colegas e em relação a algumas atitudes da equipe diretiva, principalmente em como é o tratamento para com os alunos e a diferença para com os professores. Mas o que torna a sociologia atrativa para uma aluna como Karina? O fator diálogo, caderno ou a facilidade com as disciplinas de humanidades? Em conversa com ela ao longo do ano, descobri que a aluna tem interesse em cursar Bioquímica ou Educação Física no ensino superior.

A disciplina de sociologia tem uma importância muito grande em todas as áreas do pensamento e das mais diversas profissões. E os profissionais que tem um entendimento da sua condição social e humana, como colocado por Berger (1986), podem desenvolver uma consciência diferenciada como condição de liberdade de pensamento e esclarecimento para o espírito humano³⁵. O aprendizado de matérias de humanidades auxilia no processo de formação do pensamento crítico dos jovens de ensino médio da rede pública, como demonstra Santos (2002), Souza (2012) e vários outros autores em estudos acadêmicos. Esse auxílio no processo de formação de um pensamento crítico é uma das bases para a implementação das humanidades no ensino médio.

Em algumas aulas em que tento explicar a teoria de Durkheim e seu método funcionalista, utilizo uma forma diferenciada com a participação dos próprios alunos para exemplificar as

³⁵ O autor coloca que os profissionais que entram em contato com a sociologia “tornar-se-ão através desses contatos, um pouco menos obstinados e sem preconceitos, um pouco mais cuidadosos em seus comprometerimentos e um pouco mais céticos em relação aos comprometerimentos alheios (...) e mais compassivos em suas jornadas através da sociedade”. (BERGER, 1986, p. 193).

instituições sociais. Após passar o conteúdo no quadro ou slides do *educatron*, peço para algum voluntário vir até a frente da sala e abrir os braços como no Homem Vitruviano, desenho clássico do artista Leonardo Da Vinci.

A dinâmica consiste em apontar para os membros superiores (cabeça, braços, tronco) e dizer a eles que cada um é uma instituição social. A cabeça é a família, o braço direito a escola, braço esquerdo o sistema judiciário e o tronco o estado, por exemplo. Faço a explicação de que, tal como no corpo humano, cada instituição social está interligada e que o bom ou mal funcionamento de uma prejudica diretamente a outra. Se a família não funciona prejudica a escola, se o sistema judiciário não funciona, prejudica a família, se o estado não funciona, prejudica todos os outros membros. Dessa forma, entro no conceito de *anomia social* proposto pelo autor, em que o não funcionamento correto das instituições sociais configura uma sociedade não-saudável, doente.

Utilizando essa metodologia em praticamente todas as turmas, consigo de certo modo chamar a atenção para a explicação sobre um autor clássico da sociologia. A resposta da aluna Gisele, amiga da aluna Karina, vem nesse sentido:

Nesse trimestre foi visto o conteúdo sobre o método funcionalista, não só sobre isso, mas foi o mais “marcante”, nele se consistia em explicar como cada área da nossa vida, não está ligada somente nela.

A grande dificuldade para explicar os fundamentos da sociologia, a partir das teorias dos autores clássicos, está no tipo de transmissão. O quadro e o giz muitas vezes levam o aluno a uma simples memorização do conteúdo para utilização em avaliações, copiando do quadro e visando à atribuição de notas de caderno, como muitos professores fazem. O conteúdo mais “marcante” colocado pela aluna talvez não esteja relacionado ao nome do autor clássico e a importância dele para o reconhecimento da ciência social, visto que ela nem o mencionou. Mas a forma de exposição e a relação que se faz com o mundo da vida da adolescente, a partir da metáfora do corpo humano com as instituições sociais, faz com que ela corresponda, no sentido ingoldiano, ao ensino do conceito.

Usei as mesmas dinâmicas e metáforas sobre o funcionalismo na turma do 2ºB. Essa turma apresenta um perfil um pouco diferente do 2º C, no sentido do comportamento dos alunos e da forma como eles se relacionam entre si. Os alunos têm um temperamento mais calmo em sua maioria e não se observa pequenos grupos unidos, mas vários grupos de alunos dispostos na mesma sala, porém separados e com pouca comunicação entre si. Alguns até com praticamente nenhuma comunicação com o restante. E nessa turma temos a aluna Gabriela, que respondeu a pergunta sociológica assim:

Nós vimos o método funcionalista, que nos explica como funciona cada um na sociedade, vimos também o jeito que Karl Marx e Émile Durkheim vêem a sociedade.

Na resposta, podemos perceber que ela lembrou o nome de dois autores e que citou também

o método funcionalista a partir da mesma forma de explicação usada em todas as turmas. Ela não citou a teoria de classes sociais de Marx, que explico desenhando a pirâmide social e fazendo referência ao salário médio do trabalhador brasileiro. E sim o método funcionalista e a relação entre as instituições e o corpo humano. A colocação dela de “como funciona cada um na sociedade” pode estar indicando que ela compreendeu que todos temos utilidade no todo social e que a partir dos papéis sociais (professor, aluno, etc.), temos uma função específica.

A aluna Gabriela do 2ºB, como tantos outros alunos no ensino médio, parecia em sala de aula não estar ali. Sempre se sentava à frente com o seu celular nas mãos e apesar de participar algumas vezes das discussões, permanecia em seu mundo particular sem se importar com o que ocorria em sua volta. Lembro-me do dia em que tive que intervir em uma discussão que, por pouco, não virou um embate físico. Eram dois alunos do fundo praticantes de jogos on-line, que partiram um pra cima do outro enquanto eu tentava, a partir da chamada verbal, cessar a discussão. No final tive que entrar na frente, evitando acidentes maiores, enquanto um terceiro aluno segurava um dos briguentos³⁶.

Como em todas as situações que escapam da civilidade em uma sala de aula, gerou-se uma agitação na turma toda. Gabriela nem ao menos olhou para a confusão ou virou-se para o fundo da sala. Mas no dia da explicação sobre o método funcionalista, com a conversa dos mesmos alunos jogadores no fundo, ela deu um grito bem alto de silêncio e olhou fixamente para os meninos, que entenderam o recado e silenciaram a conversa no momento. A turma do 2ºB ficou surpresa com a atitude dela. Os alunos até começaram a brincar que, se conversar durante explicações na aula de sociologia, “cuidado que a Gabi vai chamar a atenção”, e todos caíam na risada.

A forma ou a didática de transmissão do conhecimento não são os únicos elementos importantes no processo de aprendizado escolar de sociologia. No caso da Gabriela, que a partir de suas atitudes não demonstrava afinidade com a turma nem mesmo durante uma situação de conflito, na hora da explicação, com o exemplo das instituições e do corpo humano, entreviu na conversa dos colegas. Os exemplos podem ter surtido efeito na vida particular da aluna e ao longo do ano consegui uma aproximação com ela, que não ocorreu no ambiente escolar, como explicarei em seguida.

³⁶ Os alunos usam o aparelho celular constantemente nas aulas, mesmo sem autorização dos professores. O Projeto de Lei PL 2.547/2007 veda o uso de aparelhos eletrônicos portáteis, sem fins educacionais, em salas de aula ou quaisquer outros ambientes em que estejam sendo desenvolvidas atividades educacionais nos níveis de ensino fundamental, médio e superior nas escolas públicas do país. Porém, com a implementação das plataformas pedagógicas em determinadas disciplinas (português, inglês, matemática), no Paraná e a cobrança da utilização dos *Quizzes* como ferramenta avaliativa, dificultou o controle do aparelho nas salas. E o debate continua, pois agora em 2025 está entrando em vigor a Lei 15.100/25 que proíbe alunos de usarem telefone celular e outros aparelhos eletrônicos portáteis em escolas (públicas e particulares) inclusive no recreio e intervalo entre as aulas. A situação se complica pois, na medida em que se proíbe o uso de aparelhos eletrônicos, se exige dos educadores e alunos a utilização de plataformas digitais, como forma de avaliação. E a realidade da maioria das escolas é a falta de computadores ou tablets para a utilização de todos.

Tenho um grupo de amigos na cidade que são imigrantes africanos de países de língua portuguesa (Angola, Guiné-Bissau e Moçambique) e no dia da África, comemorado no Brasil na data de 25 de maio, fui convidado a participar de uma festa no espaço da Sociedade 13 de Maio em Curitiba. Essa festa contava com um jantar com pratos típicos de algum desses países e, depois, ocorreu a apresentação de DJ's e bandas com temáticas da cultura africana. Após o jantar estava eu sentado em uma mesa no salão e eis que se aproxima uma jovem afrodescendente com um sorriso no rosto. Era a aluna Gabriela que estava na festa com sua tia.

Ela me explicou que conheceu o pessoal da África através da tia e que todos eram vizinhos no bairro Cajuru. Disse que a sua mãe trabalhava como auxiliar de limpeza numa empresa no bairro Campo Comprido, que sofria muito nesse emprego, sendo, nas palavras dela “explorada e mal remunerada” e que a relação entre elas era conflituosa. Perguntei o porquê e ela respondeu que tinha a ver com suas opiniões acerca da vida e a opção sexual homoafetiva. Fiquei surpreso. Nem parecia a mesma aluna do 2ºB que vivia em seu mundo, era quieta e por vezes irritada. A aluna complementou que gostava muito das aulas, da minha forma de ensinar e do meu estilo de vestimenta. Após essa conversa ela me chamou para sentar na mesa em que estavam e dançou as músicas africanas e samba a noite toda.

Pensei comigo “Bingo!”. As respostas em relação à aluna vieram através dela mesma, que estando em outro ambiente que não o escolar sentiu-se à vontade para compartilhar um pouco de sua vida pessoal. Essa experiência revelou-se muito importante para compreender como os alunos, em determinados espaços, se comportam de determinada maneira, assumindo determinados papéis e, em outros, são totalmente diferentes. E o mais importante, se comunicam de formas diferentes.

Pereira (2010: 107) faz o relato de uma experiência com os alunos que acompanhou até um bar em que foram “matar” aula. Nesse relato o autor destaca que a percepção de alguns conceitos (relações de ludicidade e brincadeira) foram vislumbrados nesse momento de descontração. Ao citar Willis (1991), Carrano e Peregrino (2003) em relação ao comportamento dos alunos sobre o tempo institucional, rígido e inflexível e a temporalidade informal e flexível dos jovens, Pereira coloca que há uma contraposição por parte dos alunos entre o tempo engessado da escola e a temporalidade das brincadeiras nos momentos externos. E é nesse tempo informal de jogos e disputas que ele percebe como os alunos inserem suas brincadeiras e disputas na escola de modo a reconfigurar os espaços e dinâmicas escolares.

No caso da aluna Gabriela, ela sentiu-se à vontade para falar sobre si e sobre seu aprendizado não no ambiente escolar, mas numa festa dos amigos num final de semana. E essa resposta sobre o aprendizado não estava explícita na resposta da atividade sociológica, mas veio através dela mesma num outro ambiente por sua própria vontade de compartilhar as experiências.

Nesse caso a teoria do ator-rede auxilia na interpretação no sentido de que a aluna é um ator social que influencia e modifica o estado de outros elementos na rede de relações da sala de aula. O fato de ela ter um poder de influência no ambiente, onde mesmo os alunos que dificultam a explicação e conseqüentemente o aprendizado dos colegas, permanecem em silêncio quando advertidos por ela e não somente pelo professor, apontam para esse caminho.

A primeira impressão é que quem define o andamento da aula é o professor e a turma do fundão, os agitadores dos jogos virtuais. Mas Gabriela, a partir do interesse e entendimento pela explicação, que ela trouxe pra mim na festa, demonstra que o seu poder de ação tem um resultado direto na rede de relações. Nas palavras de Latour “se um ator é um *ator-rede*, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto a origem da ação”, origem esta que estaria na relação familiar compartilhada pela aluna que, em sala de aula, demonstra por diversos motivos um comportamento diferente. E nessa rede de relações da sala de aula temos muitos alunos com diferentes perfis que influenciam no funcionamento desses espaços e conseqüentemente no aprendizado.

Na turma do 2°C muitos alunos como Karina e Gisele influenciam na dinâmica das aulas de forma construtiva, bem como os alunos do fundo que jogam truco e jogos coletivos no celular influenciam de forma caótica. Mas esse comportamento do “fundão” não significa que eles estejam totalmente dispersos ou sem foco no conteúdo. O aluno Henrique, que me pediu para sair da sala no relato da chegada ao 2°C, colocou a seguinte resposta sobre o aprendizado em sociologia:

Aprendi sobre cultura, o conceito de trabalho, aprendi sobre classes sociais e o método de funcionamento da sociologia.

A resposta de Henrique mostra que ele sabia o conteúdo básico do trimestre, pois falamos brevemente sobre as diferentes culturas, o mundo do trabalho, Marx e o conceito de classes sociais e os métodos de pesquisa dos autores clássicos. Nesse ponto, nenhuma novidade. O aluno sempre apresentou um comportamento hiperativo e na maioria das aulas, nos três anos de convivência, poucas vezes o observei atento ou participativo. Sempre pedindo para sair da sala e dar os seus “rolês” pelos corredores do Leminski. No primeiro ano fez parte da equipe do grêmio estudantil na organização dos esportes, mas por um desentendimento com a direção do grêmio, deixou a função.

Me aproximei dele quando percebi que apresentava um comportamento semelhante ao meu enquanto era aluno e por ele gostar da cultura do skate, isso em 2022 no primeiro ano do ensino médio. Seus pais possuem uma pequena loja de produtos para animais de médio e grande porte (cachorros, gatos e cavalos) e como tenho quatro animais de estimação, falei que gostaria de conhecer o estabelecimento. Ele ajudava os pais regularmente no atendimento do espaço. O aluno gostou da conversa e a partir dali nossa relação mudou, apesar de ele não demonstrar interesse nos estudos.

Até que chegou um dia em que a pedagoga Priscila me chamou até a sua sala para conversar sobre o Henrique. Perguntou se eu tinha reparado alguma mudança de comportamento no menino e que ele estava com suspeitas de estar fumando maconha e estar vendendo para outros alunos no colégio. Afirmou esse fato, baseada na amizade dele com outros meninos que tinham essa prática e que outros professores sentiram o cheiro do psicoativo vindo dele, além de demonstrar sonolência nas aulas.

Minha primeira ação foi observar o comportamento de Henrique. E realmente ele estava chegando um pouco mais tarde nas aulas, com os sintomas (olhos vermelhos, apetite incomum), além de dormir em várias disciplinas do turno, como consta no relato de colegas professores³⁷. A segunda ação foi conversar com o jovem rapaz, como parte de minha filosofia de trabalho. Um dia o chamei para conversar fora da sala, após fazer uma explicação e passar uma breve atividade no caderno para a turma. Ele concordou sem questionar, levantou e me acompanhou até o corredor. Os colegas de sala ficaram olhando e falaram “Vish!”. Nosso diálogo foi o seguinte:

Como você está Henrique, tá tudo bem?

Tá tudo ok prof! Susse..

E continuei:

Certo...porque estou percebendo que você está chegando mais tarde e dormindo muito nas aulas. O que está acontecendo, perdeu o interesse na matéria, nos estudos?

Ele deu um sorriso e respondeu:

Porquê, a pedagoga veio falar com você?

Sim. Ela e os outros professores também...

Ah prof! Não tô muito animado não, gosto de você, gente boa, mas acho que a escola não serve pra nada. Mesmo a sua matéria, não vejo sentido. Quero sair logo daqui pra trabalhar. Fazer dinheiro...esse colégio parece uma prisão!

E eu falei:

Mas você não pensa em estudar pra fazer um curso numa área que possa ajudar no comércio da sua família, tipo administração ou veterinária? Antes de trabalhar?

³⁷ A comunidade escolar está apresentando um grave quadro de problemas de saúde e utilização de álcool, remédios químicos e psicoativos. Uma grande quantidade de alunos chega nas escolas com laudos médicos e utilizam fortes remédios conhecidos como “tarja preta”. Durante o período em campo, efetuando a pesquisa, observei muitos educadores com problemas de ansiedade, depressão, alcoolismo e vício em drogas como maconha e cocaína. Mas essa situação só deixa evidente um problema estrutural muito maior nas instituições escolares, que está relacionado a própria política neoliberal do governo atual que se nega a ouvir a comunidade escolar em prol do investimento em propaganda. Posso elencar os baixos salários, o número excessivo de alunos por turma, a falta de psicólogos (professores e alunos) para ouvir e mapear as demandas de saúde mental. Sobre a saúde dos docentes ver: Silva e Vieira (2021); Caldas (2012); Santos e Wonzinack (2017) e Souza e Leite (2019).

Talvez mais pra frente...no momento não. Quero sair daqui e “meter marcha”³⁸ na minha vida...

O diálogo com Henrique demonstra muitas questões que envolvem o mundo da vida do aluno, com as perspectivas de futuro da juventude e a própria crítica ao sistema educacional. O fato de ele não ver sentido nos estudos e na própria escola, que “parece uma prisão”, deixa evidente a crise das instituições escolares que estamos vivendo.

Dubet (2003), em seu artigo “*A escola e a exclusão*”, coloca que em determinado momento os alunos malsucedidos percebem que, apesar de seu empenho, seu trabalho na escola “não se paga”, apesar de seus esforços. Então, segundo o autor, os alunos abandonam o “jogo”, pois não têm chances de ganhar e conseqüentemente abdicam do ritualismo escolar e suas regras, se liberando subjetivamente de qualquer envolvimento com a escola.

Essa autoexclusão debatida por Dubet infelizmente mostra-se presente no caso de Henrique, que por diversos motivos também buscou uma fuga nos psicoativos e talvez numa renda extra com o comércio ilegal na escola. Esse fato não se confirmou, apesar de eu não perguntar diretamente no diálogo com o aluno, mas tudo indica que ele estava utilizando a maconha. Algo muito comum na fase da vida da adolescência. Se estava comercializando ou não, nada foi confirmado pela pedagoga ou pela direção da escola.

A referência de Henrique ao colégio como uma prisão está diretamente ligada ao conceito de Foucault (1987) em sua obra bem conhecida “*Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão*”. O autor analisa a escola não apenas como lugar de aprendizagem, mas como instituição pública que organiza e disciplina os corpos, a organização espacial (salas de aula), o controle do tempo (em horários rígidos e específicos) e as constantes avaliações comparados a elementos que lembram os mecanismos das instituições carcerárias e dos quartéis. Nesse modelo disciplinar, “a oficina, o exército, a escola ou o colégio foram tratados como instâncias que moldam corpos e controlam ações por intermédio de métodos semelhantes” (Idem: 126). Esse controle do tempo, espaço físico, avaliações e mesmo o posicionamento espacial da sala da direção faz com que não só Henrique, mas muitos outros alunos, ressoem as referências de Foucault, como pude perceber ao longo da pesquisa.

O controle e a semelhança com instituições carcerárias e militares faz com que muitos alunos não consigam se adequar ao padrão de ensino da escola tradicional. O fato de Henrique lembrar dos conteúdos debatidos e gostar das minhas aulas não significa que ele compreendeu os conteúdos citados na resposta. Digo isso por diversos elementos influenciadores como a escola, a família, as

³⁸ A expressão “*meter marcha*” ou “*marchar*”, muito usada pelos alunos do Leminski e de outros colégios, está relacionada ao seguir em frente na vida. Que pode tanto significar a marcha de veículos automotivos, quanto o marchar no sentido militar. Fonte: Anotações do caderno de campo em abril de 2023

relações conturbadas e por fim, a utilização de psicoativos, como escape da realidade ou prazer, como relatados no diálogo e na descrição da convivência com o rapaz.

Como podemos perceber, são vários os fatores que contribuem ou prejudicam no aprendizado dos alunos na disciplina de sociologia. Que podem estar relacionados a questões de natureza individual, coletiva ou familiar. A fala de Henrique, que diz “mesmo na sua matéria, não vejo sentido” pode estar relacionada ao conceito da condição juvenil que leva à contestação da autoridade do professor discutida por Dayrell ou até por influências familiares relacionadas a ideologias políticas, como veremos no exemplo de alunos do Colégio Uruguai.

Antes de seguir com a análise das respostas é importante mencionar que, no caso relatado da Gabriela e do Henrique, ocorreu uma abertura e aceitação por parte de ambos para o diálogo, que se deu por meio de um ambiente externo (festa da África) e por meio de um fator externo (loja de animais). Oliveira (2023) menciona vários casos de antropólogos que não estavam conseguindo acessar os atores em campo mesmo estando há meses nos locais de pesquisa. O autor cita o caso de Geertz (1989) e de Corsaro (2005), os quais, a partir de dois episódios específicos, conseguiram a confiança dos indivíduos e o acesso às informações necessárias para o êxito do trabalho.

No caso de Geertz, foi a chegada da polícia na rinha de galos em Bali, quando ele e sua mulher se esconderam como os nativos, não apresentando às autoridades seus documentos de estrangeiros. E após essa situação, a relação de confiança e diálogo entre eles e os nativos mudou consideravelmente. No segundo caso, durante a observação em campo, Corsaro por meio de um diálogo com as crianças da pré-escola onde produzia sua etnografia, mostrou que sabia os nomes dos pequenos e a interação e abertura nas relações mudou completamente.

Posso afirmar que no meu caso, após esses acontecimentos relatados no Leminski, os alunos mudaram o trato comigo e com a disciplina de sociologia. A aluna Gabriela que não se comunicava em sala, começou a se expressar mais com perguntas e questionamentos em minhas aulas, inclusive com outros colegas de grupos do 2ºB. O Henrique, como mencionado, continuou não prestando atenção ou deixou de dar as suas saídas pela escola, mas começou a copiar o conteúdo no caderno com mais frequência, mas somente quando queria.

A partir do diálogo na situação relatada, toda vez que eu chegava na turma do 2ºC ou encontrava com ele no corredor, o aluno fazia questão de me cumprimentar e sempre dizia “professor quando você passar na loja me avisa, que digo pro meu pai te dar um desconto na compra” ou comentava com seus colegas “esse professor é legal”. No desenvolvimento da pesquisa etnográfica, o processo da abertura aos sujeitos em campo demonstra-se fundamental.

Essa abertura que surge com muita observação, diálogo, convívio e empatia auxilia em muitos processos da sala de aula. Em praticamente todos os colégios estaduais os alunos escolhem

um professor representante, também conhecido como “padrinho” ou “madrinha” da turma, que tem a função de fazer o mapa da sala (ensalamento), levar demandas dos alunos para a pedagoga ou diretoras e representar eles nos jogos interclasses, as populares olimpíadas escolares.

Já no ano de 2022, primeiro ano que acompanhei as turmas na pesquisa, os alunos do 1^oC (posteriormente 2^oC), me pediram para assumir essa função, que aceitei com muita alegria e satisfação. Provavelmente pela minha forma de lidar com o processo educacional que envolve muito a escuta e o diálogo constante no ambiente da sala de aula. No início daquele ano, muitas turmas fizeram o pedido, mas busco priorizar as que me comunicam primeiro. Naquele primeiro trimestre de 2022 ocorreu um episódio com os alunos do 2^oC que se tornou fundamental para construir a confiança com eles e que gerou o convite.

Era o caso de um professor de inglês que no período do ano letivo de 2023 esteve mais ausente do que presente em sala de aula. Devido à sua condição psicológica (estresse e depressão) o educador esteve afastado quase o ano todo. Sua relação com os alunos foi sempre conflituosa quando presente, sendo extremamente rígido e chegando a casos de ameaça por parte dele, dizendo que ligaria para a polícia e que os alunos eram “marginais” e não teriam “futuro”. Os alunos reagiram de forma extrema, com insultos verbais e quase violência física e exigiram da direção que tomasse uma atitude, resultando em conversas com os pais e a substituição por outro professor naquela classe.

Após o episódio, ainda no mesmo dia, quando entrei na sala, percebi que os alunos estavam agitados e dispersos, além de não falarem de outro assunto. Como estive lecionando a disciplina de projeto de vida naquele ano e tinha que seguir com o conteúdo, que não era lá daqueles mais interessantes, resolvi conversar com os estudantes e mais ouvir o que eles tinham a relatar do que falar. Expliquei que nada justificava a atitude de se referir aos alunos como marginais, colocando que o professor em outros anos já tinha um histórico de afastamentos por questões psicológicas e que as condições nossas de trabalho, no atual contexto, não eram as melhores. Mas deixei claro na conversa que mesmo nessas condições, o respeito nas relações deve prevalecer.

Os estudantes relataram que o professor sempre agia daquela forma, os rebaixando, proibindo de falar, sem tirar dúvidas nas aulas e sempre com uma postura punitiva. Percebi que os alunos queriam ter suas opiniões e demandas ouvidas por alguém que estava na mesma posição hierárquica do colégio que o outro professor. Foi a partir daí que os alunos me “adotaram” como professor responsável até o terceiro ano, em 2024. Esse foi o ponto de partida positivo para um bom convívio e auxílio na questão do ensino e aprendizagem e, também, para a abertura da turma para minha pesquisa etnográfica.

Porém, percebi que já no segundo ano em 2023 e terceiro em 2024, por já nos conhecermos, a dificuldade em lecionar acentuou-se. E os alunos que mencionei no início do relato sobre a 2^oC, os

que jogavam truco e jogos on-line via celular, Henrique incluso, vieram a alterar consideravelmente a dinâmica das aulas nesse período de dois anos. São esses atores que também influenciam na rede de relações da sala de aula. Vamos seguir com as respostas da atividade sociológica de alguns deles, não só dessas duas turmas relatadas, mas agora com temas do 2º trimestre para, em seguida, iniciar os relatos dos alunos do Colégio República do Uruguai.

Em vista do pouco tempo em sala e de todos os processos que ocorrem durante uma aula, dificilmente em sociologia conseguimos trabalhar todos os conteúdos em um trimestre. E naquele 2º trimestre de 2023 consegui desenvolver os temas relacionados ao mundo do trabalho, os tipos de solidariedade de Durkheim, antropologia e o conceito de cultura. O tema do mundo do trabalho na sociologia, que faz parte dos fundamentos da ciência e da disciplina, suscita algumas reflexões importantes, ainda mais considerando que a sempiterna desigualdade brasileira manifesta-se flagrantemente no cotidiano dos alunos e da própria escola.

Ao iniciar as explicações dos autores clássicos da sociologia acerca do mundo do trabalho, começo por Karl Marx e a teoria das classes sociais como forma de deixar bem evidente, com a ilustração da pirâmide social, como a distribuição de renda e a concentração em pequenos grupos afeta a sociedade em geral. Ao iniciar algumas explicações de conceitos em aula, muitos alunos chegam com sugestões de músicas, filmes ou livros como complemento e, assim, acabam contribuindo para mudar a dinâmica tradicional do quadro e giz.

Um desse alunos é o Alysson do 2ºC, da turma do fundo que joga baralho e jogos on line como *Free Fire* e *Fortnite*³⁹. Em uma das aulas explicando a teoria de Marx, o aluno me comunicou que sua mãe era fã da banda carioca *O Rappa* e me sugeriu usar uma canção do grupo para mudar a dinâmica nas aulas. O Alysson é um morador do Bairro Alto que tem seu pai trabalhando como funcionário de uma empresa de segurança privada e a sua mãe como trabalhadora de serviços domésticos num condomínio do bairro Água Verde em Curitiba. A casa da família é ao lado da escola em uma das comunidades carentes da região.

Em conversa com o aluno, falei que gostei muito da sugestão e usei a música nas aulas para falar sobre a questão social no Brasil. A música escolhida foi *Rodo Cotidiano* onde reproduzo o

³⁹ Estes são alguns dos jogos mais populares entre a juventude em sala de aula. Ambos os jogos *Free Fire* e *Fortnite* são jogos de tiro e violência caracterizados por vários jogadores (*multiplayer*) cujo objetivo principal é a pontuação e sobrevivência. Nesses jogos podem ocorrer batalhas de 4 até 40 pessoas ao mesmo tempo. O *Fortnite* surgiu em 2017 e é um fenômeno cultural pois combina mecânicas de jogos inovadora como: batalhas coletivas, a construção de cenários, o estilo gráfico cartunesco (usando personagens de filmes e quadrinhos), itens cosméticos (jogadores adquirem trajes, acessórios e danças para personalização dos personagens), passe de batalhas (oferecendo recompensas aos jogadores) e as constantes atualizações. Essas atualizações introduzem novos conteúdos, armas, modos de jogo e alterações no mapa do jogo para manter o interesse dos jogadores. Fonte: [O que é o Free Fire? Tudo sobre o jogo Battle Royale - Free Fire Central](#) e [Fortnite | Jogo Grátis Entre Plataformas — Fortnite](#) (Acesso: em 28/01/2024).

refrão e alguns trechos da canção:

Ô ô ô ô my brother Ô ô ô ô my brother Ô ô ô ô my brother Ô ô ô ô my brother

*A ideia lá comia solta
Subia a manga amarrotada social No calor alumínio
Nem caneta nem papel Uma ideia fugia
Era o rodo cotidiano Era o rodo cotidiano*

*Espaço é curto, quase um curral
Na mochila amassada, uma quentinha abafada Meu troco é pouco, é quase nada
Meu troco é pouco, é quase nada*

A letra da música trabalha com pontos relativos ao cotidiano do trabalhador, o transporte público, a alimentação, as ideias que não se concretizam e o pouco salário. Como é uma das características da banda, desde a primeira formação, com o letrista e baterista Marcelo Yuka as mensagens aparecem sob forma de metáforas.

*Não se anda por onde gosta
Mas por aqui não tem jeito, todo mundo se encosta Ela some é lá no ralo de gente
Ela é linda, mas não tem nome É comum e é normal
Sou mais um no Brasil da central
Da minhoca de metal que corta as ruas Da minhoca de metal
É, como um concorde apressado, cheio de força Que voa, voa mais pesado que o ar
E o avião, o avião, o avião do trabalhador*

(Rodo Cotidiano, 2003)⁴⁰

Como de costume, ao inserir músicas como ferramenta de explicação de algum conteúdo da aula, falo para os alunos a história da banda, seu contexto de surgimento e interpretamos a letra numa leitura dinâmica. Nesse caso o conceito de mundo do trabalho e as desigualdades de classe estavam presente nos versos cantados por Marcelo Falcão “*espaço é curto, quase um curral, na mochila amassada, uma quentinha abafada*” em relação ao transporte e o modo como são tratados os trabalhadores, além da alimentação em marmitas, comuns aos operários brasileiros.

Quando se canta “*meu troco é pouco, é quase nada*” a relação é direta com o salário mínimo do trabalhador. No trecho “*Sou mais um no Brasil da central, na minhoca de metal que corta as ruas (...) como um concorde apressado, cheio de força, que voa, voa mais pesado que o ar (...) e o avião, o avião, o avião do trabalhador*” os alunos fizeram uma relação direta da “minhoca de metal” com o nosso ônibus mais popular em Curitiba, o Inter 2⁴¹.

⁴⁰ Fonte: <https://www.letras.mus.br/o-rappa/79783/> (Acesso em 27/01/2024).

⁴¹ O Inter 2 é um ônibus da linha *Ligeirinho* que transita pelos bairros de Curitiba. O nome ou apelido de *Ligeirinho* se deu em vista da agilidade no trânsito (à época) e em suas paradas nos pontos em formato de estações-tubo, tão comuns na cidade e popularizadas pelo então prefeito e arquiteto urbano Jaime Lerner no início da década de 1990

Nas turmas que desenvolvemos a música, os alunos adoraram a interpretação, pois faz uma identificação com seu cotidiano, escolar, do mundo do trabalho, deles e de seus pais e das desigualdades sociais brasileiras em geral⁴². Ou seja, a música e a interpretação conectam o conteúdo teórico e denso da sociologia de Karl Marx com a rotina e o mundo da vida dos estudantes.

Essa dinâmica serve para mostrar como as diferentes ferramentas metodológicas auxiliam no processo de aprendizado. E as respostas dos alunos a partir dessas metodologias exemplificam a questão. O aluno Alysson respondeu da seguinte forma a questão sociológica no 2º trimestre:

Principalmente a sociologia do trabalho, como a sociologia trabalha na sociedade e como ela é essencial para entende como cada indivíduo afeta os demais.

O aluno não mencionou os outros conceitos e temas desenvolvidos no trimestre. Mas lembrou-se do conceito de trabalho e as relações dos indivíduos na sociedade em que vivemos, provavelmente pela relação da música com o tema. A colocação “como a sociologia trabalha na sociedade” pode estar relacionada à ciência social enquanto ferramenta de interpretação do todo social. Quando o aluno coloca que “ela é essencial para entende como cada indivíduo afeta os demais”, podemos interpretar a relação da teoria de classes sociais de Marx e como os indivíduos que tem um maior poder aquisitivo, a partir de suas ações, modificam as relações em determinado contexto.

É importante perceber que mesmo os alunos que supostamente contribuiriam para a dispersão da atenção nas aulas, demonstram que estão atentos ao que é dito, mesmo que possam não aparentar. Ainda na turma do fundo do 2º C, temos a resposta do aluno Joaquim. Esse aluno é daqueles com perfil de líder da sala, visto que foi escolhido por diversas vezes como o representante da turma. Muito comunicativo, esportista e craque em jogos de cartas, mas não adepto aos jogos eletrônicos, o aluno colocou a seguinte resposta ao ser questionado sobre o aprendizado de sociologia no trimestre:

Algumas coisas eu esqueci, mas outras não como o trabalho que teve sobre o trabalhador, onde demonstra as classes sociais, sobre as oportunidades de cada pessoa.

Podemos perceber na resposta de Joaquim que o aluno foi sincero em relação ao seu desempenho e atenção em sala. A partir da minha observação no ambiente e de seu pouco empenho em estar atento e participativo nas aulas, demonstra que ele não lembra realmente de todo o conteúdo. Em algumas turmas, ao final de cada trimestre, em vez de aplicar uma prova tradicional, os alunos apresentam um trabalho em forma de seminário com os temas do trimestre. A metodologia é livre e pode ser apresentação de slides, música, teatro, poesia, trechos de filmes, quadrinhos,

⁴² Com relação ao ensino de sociologia nas escolas e a utilização de música ver: Carvalho (2021) e Bodart (2022)

charges e outras tantas que os próprios alunos escolhem. A atividade sobre o trabalhador ao qual ele se refere foi uma apresentação em que um grupo de colegas representou uma situação de pessoas de diferentes classes buscando emprego e a diferença de tratamento de classes entre elas nas empresas. A apresentação permaneceu na memória do Joaquim.

Pietro (2013) define o conceito de desigualdade como a assimetria de acesso a bens significativos entre indivíduos e grupos diferentes na sociedade, caracterizada por uma estrutura social na qual as diferentes posições sociais oferecem aos grupos e indivíduos que as ocupam as oportunidades de conseguirem o bem estar, o prestígio e o poder. Essas assimetrias de acesso a bens significativos entre indivíduos e grupos na sociedade está relacionado ao problema de distribuição de renda feito de forma desequilibrada. Essa realidade, observável na sociedade brasileira, é muito bem conhecida pelos alunos do Colégio Paulo Leminski⁴³.

Bridi, Araújo e Motim (2009, p. 113), em sua obra sobre o ensino sociológico “*Ensinar e aprender sociologia no ensino médio*”, com base na perspectiva de Morin (2000) colocam que as realidades micro e macrosociais se inter-relacionam e o estudo dessas diferentes realidades (mundiais, nacionais e locais) de maneira interligada deve ser a preocupação do ensino-aprendizagem de sociologia. E o aprendizado por meio de diferentes ferramentas metodológicas, como músicas de artistas nacionais ou a representação teatral de uma realidade no mundo do trabalho, visa auxiliar a compreensão dos conteúdos sociológicos, atestados pelos casos de Joaquim e Alysson.

Logo, quando falamos de desigualdades em sala a partir de dinâmicas de apresentação ou recursos musicais, percebe-se que os alunos se conectam com o conteúdo sob a perspectiva de suas realidades vividas. E essa conexão de aprendizado se faz por meio da relação entre o conteúdo e o mundo da vida a partir das experiências individuais e coletivas de cada indivíduo na sala de aula. As diferentes metodologias de ensino tornam-se o fio condutor do aprendizado da diversidade de individualidades presentes na sala de aula.

No próximo item, continuaremos o relato etnográfico com a descrição das situações em sala

⁴³ A capital paranaense ocupa a 6ª posição no ranking nacional relativo ao número de pessoas morando em situação de rua, com 3,5 mil pessoas somando 1,5% da população total da capital segundo dados divulgados em 2023 pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Esse número, presente na pesquisa de um órgão oficial do Governo Federal, nos mostra que a imagem divulgada pela mídia local e municipal como a capital “mais inteligente” do Brasil e o título de “capital ecológica” que permanece há anos no imaginário popular não considera a realidade de milhares de pessoas que estão em situação de vulnerabilidade nas ruas sofrendo todo e qualquer tipo de violência. Há tempos a cidade não é mais referência de inclusão social e igualdade, bem como de práticas de preservação ambiental, visto que os problemas de violência nos bairros pobres e carentes ainda permanecem ao longo das gestões e a preocupação com a preservação das árvores, seja em vias ou avenidas, já não é mais a mesma.

Fonte: CBN Curitiba. Curitiba é a 6ª cidade do país com maior porcentagem de moradores em situação de rua. Curitiba, 15/09/2023. Disponível em: <https://cbncuritiba.com.br/materias/curitiba-e-6a-cidade-do-pais-com-maior-porcentagem-de-moradores-em-situacao-de-rua>. Acesso em: 28/01/2025.

de aula dos alunos do Colégio República do Uruguai, que demonstram semelhanças no perfil dos alunos, apesar de ser uma instituição com regras mais rígidas por ser um modelo cívico-militar. Na continuação, faremos uma reflexão entre as diversas respostas e situações das duas escolas buscando compreender a maneira como os alunos aprendem sociologia e como, por sua vez, esses diferentes modos de aprendizado influenciam a rede de relações dessas duas instituições escolares.

2.3 Aprendizado no cívico-militar e as percepções de sociologia e antropologia

No Colégio República do Uruguai, que apresenta regras diferentes das encontradas no Colégio Paulo Leminski devido ao modelo cívico-militar implementado, surgiram questionamentos sobre a disciplina. Antes mesmo de iniciar meu trabalho e de conhecer as turmas e apresentar o conteúdo do primeiro trimestre de 2023, tinha a noção de que perguntas iriam surgir. Perguntas essas relacionadas à validade científica da sociologia e sua utilidade no mundo contemporâneo⁴⁴. Foram duas turmas que lecionei em 2023, o 2ºA e o 2ºB, organizadas de acordo com as quatro divisões por áreas do conhecimento própria do modelo cívico-militar. A saber: linguagens e suas tecnologias (arte, educação física, língua inglesa e língua portuguesa), matemática e suas tecnologias (matemática), ciências da natureza e suas tecnologias (biologia, física e química), ciências humanas e sociais aplicadas (história, geografia, filosofia e sociologia) e formação técnica e profissional⁴⁵.

Há uma divisão em duas áreas, humanas e exatas, por meio da qual, a partir da escolha do estudante, ele terá uma maior quantidade de matérias relacionadas a determinada área. No segundo ano do ensino médio, ambas as áreas tem a disciplina de sociologia como matéria obrigatória e o conteúdo que seria desenvolvido em três anos, ficou concentrado somente em um ano. Podemos ter uma noção da árdua tarefa de transmissão de conteúdo que os professores de sociologia atualmente enfrentam, dentro de uma sala de aula com cerca de quarenta alunos. E no Colégio República do Uruguai as condições espaciais das salas de aula e de número de alunos por ambiente se assemelham às do Paulo Leminski. Farei uma breve descrição do ambiente escolar para então analisar as

⁴⁴ Em algumas situações que vivenciei em diferentes escolas, professores das áreas das ciências exatas (matemática, física e química) e até diretores não só questionaram a validade científica da sociologia como colocavam suas opiniões para os educandos. Em alguns colégios, nesses dez anos de atuação, muitos deles se convenciam da validade científica das ciências sociais quando eu explicava, pacientemente, a função e o objetivo das pesquisas sociais e a utilização de métodos quantitativos (estatísticos) na interpretação de resultados. Muitos alunos que apresentavam dúvidas chegavam ao final do ano, após as aulas, reconhecendo a importância e a eficácia da disciplina no mundo contemporâneo. Como colocou Bourdieu no documentário sobre sua vida *“Eu digo frequentemente que a sociologia é um esporte de combate, um meio de defesa pessoal. Basicamente, você pode usá-la para se defender, sem ter o direito de utilizá-la para ataques covardes.”* (Apud Carles, 2001).

⁴⁵ Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> (Acesso em 14/01/2025).

respostas dos alunos do 2ºA, do eixo de humanas.

Ao chegar na escola no primeiro dia de aula, já estava ciente da questão dos horários e algumas regras básicas de funcionamento do colégio. Na distribuição de aulas de 2023 fui buscar as chamadas aulas extraordinárias como complemento de renda e por experiências novas também. Com a mudança no currículo devido ao novo ensino médio, assumi muitas turmas de projeto de vida, como mencionado no primeiro capítulo, mas o meu objetivo sempre foi o ensino de sociologia. Nessa distribuição, sobraram poucas aulas no setor Cajuru (ao qual os dois colégios pertencem) e todas distribuídas em diferentes escolas. As únicas turmas que sobraram foram as do Uruguai, principalmente por ter adotado o modelo cívico-militar. A maioria dos professores da rede não concordam com esse modelo e naquela época não quiseram assumir essas turmas. No momento de aceitar o compromisso, fiquei com certa preocupação, principalmente em relação às rígidas regras com os alunos, sobre as quais colegas de outros colégios do setor me alertaram: a questão de existirem dois diretores militares (policiais aposentados) atuando e pela minha forma de trabalho, estilo de vestimenta e aparência (estilo skatista e dreadlocks).

Nesse dia já não consegui dormir bem, com um pouco de ansiedade e aquela preocupação de professor que inicia com turmas em uma nova escola⁴⁶. O horário de início das aulas estava previsto para às 7:15 e a formação e apresentação dos alunos para às 7:00 da manhã. Antes do começo do período letivo os alunos se organizam no pátio principal do colégio para ouvir os informes do dia na voz dos diretores militares, cantar o hino nacional e algumas palavras de ordem das instituições militares. Ao chegar na escola já escuto a voz de um diretor militar, através de um megafone posicionado externamente em direção ao estacionamento e às quadras. Ele dizia assim:

Atenção alunos! Hoje é o primeiro dia de aula e todos devem seguir as regras esse ano. Atenção lá atrás! Ei! Vocês aí, querem perder a primeira aula já? O uniforme é obrigatório e tanto o chefe de turma quanto os diretores irão fiscalizar vocês em sala todo dia!

A sensação que tive era a de que estava no clipe mais famoso da banda britânica *Pink Floyd*, *The Wall*, onde os alunos devem seguir regras rígidas ou são punidos severamente, usam vestimenta e máscaras padronizadas e caminham numa esteira em direção a um trágico final. Porém, na vida real. Uma boa recepção para um professor como eu, que por muito tempo contestou as regras e autoridade, além das punições impostas nas escolas quando adolescente.

⁴⁶ Ao longo da pesquisa conversei com vários colegas sobre as condições de saúde dos educadores. A ansiedade e a depressão são sintomas frequentes na vida dos professores do Paraná, que utilizam uma série de medicamentos ao longo do ano, além de enfrentarem problemas de alcoolismo e uso de psicoativos. A categoria dos professores PSS (Processo Seletivo Simplificado), cujo contrato é temporário, sofre mais ainda com a situação, pois a cada ano não tem a certeza de que terão aulas garantidas, visto que são os últimos da categoria a escolherem as aulas. Sobre a questão da saúde dos educadores ver Prado (2021) e Tostes; Albuquerque, Souza e Silva; Peterlle (2018).

O chefe de turma equivale ao representante de sala em outros colégios, com a diferença de que toda semana, de acordo com a sequência da ordem do número de chamada, eles se revezam na função. E o diretor militar, o sargento Mauro⁴⁷, continuou:

Atenção alunos! Apresentar armas! Atenção alunos! Abaixar armas! Apresentar armas! Abaixar armas!

A minha vontade era de deixar o colégio naquele exato momento. O modelo cívico-militar implementado no atual governo ia totalmente contra minha visão de uma educação ideal, mais humana, compreensiva e construtiva. Como poderia trabalhar numa escola onde os alunos estavam sendo coagidos a seguir regras com um método altamente punitivo? E o pior, repetindo lemas das academias militares com uma mensagem de teor armamentista? Mesmo assim, me concentrei e segui firme no propósito de trabalhar com o ensino da sociologia como ferramenta de transformação social. E segui adiante com esse planejamento.

Ao entrar no colégio dou bom dia à funcionária Dione da secretaria e vejo que muitos alunos atrasados aguardam para a segunda formação. Deixo a minha assinatura no registro ponto, naquela época ainda escrito, hoje em dia digital, e entro pela porta principal de acesso à escola. Os alunos ainda permaneciam em formação e escutando os informes dos diretores. Me encaminho até a sala dos professores.

A sala dos professores na maioria das escolas é um ambiente interessante para análise sob vários aspectos: questões de comunicação, alimentação, estudo, reuniões, entre tantos outros. No Colégio Uruguai, é um espaço bem reservado, com quase nenhum acesso aos alunos e nem aos diretores militares. Somente os professores, pedagogas e a direção pedagógica. Certo dia, um dos diretores militares pediu licença para entrar e pegar um pouco de café. E uma professora logo falou:

Ei diretor! O que é isso? Tá roubando o café de nós pobres professores? Quase não temos salário justo, com correção inflacionária...E aí vem vocês que ganham horrores roubar nosso cafezinho suado?

Os colegas que estavam presentes no momento soltaram gargalhadas e o diretor ficou constrangido, deixou escapar um sorriso envergonhado e logo pegou sua xícara para depois sair rapidamente da sala. A professora, uma antiga funcionária da escola, repetia essa mesma colocação

⁴⁷ Na primeira semana de aula no colégio o diretor entrou na turma do 2ºB para inserir um aluno que estava fora de sala. Nem ao menos bateu na porta, como de costume nas escolas, e ao me avistar bateu continência. Não retribuí, pois não sabia da regra de formalidade. O diretor fez questão de se apresentar com o título da hierarquia militar (sargento) e por longos cinco minutos comunicou a turma com tom de voz bem agressivo e ameaçador sobre as regras e punições e ao final olhou para mim e disse: “*Professor você que é novo, passe na minha sala pra gente explicar como funciona a escola*”. Fiz um sinal com a cabeça indicando que sim. Mas não passei. Todas as regras estão na agenda do professor e no contrato pedagógico entregue pela diretora pedagógica já no primeiro dia. Na função de educador, meu compromisso formal é com ela. Fonte: Anotações do caderno de campo (21/02/2023)

todas as vezes que um diretor militar entrava na sala dos educadores. Percebi que há certo conflito velado entre as categorias nos colégios cívico- militares, o qual a colocação da professora deixa bem evidente⁴⁸.

A turma em que iniciei minhas atividades foi o 2ºA, com duas aulas seguidas. Antes de chegar na turma peguei os acessórios necessários (lista de chamada e caixa de giz), fui até a sala de recursos ao lado pegar o educatron e entrei na classe⁴⁹. A maioria da turma me olhou em silêncio e alguns poucos vieram me cumprimentar. Era a primeira demonstravam atenção, permanecendo calados e me olhando circunspectos. Senti-me no papel de um antropólogo desembarcando em alguma ilha do Pacífico Ocidental, como Malinowski (1922), ou Lévi-Strauss (1955) chegando em territórios indígenas no Brasil da década de 1940, no sentido de estranhamento mútuo: tanto deles quanto meu.

Um grupo de alunas se aproximou com um cumprimento de bom dia e uma delas me olhou fixamente, reparando em minha roupa e cabelo, e falou:

Bom dia! Você é professor de filosofia? Ou de artes? Gostei do seu cabelo... quantos anos você tem?

Suas colegas logo a corrigiram dizendo que, pelo horário enviado à turma, era aula de sociologia. Ela deu uma risada bem alta e falou:

Desculpa prof! Você mal chegou e já tô num interrogatório.

Era de se esperar que um professor novo na escola, diferente do padrão comum, que não usava jaleco, com uma identidade visual familiar à juventude e de dreadlocks, fosse causar estranhamento. Dei bom dia para a turma das meninas, pedi para que se sentassem para iniciar a aula e apresentar a disciplina.

Comecei com minha apresentação e depois a da disciplina, com os respectivos conteúdos que iríamos trabalhar no trimestre. Os alunos demonstraram interesse nos temas e discussões ao longo do período de três meses e, ao final, comentei sobre a atividade que responderiam e que faria parte da pesquisa de mestrado. Os alunos concordaram em responder e um deles me chamou em sua

⁴⁸ A questão da diferença de salário é um dos pontos importantes na compreensão desse conflito, além do tipo de modelo implementado, totalmente em desacordo com o método de ensino ideal nas escolas do Brasil. O salário de um professor que atua 40 horas em sala de aula chega a 4.040,57 reais no início da carreira docente. Um diretor militar ganha 5.500 reais para atuar em um dos turnos nas escolas (manhã ou tarde). Fonte: [Inscrições para militares que desejam atuar nas escolas cívico-militares estão abertas | Secretaria da Educação](#) e [Tabela de Vencimentos APP-Sindicato](#) (Acesso em 15/01/2025).

⁴⁹ A sala de recursos multifuncionais (SRM) é um ambiente que conta com equipamentos, recursos de acessibilidade e matérias pedagógicas para alunos de educação inclusiva. São alunos que apresentam algum laudo médico como transtorno de ansiedade, déficit de atenção, hiperatividade, transtornos de cognição, deficiências, entre outros. Todo estudante que demonstra algum sintoma e apresenta o laudo com idade entre 4 e 17 anos tem o direito a utilizar esse ambiente. Fonte: <https://diversa.org.br/> (Acesso em 30/01/2025)

carteira. O nome dele era Guilherme e disse:

Professor...eu achava que não ia gostar de sociologia..

Ao ouvir a sua fala, olhei com ar de dúvida e lhe perguntei o porquê daquela afirmação. O aluno respondeu:

Ah sei lá, o meu pai falou que sociologia não serve pra nada.

E lhe respondi:

O que você acha disso, agora no final do primeiro trimestre?

Ele desviou o olhar, como se não quisesse fitar meus olhos, e disse:

Gostei professor...tô achando uma matéria bem interessante.

O aluno Guilherme era daquelas pessoas quietas e observadoras, muito reflexivo. Quase não falava em aula, a não ser com seus colegas mais próximos, mas estava sempre atento às aulas e às explicações.

Como estamos num contexto de forte polarização política e em 2023 já estávamos num processo de disputas ideológicas acirradas, quase não comento sobre meu posicionamento político como forma de me preservar individual e institucionalmente. Mas percebi que quando falávamos sobre assuntos ligados a pautas de esquerda, o aluno fazia comentários com seus colegas em particular ou apresentava um certo ar de deboche, além de muitas vezes virar o rosto e abaixar a cabeça, aparentando recusa ao ouvir e aceitar alguns fatos políticos comprovados. Como ele mesmo disse que seu pai achava que a disciplina de sociologia não era útil, já desconfiei que provavelmente a visão política de sua família era mais de direita e conservadora.

A resposta do aluno à atividade foi a seguinte:

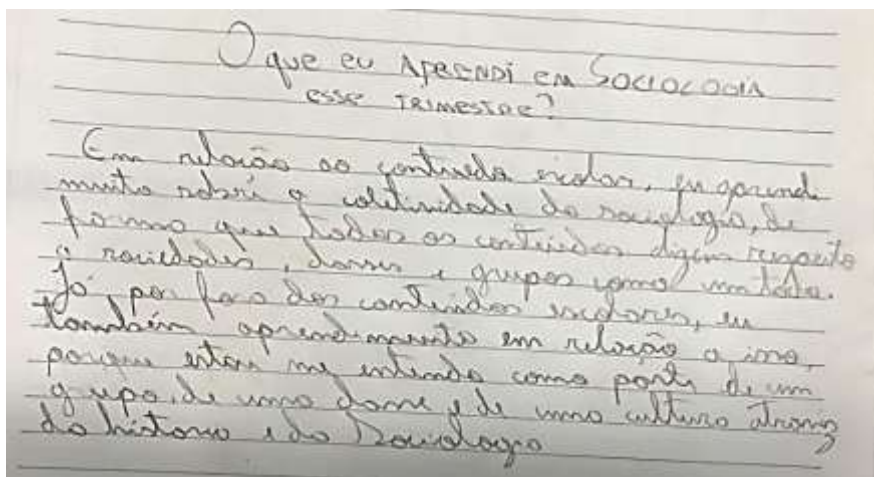
Em relação ao conteúdo escolar eu aprendi muito sobre a coletividade da sociologia, de forma que todos os conteúdos dizem respeito a sociedades, classes e grupos como um todo. Já por fora dos conteúdos escolares eu também aprendi em relação a isso, porque estou me entendendo como parte de um grupo, de uma classe e de um grupo, através da história e da sociologia.

No Colégio Uruguai utilizei praticamente as mesmas metodologias de ensino do Colégio Paulo Leminski naquele trimestre. Ao explicar a teoria das classes sociais de Karl Marx, fiz o desenho da pirâmide social, ao falar do método funcionalista de Émile Durkheim utilizei a metáfora do corpo humano e das instituições sociais e consegui aplicar como avaliação a apresentação de trabalho em forma de seminários temáticos.

Essa “coletividade da sociologia” a qual Guilherme refere-se ao pertencimento do indivíduo ao todo social, como uma parte das múltiplas realidades que formam o conjunto da sociedade. Um dos autores que utilizamos em sala de aula, e que consta no conteúdo proposto no planejamento do registro de classe, é Wright Mills com o seu conceito de imaginação sociológica (1975). Para o autor,

o conceito é definido como a capacidade de compreender a relação entre a vida individual e a estrutura social, percebendo assim que a vida dos indivíduos não pode ser analisada isoladamente, mas está sempre interligada com forças sociais, períodos históricos e processos econômicos. A capacidade de fazer as conexões de vidas individuais com o coletivo auxilia bastante no processo de aprendizado em sociologia, mesmo com pouco tempo para aprofundar a matéria nas aulas.

FIGURA 08 – ATIVIDADE DO ALUNO GUILHERME DO 2ºA



Fonte: Imagens do autor⁵⁰

No caso de Guilherme não só o conceito de Mills pode ter surtido efeito na sua resposta como os outros autores clássicos da disciplina. Quando ele coloca que *“todos os conteúdos dizem respeito a sociedades, classes e grupos como um todo”* podemos interpretar como uma compreensão, mesmo que mínima, da existência de diferentes sociedades, classes sociais, dos grupos sociais e das minorias. Mas esse conhecimento mínimo não significa que o aluno tenha assimilado os conteúdos sociológicos.

Campoy (2021), reflete sobre o ato de transmitir o conhecimento da disciplina tratando docentes e alunos como pessoas. Utilizando o conceito da “pedagogia pobre” de Masschelein (2008) para sustentar as reflexões, o autor coloca que não podemos começar a caminhada na sociologia com os alunos apresentando esses conhecimentos prontos, pois eles podem identificar a teoria clássica com o sistema escolar falho em que estamos inseridos. A ideia é que os alunos “construam suas próprias ciências sociais” e interpretem o mundo caminhando com suas próprias pernas (Campoy, p.13).

E nesse sentido, quando Guilherme responde que *“por fora dos conteúdos escolares,*

⁵⁰ Ao longo do trabalho de dissertação, todas as fotos de caderno dos alunos são de minha autoria.

também aprendi em relação a isso”, o aluno pode estar iniciando uma interpretação própria da sociedade. A compreensão que ele mesmo coloca se entendendo como parte de um grupo e de uma classe, permite-nos visualizar essa interpretação. Mas ainda como colocado por Campoy, o aluno “não se apropriou dos conceitos, não os transformou em estratégias próprias de interpretação do mundo” (Idem: 08). Ou seja, essa interpretação ainda é muito superficial, devido também ao pouco tempo em sala de aula para uma devida assimilação dos conceitos sociológicos trabalhados.

Um outro ponto a mencionar é o conceito de interdisciplinaridade que aparece na questão. Em minhas aulas sempre gosto de explicar que as ciências não caminham sozinhas. Nas ciências humanas, sociologia e história andam juntas, cada uma com sua especificidade. Como coloca Bridi (2009), o próprio conceito de classe não designa a sociedade em todos os tempos, mas surge quando ocorre o nascimento do capitalismo como modo de organização social em determinado período histórico (Idem: 66). Assim, um dos caminhos de interpretação da resposta de Guilherme, que por influência da família não via sentido na sociologia, é que, ao perceber a conexão entre as ciências, ele compreendeu melhor os conteúdos. E isso aparentemente o auxiliou na interpretação do mundo da vida quando diz que se sente parte de um grupo e de uma classe após o contato com a disciplina.

Do grupo de meninas que me abordou no início das aulas no Uruguai, compartilho as respostas de duas delas aqui, Tamires e a Ingrid. A segunda foi a que corrigiu sua colega em relação à aula ser de sociologia, e não filosofia. Ela colocou em seu caderno uma resposta interessante em relação ao aprendizado mencionando uma reportagem (chamada por ela de documentário) que exibiu em aula sobre a questão do trabalho:

Aprendemos muitas coisas como ações sociais, culturas, entre outros, o mais recente foi um documentário sobre os trabalhador e como as pessoas são escravizadas por falta de estudo, trabalharem por pouco, a sociologia trás um lado da sociedade onde não temos muito contato.

Além dos conceitos de ação social de Max Weber e as diferentes culturas que desenvolvemos na introdução à antropologia, a aluna deu ênfase na reportagem do programa Caminhos da Reportagem, veiculada pela TV Brasil, de nome “*A força – a escravidão moderna*” que foi passada em aula⁵¹. Nessa reportagem jornalística muito bem produzida, mostra-se a realidade de trabalhadores brasileiros em situação análoga à escravidão com vários casos ao redor do Brasil. Usando como eixo de narrativa a situação de pessoas que sofreram e sofrem esse processo no campo e nas residências urbanas, com depoimentos e análises de especialistas no campo jurídico e institucional (polícia federal e ministério público), a reportagem faz referência a obras cinematográficas e documentários que tratam da questão.

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?si=7cBEO8aZHgi3p5p7&v=5VFrErCJijE&feature=youtu.be>

Sobre o uso de recursos audiovisuais no aprendizado na sala de aula, Bridi (2009) coloca que a escola está desafiada a desenvolver alfabetizações múltiplas e cita Kellner (2001:07) que diz que é preciso “combinar habilidades da alfabetização crítica da mídia com a alfabetização tradicional da imprensa e com as novas formas de alfabetizações múltiplas para acesso e domínio de novos ambientes de multimídia e de hipertexto”. Essa combinação de alfabetização crítica com as novas formas de alfabetizações múltiplas na sala de aula atual é fundamental no ensino e aprendizagem, na medida em que os alunos estão cada vez mais imersos no mundo digital (via celular), com acesso a aplicativos (*Instagram, Tik Tok*) mas sem uma devida instrução ou “filtro” crítico do que se acessa⁵².

O meu objetivo ao passar essa reportagem nas turmas é o de abordar as desigualdades e o preconceito racial, fruto de uma estrutura social baseada na mão de obra de pessoas escravizadas que perdura até os dias atuais. Ou seja, utilizar o recurso audiovisual, com a ferramenta do *educatron*, desenvolvendo os conceitos de trabalho e exploração, cultura, etnia e movimentos sociais de modo a refletir sobre o problema, mostrando uma realidade brasileira ainda vigente. E no decorrer das aulas, desenvolver uma reflexão crítica sobre a realidade apresentada com uma discussão posterior. A fala de Ingrid em relação a disciplina quando coloca que “*a sociologia trás um lado da sociedade onde não temos muito contato*” indica que o recurso audiovisual auxilia na visualização e compreensão de que existe um grave problema social como a escravidão moderna⁵³.

Em conversa com a aluna nos momentos finais das aulas, descubro que ela mora com a família próxima à escola e que segue um dos ramos das religiões evangélicas. Seu pai trabalha em uma oficina de carros e a mãe numa loja de produtos escolares próxima a sua residência. Na fala da menina podemos perceber que o problema da escravidão moderna apresentado na reportagem não está próximo do seu cotidiano, apesar de fazer parte da realidade brasileira, mas segundo ela a sociologia, por meio da explicação dos conceitos e apresentação dos fatos, “trás” essa triste verdade ao seu mundo da vida. Por mais que a aluna possa não ter compreendido os conceitos dos autores

⁵² É importante mencionar que nós educadores não temos nenhum tipo de treinamento ou instrução por parte da mantenedora (SEED) sobre como utilizar os recursos audiovisuais (filmes, séries, documentários) em sala. Nas formações que ocorrem a cada trimestre nas escolas, normalmente são debatidos temas que remetem a política educacional do atual governo e sua incessante busca por índices e resultados. Com a tecnologia cada vez mais presente e com as condições de trabalho em sala, percebo que nós educadores estamos cada vez mais defasados no acompanhamento das novas gerações e as múltiplas tecnologias presentes.

⁵³ É importante mencionar que nós educadores não temos nenhum tipo de treinamento ou instrução por parte da mantenedora (SEED) sobre como utilizar os recursos audiovisuais (filmes, séries, documentários) em sala. Nas formações que ocorrem a cada trimestre nas escolas, normalmente são debatidos temas que remetem a política educacional do atual governo e sua incessante busca por índices e resultados. Com a tecnologia cada vez mais presente e com as condições de trabalho em sala, percebo que nós educadores estamos cada vez mais defasados no acompanhamento das novas gerações e as múltiplas tecnologias presentes.

clássicos, o recurso audiovisual ajudou na compreensão de que a sociologia é uma ferramenta de denúncia e reflexão do mundo e dos problemas sociais graves como a escravidão moderna.

A seguir compartilho algumas percepções e a resposta da outra aluna que fez a abordagem no início da aula no 2ºA. É importante pontuar que essas duas alunas sempre estiveram presentes nas aulas, demonstrando interesse, sugerindo e aplicando também algumas dinâmicas diferenciadas (metodologias ativas) de ensino em sala, através da apresentação dos seminários, tornando os momentos de aprendizados mais leves e dinâmicos, apesar da rígida disciplina imposta no colégio.

Tamires tinha 17 anos e aparentava ter um pouco mais de idade, devido à forma de responder as perguntas em sala e seu jeito de se comunicar. Com perfil de liderança, algumas vezes foi sugerido pela turma a candidatura dela à representante de sala. Como na escola existe a regra do rodízio semanal dos “chefes de turma” ela assumiu o posto algumas vezes e, observando nas aulas, percebi que naturalmente adotava esse papel ao longo do ano e os outros colegas a apoiavam.

A aluna trabalhava com aulas em uma escola particular de inglês e tinha sido recentemente batizada numa das muitas igrejas evangélicas do bairro Cajuru. No ano de 2024, ao completar 18 anos, a aluna casou-se com um outro jovem de sua igreja. Uma grande parte dos jovens das escolas da região, tanto no Leminski quanto no Uruguai, seguem religiões com fundamentos cristãos e pertencem a igrejas, templos e congregações evangélicas, uma característica da juventude atual nas escolas da rede estadual⁵⁴.

Na turma do 2ºA consegui adiantar naquele trimestre o conteúdo, o que na maioria das turmas não foi possível. Apesar de demonstrar interesse e participação nas aulas, houve momentos em que Tamires não estava muito disposta aos estudos, segundo ela devido à “*trabalheira na escola de inglês*”. Sua resposta em relação ao aprendizado de sociologia naquele 2º trimestre foi a seguinte:

Nesse 2º tri, aprendi bastante o conceito de cultura, identidade e respeito a diferença. Eu meio que já sabia de tudo isso, mas sempre é bom lembrar e aprofundar um pouco mais seu conhecimento e com isso, a sociologia nunca erra.

Lembrando que também aprendi um tico (na verdade muito!) sobre o Weber, por mais que tenha sido um assunto meio raso dentro da minha cabeça, mas tudo bem, ainda tem muito estudo

⁵⁴ Segundo o último censo do IBGE (2012) sobre religião, o percentual global de evangélicos no país saltou de 15,4, censo de 2000, para 22,2 em 2010. A questão da juventude escolar e a adesão a alguma religião de fundamento cristão é um fato observado em ambas as escolas analisadas. Assim como na realidade brasileira onde temos a maioria que se declara cristão (católicos e evangélicos principalmente) esse fato faz com que muitos alunos de outras religiões não se sintam à vontade para manifestar sua religiosidade nas salas de aula. Conheci muitos alunos e alunas de religiões afrobrasileiras (umbanda e candomblé) que ao serem questionados em aula se seguiam alguma religião respondiam que sim, mas sem especificar qual ou nem ao menos compartilhavam a sua fé com medo de preconceito e represálias por parte dos colegas. Mas muitos, principalmente no Colégio Paulo Leminski quando falavam, se expressavam com muito orgulho sobre sua fé ou falavam comigo em particular sobre o pensamento espiritual e religioso. Sobre as religiões evangélicas no Brasil, seu crescimento e relações com a política ver Santos (2016).

pela frente. Teve mais conteúdo, claro, mas gostei muitíssimo mesmo de estudar antropologia!

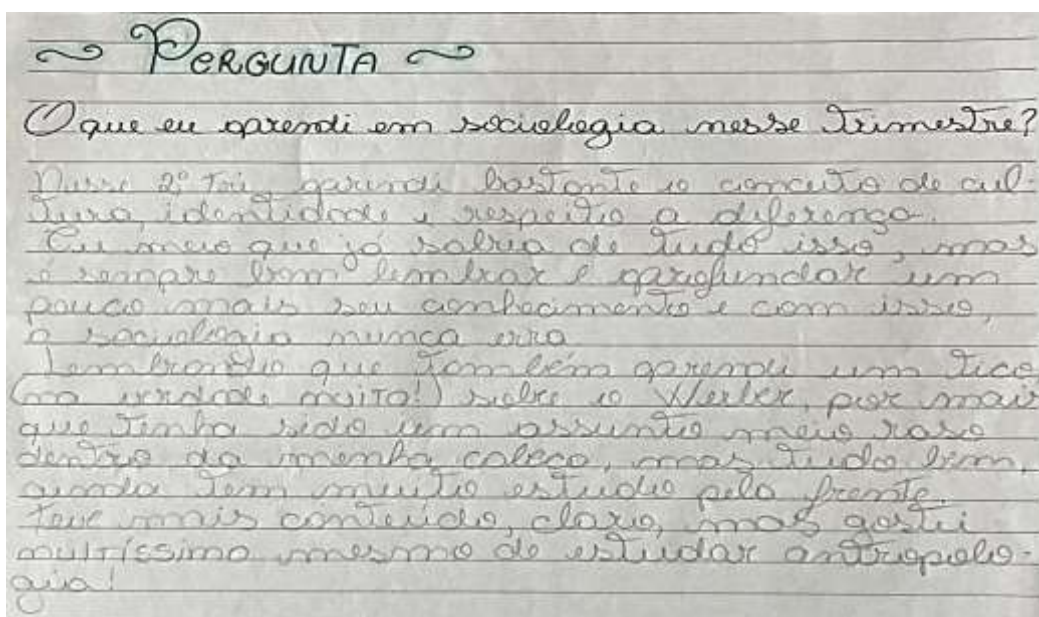
A resposta da Tamires é interessante pois ela escreveu com uma narrativa semelhante a uma conversa informal. Essa aproximação do texto da aluna revela um pouco da característica de sua personalidade, além de refletir também a minha forma de lecionar que preza pela liberdade, diálogo e entusiasmo nas relações. bell hooks (1994) coloca as seguintes reflexões em relação ao entusiasmo em sala:

“Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros (...) Para começar, o professor precisa *valorizar* de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado” (hooks, 1994, p.18).

Num colégio cívico-militar dotado de regras de comportamento e punições das mais diversas, o ato de ouvir o aluno, reconhecendo a sua presença, é fundamental para o aprendizado de qualquer disciplina. A escuta e o reconhecimento da presença dos alunos são recursos que promovem o diálogo e a liberdade da livre expressão, como na resposta de Tamires na sala de aula.

A liberdade de fala fica nítida na resposta da aluna quando afirma que *“eu meio que já sabia de tudo isso”* em relação aos conceitos de cultura, identidade e respeito a diferença. Mas podemos nos perguntar como ela sabia? A partir das experiências na comunidade religiosa? No ato de ensinar a língua inglesa numa escola particular? Ela continua com a afirmação de que *“é sempre bom lembrar e aprofundar um pouco mais seu conhecimento e com isso, a sociologia nunca erra”*.

FIGURA 09 – ATIVIDADE DA ALUNA TAMIRES 2ª A



É provável que Tamires nunca tenha estudado os conceitos de cultura e identidade sob o viés das ciências sociais, de modo que no final da primeira parte da resposta ela aparentemente reconhece o caráter científico da disciplina. Mas podemos refletir se realmente ela aprendeu o conteúdo do 1º trimestre relacionado a construção do conhecimento científico sociológico e sua validade.

Seguindo na análise da resposta, ela coloca que aprendeu os conceitos de Weber “*um tico*” para depois afirmar que foi muito, mas que os assuntos ficaram superficiais em sua memória. Posso interpretar essa superficialidade como uma falha metodológica na transmissão do conhecimento, onde a partir das explicações tradicionais (quadro, giz, slides) não consegui acessar o mundo da vida da aluna através de alguma metodologia específica como nas explicações de Marx e Durkheim. E quando ela diz que “*tudo bem, ainda tem muito estudo pela frente*” percebe-se que ela espera compreender outros conceitos da disciplina ao longo do ano e que o ensino médio, no atual contexto, é uma caminhada longa.

Tamires foi uma das melhores alunas em termos de participação em aula que tive ao longo dos anos. A identificação com o conteúdo antropológico e a própria antropologia veio por meio do seu interesse pela cultura, identidade e respeito a diferença. Ingold (2019:60) coloca que “a antropologia não lhe diz o que você quer saber; ela abala os fundamentos daquilo que você pensava que já sabia”. Nesse sentido, posso sugerir que os estudantes acabam por não dominar os conteúdos abordados em sala, mas, talvez, adquirem mais sabedoria do que antes. Uma sabedoria no sentido de que os conceitos abordados não se encontram mais na interpretação sob o viés do senso comum pelos estudantes, mas com a compreensão de que há culturas diferentes e diversas formas de identidade, que podem ser desconstruídas e reinterpretadas por eles no cotidiano. E não estão somente no livro didático com os conceitos clássicos de Malinowski e Strauss, de difícil assimilação muitas vezes, e sim na experiência prática no encontro do exótico e da alteridade no dia-a-dia.

Pode ser esse o interesse da aluna pela antropologia, o de adquirir mais conhecimento e sabedoria na medida em que discutimos em sala a partir dos seminários de apresentação sobre diferentes culturas, religiões e noções de identidade étnica e de gênero. Ingold afirma que a antropologia é um conhecimento holístico focado no “entrelaçamento de aspectos da vida, que poderiam, de outra forma, ser repartidos entre diferentes disciplinas para seu estudo isolado” (Idem:66). Ao estudar conteúdos que abarcam valores e aspectos da vida da estudante e dialogam com outras áreas do conhecimento, o aprendizado sobre os temas e sobre a própria antropologia se mostra presente.

A apresentação em sala dos valores religiosos, culturas diversas e respeito às diferenças, criou uma identificação com o mundo da vida de Tamires. O que demonstra que as ciências sociais são fundamentais na sala de aula, visto que a aluna fazendo parte de uma igreja cristã do ramo evangélico, interessou-se pela antropologia, saber que estuda “o outro” a partir de diferentes culturas e costumes.

2.4 Os alunos e a rede de relações no aprendizado da sala de aula

Ao iniciar a pesquisa de mestrado e a escolha do tema e do objeto de pesquisa me deparei com alguns questionamentos. Um deles era em relação à pesquisa etnográfica e como eu enquanto professor poderia fazer um relato academicamente válido estando dentro do contexto da sala de aula, meu ambiente de trabalho. E a partir da definição de um objeto, o aprendizado, que teoria ou autor poderiam fundamentar este estudo de modo a mostrar essas percepções do ponto de vista dos próprios atores.

A escolha da Teoria do Ator-Rede (ANT) por sugestão de meu orientador auxiliou na compreensão de que mesmo na função de professor, a sala de aula não está sob nosso controle. Ela se configura como um sistema com múltiplos fatores e causas, que não podem ser vistas e controladas formando essa rede de relações. Diversas vezes programamos as aulas com antecedência e por algum motivo dentre os vários como agitação dos alunos, simulado de incêndio, jogos de futebol, brigas ou mesmo fatores climáticos como chuvas fortes afetam o planejamento. As interações sociais na escola e dentro da sala não são explicadas apenas por sujeitos humanos (alunos), mas por uma rede de atores humanos e não humanos (quadro, livros, celular, *educatron*, etc.) que possuem agência e tem a capacidade de influenciar o processo educacional, como indica a teoria de Latour. O ator não seria a fonte do ato em si, mas o alvo móvel de um conjunto de entidades que se direcionam até ele, onde a própria ação é deslocada. Para o autor:

“A ação é tomada de empréstimo, distribuída, sugerida, influenciada, traída, traduzida. Se diz que um ator é um *ator-rede*, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação (...)” (Latour, 2012, p.76).

Nesse sentido quando me deparei com as repostas dos estudantes dos dois colégios analisados a partir de uma pergunta aparentemente simples, percebi que não só o conteúdo escolar fazia parte desse processo de aprendizado, mas as diversas camadas da vida dos educandos, incluindo os atores humanos e não-humanos e, sobretudo, as relações entre eles. Esses atores são alvos móveis, com a influência de um conjunto de fatores que tornam suas ações deslocadas, incertas, não fixas no contexto analisado. De certo modo, a teoria de Latour é sistêmica, sugerindo que as dualidades

indivíduo e sociedade e estrutura e ação, tão fortes na teoria sociológica, não dão conta da multiplicidade de causas que formulam uma realidade social. Mais ainda, indicando que realidades sociais talvez não possam ser totalmente entendidas se nos fiarmos de modo muito seguro nas ideias de causa e efeito. Um sistema é formado por relações, plenamente observáveis pelo analista, mas bastante fugidias se tentarmos compreendê-las como causas objetivas de atores que pensaram e decidiram.

Podemos colocar que dentro dessa rede de relações analisada, o fato da funcionária Carmelita do Colégio Paulo Leminski ter uma postura muitas vezes rígida e espontânea, faz com que muitos alunos tenham uma experiência positiva ou negativa em relação à ela e ao colégio. Em relatos durante a pesquisa, ouvi muitos alunos me dizendo que a postura da funcionária em relação à cobrança de uniforme e mesmo em conversas no cotidiano é muito agressiva. E isso gera um afastamento da escola e mesmo casos de alunos que fugiram da aula pulando o muro, para depois me contar “*dei o balão na Carmelita professor*” com orgulho de terem escapado dela, da instituição e das aulas⁵⁵. Em outros casos, há trocas de abraços e elogios entre a funcionária e outros alunos. Essas atitudes da funcionária influenciam a rede de relações e o aprendizado quando os alunos se sentem estimulados ou não a estar na escola.

E esse estímulo ou a falta dele esteve presente na resposta de Henrique do 2°C, que colocou sua opinião sobre a escola como uma prisão e, ao que tudo indica, buscou pontos de fuga nos psicoativos como forma de escapar da realidade escolar e das diversas cobranças no ensino médio.

No caso da turma do 2°C do Colégio Paulo Leminski, tanto a influência dos alunos do “fundão” como das meninas da frente, torna esses indivíduos agentes no processo educacional com influência direta no aprendizado. E não somente eles, mas os elementos não-humanos como o quadro e o giz, que colocam a turma sob controle e o aparelho celular e os jogos de baralho, como fatores de dispersão.

Outro agente não-humano, o *educatron*, tem uma influência direta atualmente nas salas de aula em ambas as escolas analisadas. Sugerida por Alysson, a música do grupo *O Rappa* foi apresentada para a turma através do *educatron*, assim como os slides utilizados nas aulas e a chamada que muitos professores fazem por esse acessório misto de televisão e computador. Atualmente ele é fundamental no processo de ensino e aprendizado pois, além de ser cobrada a chamada virtual pela mantenedora, muitos professores utilizam-no para passar os *quizzes*

⁵⁵ São relatos de alguns alunos ao longo da pesquisa etnográfica que diziam com muito orgulho que conseguiram escapar da escola e enganar a funcionária. A gíria “dar o balão” tem a ver com a cultura do futebol e uma manobra característica onde os jogadores elevam a bola por cima do adversário e na queda, pegam ela ao lado ou atrás deles durante o jogo. Fonte: Anotações do caderno de campo (maio e junho de 2023).

(obrigatórios) e o acesso às plataformas das disciplinas de inglês e português⁵⁶. Posso colocar que *educatron* deve ser usado de forma responsável, visto que molda o aprendizado dos alunos alterando a forma como interagem com o conhecimento sociológico.

Essa influência esteve presente na resposta da aluna Ingrid do 2ºA do Uruguai quando respondeu que aprendeu sobre o conceito de trabalho a partir da reportagem passada em aula, via *educatron*, sobre o trabalho escravo. Algum tempo atrás, cerca de cinco ou seis anos, a dificuldade para conseguir um projetor era imensa, pois além de não ter o acessório na maioria das escolas, os professores tinham que reservar o aparelho com antecedência para passar o conteúdo ou os vídeos. E muitas vezes ele se encontrava em condições precárias para sua devida utilização, além de demandar tempo de montagem conectando-o a um computador pessoal do educador, diminuindo consideravelmente também nosso tempo de aula.

Percebi também ao longo da pesquisa que o caderno tem uma função importante no processo de aprendizado. Muitos alunos, quando estão sem o material, perdem o foco nas aulas, dispersam com facilidade, conversam mais entre eles ou simplesmente dormem, como no caso dos alunos do Colégio Paulo Leminski. No Colégio Uruguai, com regras mais rígidas, a falta de caderno e as sonecas resultam em punição (retirada de sala e perda de pontos na média), variando as consequências conforme o método de ensino, a personalidade do professor e sua relação conflituosa ou harmoniosa com os alunos e as turmas.

Os instrumentos físicos como o quadro, giz, caderno e os acessórios digitais como *educatron* e o celular, auxiliam na tradução e memorização dos conteúdos densos e abstratos da sociologia, assim como a apresentação de trabalhos (que podem ou não utilizar esses recursos) e os métodos diferenciados. O caso das alunas Karina e Gisele do 2ºC e a Gabriela do 2ºB, do Leminski, bem como de Tamires do 2ºA do Uruguai demonstram esse fato. Karina lembrou dos nomes dos autores clássicos e mencionou a teoria de classes de Marx, provavelmente pela explicação com o desenho da pirâmide social e os exemplos das desigualdades econômicas presentes no capitalismo. E Gisele mencionou o método funcionalista de Durkheim como o mais “marcante”, que aparece também na resposta da Gabriela.

Tamires colocou que gostou da antropologia mencionando os conceitos básicos que foram transmitidos através da apresentação de seminários, o que não ocorreu nas explicações dos conceitos

⁵⁶ Houve o caso de uma turma, o 2ºG no Colégio Paulo Leminski onde os alunos depredaram o *educatron* jogando água e rachando a tela do aparelho. A direção agiu de forma severa com os alunos, punindo e aplicando suspensão nos responsáveis, além destes terem que fazer uma vaquinha para adquirir um novo acessório ao longo do ano. Nesse período muitos professores tiveram dificuldade de lecionar, devido a falta da transmissão dos slides, utilização de plataformas e mesmo a chamada virtual.

weberianos. E foi a teoria de Weber que segundo ela não fez sentido na resposta, mesmo eu explicando posteriormente a ideia central presente na obra “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” (Weber, 2005) que poderia facilmente criar uma identificação com a religião cristã do ramo evangélico a qual ela se converteu. Procuo utilizar essa obra de Weber como forma de aproximar os alunos evangélicos dos conceitos abstratos da sociologia clássica.

Podemos perceber a partir desses exemplos que há uma rede de aprendizado nas escolas que está em constante transformação, sendo influenciada pelos diversos atores, que participam e moldam esse conhecimento. E nós professores temos o nosso papel redefinido, deixando de ser exclusivamente os transmissores do conhecimento e passando a atuar como mediadores e organizadores dessa rede de aprendizados.

No terceiro e último capítulo falaremos sobre os temas do terceiro trimestre de 2023 com o objetivo de mostrar algumas atividades que complementam as explicações sobre o aprendizado em sala de aula, a partir das percepções dos alunos das duas escolas. Voltaremos a falar também do Novo Ensino Médio e como essa mudança impactou os atores no aprendizado dentro dessa rede de relações analisando a pesquisa sociológica aplicada pelos alunos do Colégio Paulo Leminski no 1º trimestre daquele ano.

CAPÍTULO 3

MOVIMENTOS, CULTURA E EXPERIÊNCIAS DO NOVO ENSINO MÉDIO

Nesse capítulo, continuaremos a análise etnográfica a partir das respostas dos alunos sobre a pergunta sociológica com os temas relativos ao terceiro trimestre do ano de 2023. Essas respostas irão auxiliar nossa interpretação sobre os processos de aprendizado em sala de aula e como esses temas presentes no registro de classe suscitam reflexões e discussões sobre o processo escolar. Abordaremos também a pesquisa sociológica efetuada pelos alunos do Colégio Paulo Leminski com relação à implementação do Novo Ensino Médio e as opiniões e percepções dessa mudança por eles e pela comunidade escolar que participou da atividade no primeiro trimestre de 2024.

A análise da pesquisa busca compreender e refletir em que medida essas mudanças afetaram os alunos em seus processos de aprendizado escolar e suas vidas, a partir dos seus pontos de vista. A questão do protagonismo juvenil também se insere nas reflexões, visto que as atividades de pesquisa foram desenvolvidas pelos próprios alunos do terceiro ano do Colégio Paulo Leminski, que fizeram parte das turmas que vivenciaram a implementação da reforma educacional e o novo ensino médio.

A atividade desenvolvida pelos alunos fez parte da avaliação do primeiro trimestre de 2024 e foi sugerida por uma aluna da turma do 3^oC, como mencionado no primeiro capítulo. A partir do conteúdo de aula relacionado aos diversos métodos de pesquisa usados na sociologia e na ciência política, assunto presente no RCO do terceiro ano, os estudantes utilizaram diversas ferramentas de pesquisa, formulando as questões, aplicando-as e chegando a resultados. Analisaremos algumas dessas atividades selecionadas com o objetivo de elucidar a questão do aprendizado dos alunos em sociologia e como o ensino médio atual influencia o processo escolar.

3.1 O último trimestre e as reciprocidades nas formas de aprender

No início de mais um dia letivo no terceiro trimestre de 2023, coloquei os temas e assuntos a serem discutidos pelos alunos nas turmas do 2^o ano. A avaliação naquele período estaria vinculada às apresentações de seminários e aos temas que os próprios alunos escolheriam, como nos trimestres anteriores. Como educador, tenho a impressão de que o tempo em sala passa mais rápido nos últimos três meses do ano, principalmente porque nos dois colégios analisados ocorrem os famosos Jogos Interclasses, também conhecidos como olimpíadas escolares, que mobilizam alunos, professores, equipe diretiva e

funcionários. Esse é um dos grandes momentos da escola, pois gera entusiasmo e a participação de todos. Assim, antes, durante e depois dos jogos, os alunos estão focados exclusivamente na atividade extraclasse, tornando os momentos de aula no ambiente fechado mais difíceis, no sentido do ensino de conteúdos das disciplinas.

Ao colocar os temas do trimestre no quadro na turma do 2ºB do Paulo Leminski, como cidadania, movimentos sociais, questões étnico-raciais e questão indígena, observo alguns alunos agitados e fazendo gestos que imitam um arco e flecha. Eis que o aluno Nicholas faz a seguinte fala:

Esse negócio de índio professor é com o pessoal de Piraquara... eles que manjam da tribo.

Quando escutaram a fala do aluno, alguns da turma dão risada e outros permanecem sérios. Minha atitude foi perguntar para ele qual a relação entre os indígenas e a cidade da região metropolitana, fora o nome de origem guarani. O aluno percebe, a partir da minha fala, que teria que se justificar na frente da turma toda.

É brincadeira professor, é porque lá tem uma tribo perto da represa... e a gente fala que o povo da cidade é índio...

Por conhecer a região e já ter visitado a comunidade guarani que está instalada há alguns anos na margem da represa de Piraquara, comunico Nicholas que devemos ter mais respeito em relação aos povos originários. E que esses indígenas que ali estão, são os povos ancestrais desse território do estado do Paraná e do sul do Brasil, permanecendo sua cultura presente em nosso cotidiano com o hábito de consumo da erva mate, tabaco, alimentos como pamonha e pinhão, nomes dos municípios, bairros, pessoas e ruas e em nossa genética também, visto que somos a mistura de três povos principalmente (nativos de diversas etnias, portugueses e africanos). Além de não termos o direito de desrespeitar a população de Piraquara e região metropolitana.

Os alunos que estavam sérios concordaram com a fala e disseram “*é isso mesmo professor*” e o Nicholas reagiu com um olhar ao mesmo tempo de deboche e dúvida em relação às informações apresentadas. A maioria dos que concordaram eram residentes do município e constantemente sofriam esse tipo de *bullying* escolar⁵⁷.

Um desses alunos é Luíz Vítor, menino que reside na cidade da região metropolitana e foi um dos que se sentiu ofendido com o comentário de Nicholas. Como mencionado no capítulo anterior, a turma do 2ºB tem um perfil diferenciado em relação ao comportamento em sala e se divide em

⁵⁷ Em observação na pesquisa etnográfica percebi que, em praticamente todas as turmas que lecionei nesses últimos anos, ocorrem esses comentários em relação aos moradores da cidade. Alguns alunos até “naturalizaram” a situação e brincam com o *bullying* e outros se mostram realmente incomodados e insatisfeitos com esse tipo de preconceito. Busco intervir da melhor forma possível, desconstruindo preconceitos e passando as informações necessárias, com base nas ciências sociais. Fonte: Anotações do caderno de campo (fevereiro a dezembro de 2023).

subgrupos. O grupo do Luíz se posicionava no oposto da sala em relação ao de Nicholas, que tinha o hábito dos jogos on-line e estiveram envolvidos no desentendimento mencionado no caso da aluna Gabriela. Quem fazia parte do grupo de Luiz eram meninas que tinham uma relação conflituosa entre elas mesmas, sendo um misto de briga e amizade, observado nos três anos que trabalhei na sala, sendo necessário inclusive a intervenção da pedagoga e direção em alguns momentos.

Antes de apresentar as respostas dos alunos sobre a pergunta sociológica e os processos de aprendizado, é importante fazer uma reflexão sobre a identidade e a visão de classe que os educandos tem sobre si e sobre o outro. Um dos autores que fez uma abordagem importante sobre a visão de classe dos educandos foi Freire (1987) que fala sobre a dualidade existencial dos oprimidos que “hospedam” o opressor e cuja sombra eles “introjetam” na relação sendo ao mesmo tempo eles e o outro, assumindo atitudes fatalistas com o próximo (Idem:54). O autor também coloca que:

“Na ‘imersão’ em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a ‘ordem’ que serve aos opressores que, de certa forma, ‘vivem’ neles. ‘Ordem’ que, frustrando-os no seu atuar, muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que agredem os próprios companheiros. (...) Ao agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também ‘hospedado’ neles e nos outros” (Freire, p. 55).

O que ocorre na situação observada e vivenciada em aula é que os alunos reproduzem um tipo de preconceito com colegas da própria classe social. Muitas vezes, por não terem a plena consciência do seu lugar de classe no sistema capitalista, assumem atitudes de violência psicológica e horizontal, rebaixando outros alunos só por morar em uma cidade vizinha que recebeu uma comunidade indígena. Não se percebem como opressores numa situação de *bullying* e nem da mesma classe social.

A maioria dos alunos que faz esse tipo de comentário em relação à localidade, incluindo Nicholas, reside em bairros periféricos que estão próximos da escola, como Capão da Imbuia, Bairro Alto e Cajuru, este último residência do Nicholas e alguns do grupo do fundão dos jogos on-line. Essa reflexão é importante pois não só a questão de não reconhecimento de classe é um dos problemas observado na pesquisa, como o não reconhecimento de sua identidade étnica e cultural.

Após uma aula no terceiro trimestre sobre movimentos sociais em que falei do movimento negro e usei como exemplo o movimento rastafari na Jamaica, Nicholas e seus colegas vieram me falar que eram fãs de música reggae. Expliquei a eles que o reggae era um estilo, assim como o blues, samba, jazz e o próprio rock surgidos de uma matriz africana e que especificamente o reggae, trazia em sua bagagem o movimento pan- africanista no caribe e região⁵⁸. Sendo um aluno afrodescendente

⁵⁸ O pan-africanismo é uma ideologia que surgiu no final do século XIX, na diáspora africana (Caribe e Estados Unidos), defendendo a união dos povos de origem africana, nascidos no continente ou em outros. A ideologia Pan-africanista

Nicholas ficou feliz em saber da informação.

Mas o interessante de observar é que em algumas ocasiões, e não só no 2ºB, presenciei situações em que comentários preconceituosos e racistas surgiram entre ele e seus colegas, referindo-se uns aos outros como “seu preto” de forma pejorativa. Rebaixando os colegas de tonalidade de pele mais escura e humilhando-os em determinadas ocasiões. A atitude da escola é encaminhar à pedagoga e comunicar os pais ou responsáveis e a minha sempre foi a de cessar qualquer tipo de atitude preconceituosa e racista no ambiente da sala de aula. Primeiro porque é uma atitude incorreta num ambiente de acolhimento e construção de conhecimento e, segundo, porque a configura-se como crime na lei brasileira, além de sermos o país com mais descendentes de africanos no mundo, que sofrem diariamente com a violência física e psicológica, resultado de um processo estrutural na construção de nossa sociedade.

Esses comportamentos de diferença e preconceito sobre a localização que envolve uma questão indígena e as atitudes de preconceito racial ocorrem em praticamente todas as turmas em ambos os colégios. E de certo modo prejudicam o aprendizado dos alunos que o sofrem, gerando uma tristeza, introspecção e afastamento entre eles além de episódios que podem resultar em conflitos⁵⁹. Mas o que se apresenta em sala é só o resultado de processos de formação e socialização que são reproduzidos no ambiente escolar. Como definiu Almeida (2019) o *racismo estrutural* está constituído na sociedade brasileira e foi construído historicamente, sendo a um só tempo palco e ator da reprodução das desigualdades sociais e étnico-raciais ao longo dos anos.

Podemos retornar ao caso do aluno Luiz Vitor em que esses temas de preconceito étnico e geográfico encontram-se presentes em seu subgrupo do fundo da sala do 2ºB. Além de ser um morador de Piraquara e de tonalidade parda, Luíz algumas vezes foi chamado de gay e homoafetivo pelos alunos da turma. Algo que ele não repudiava e inclusive sentia orgulho falando “*sou mesmo*”. Mas o seu grupo da sala tinha outras características. Entre elas uma visão conservadora do mundo da vida e posturas ideológicas políticas à direita identificadas em conversas e debates ocorridos na

emergiu de um sentimento de solidariedade e consciência compartilhada da origem negra entre estes indivíduos.
Fonte: <https://abpn.org.br/o-legado-transformador-do-pan-africanismo-um-novo-amanhecer-para-a-diaspora-negra/>.

⁵⁹ No Colégio Uruguai fui informado por um aluno na turma do 2ºB em 2023 sobre um grupo do aplicativo *Whatsapp* onde o nome do grupo e os comentários eram de cunho racista e nazista. O aluno sentiu-se à vontade para me comunicar pois tínhamos uma boa relação além da identificação com a cultura do skate. O menino era afrodescendente e alguns do grupo estariam na categoria de pardos e outros que se consideravam brancos. As mensagens de ódio e preconceito eram direcionadas a pessoas negras, mulheres e ao movimento LGBTQIAPN+. No momento que recebi a denúncia, levei o aluno até a sala da direção onde a diretora comunicou um dos diretores militares, para acompanhar em conjunto o caso. Expliquei a eles que discurso de ódio contra minorias e nazismo era crime no Brasil e que se não fossem tomadas as atitudes cabíveis, poderia haver uma denúncia da instituição na ouvidoria da Seed e até mesmo na mídia. O grupo foi extinto, os alunos responsáveis foram punidos com advertência verbal, troca de turmas e troca de colégio. O rapaz que denunciou foi orientado a fazer um boletim de ocorrência, junto a seus pais no departamento de polícia.

sala ao longo do ensino médio.

Nesse ponto podemos trazer as reflexões de Dayrell (2007) sobre a questão da sociabilidade juvenil presente na turma e observada ao longo do período de pesquisa e convivência com eles. Para o autor:

“A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos (“os amigos do peito”) e aqueles mais distantes (a “colegagem”), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa mobilidade entre diferentes turmas ou galeras” (Dayrell, p.1111).

O grupo do Luiz, assim como o grupo do Nicholas, Gabriela e demais presentes na turma do 2ºB, demonstram a sua sociabilidade a partir desse constante movimento ao longo do ensino médio. No grupo de Luiz, no 1º ano algumas alunas chegaram a entrar em um embate físico que teve a intervenção de funcionários e outros alunos no intervalo de 2022. Já em 2023, as alunas sentavam-se lado a lado e conviviam pacificamente. O que foi observado também no caso de Nicholas e seu grupo quando se desentenderam nos jogos on-line e logo em seguida os alunos estavam fazendo brincadeiras e se abraçando.

Os movimentos de aproximação e afastamento trazidos por Dayrell e vistos na turma interferiam no processo de ensino e aprendizado da sala de aula, assim como os casos de preconceito étnico (indígena e negro) e geográfico. E ambos se ligam, pois ao mesmo tempo em que ocorrem insultos graves no ambiente de sala, logo após o ocorrido os jovens envolvidos neles estão convivendo e relacionando-se de forma aparentemente pacífica.

No meio dessa rede de relações por vezes harmoniosas ou conflituosas que configuram uma sala de aula, a resposta do aluno Luiz Vitor à pergunta sociológica do terceiro trimestre aborda exatamente esses temas:

Aprendi sobre mais da nossa cultura; os indígenas, sobre povoação, desmatamento e aprendi sobre os outros grupos, sobre os direitos das mulheres, cultura, cultura africana e os homens tem mais direitos que as mulheres.

Nas atividades avaliativas daquele trimestre ocorreram apresentações de slides, produção de cartazes, apresentação de documentários, entrevistas e a construção de maquetes. O aluno responsável pela maquete foi o próprio Luiz que, junto a seu grupo, escolheram o tema dos povos indígenas e, antes do prazo estipulado, o trabalho estava pronto para apresentação. Percebi na ocasião que a pressa em mostrar o resultado para turma estava vinculada à questão do comentário do Nicholas e dos meninos do seu grupo do fundão.

A apresentação foi excelente e a maquete muito bem produzida, abordando os conflitos de terra e a questão da produção e do desmatamento, fazendo uma comparação entre as terras indígenas

e a preservação do meio ambiente além das propriedades administradas pelo agronegócio. Durante a apresentação percebi que o grupo de Luiz olhava constantemente para o fundo e este, entre uma informação ou outra relativa ao número de reservas e a riqueza da cultura nativa, direcionava a atenção para o professor e para Nicholas que, mesmo não olhando diretamente para apresentação, permanecia atento às informações.

A resposta de Luiz coloca os temas da cultura brasileira, terras indígenas, povoação e desmatamento. Quando ele coloca que “*aprendi mais da nossa cultura*” pode indicar que ele já possuía algum conhecimento básico sobre cultura brasileira, mas que recebeu mais informações através das aulas e com os seminários. Ele demonstra isso na continuação da resposta “*aprendi com os outros grupos*” e continua citando os temas do trimestre e das apresentações dos colegas de sala como os “*direitos das mulheres, cultura africana, e os homens tem mais direitos que as mulheres*”.

A resposta de Luiz, bem como a maquete de apresentação na avaliação dos seminários, surge como uma resposta aos comentários preconceituosos que habitam no senso comum dos alunos da escola. Mesmo sem citar diretamente a etnia guarani, e a comunidade que habita a reserva em Piraquara ou mesmo o grupo rival da sala, o recado foi passado. A atitude do aluno ao final da apresentação evidenciou esse fato, pois ao final e sob palmas da turma o aluno agradeceu o professor e fitou o olhar de Nicholas alinhando sua postura e erguendo a cabeça com ar de satisfação e dever cumprido.

A apresentação da turma contou com essa diversidade de temas que estavam no planejamento e constavam no RCO. Em relação à questão das mulheres e a diferença de gênero, colocada por Luiz Vitor como “*os homens tem mais direitos que as mulheres*”, podemos fazer uma contextualização sobre a questão de gênero nas aulas.

Em uma aula em que estava explicando a questão de gênero, o movimento LGBTQIAPN+ e citando autoras como Simone de Beauvoir, me referi à turma como *todes* indicando a inclusão do pronome neutro na fala. Luiz e seu grupo logo tentaram me corrigir falando “*é todos professor*”, quando respondi explicando o porquê de usar o pronome neutro, deixando evidente que mais do que as regras gramaticais, a língua e a cultura são vivas⁶⁰. Na continuação da explicação, comuniquei a

⁶⁰ O autor clássico da antropologia Lévi-Strauss (1964: 20-25) fez um importante estudo sobre o papel da língua como ferramenta de transmissão cultural, onde esta carrega significados, valores e normas sociais, sendo essencial para sua evolução, estando estas em constante mudança. Para o autor “A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de organização e perpetuação dos modelos culturais.” (Idem:p. 20-25). Já em relação ao pronome neutro mencionado na ocasião, a autora Butler (2003) coloca que a linguagem tem um papel central na construção de identidades. A utilização de pronomes neutros poderia ser entendida como uma forma de resistir as normas binárias de gênero e de afirmar identidades que não se encaixam no sistema tradicional (masculino e feminino). O seu reconhecimento pela sociedade, além de evitar um ato de violência simbólica, incluiria essas categorias historicamente excluídas. Autora aprofunda essas reflexões em seu livro “*Discurso de ódio: uma política do performativo*” (2022). Sempre importante lembrar que utilizo as referências de Butler em sala, fundamentando a utilização e o debate dos termos e temas, mas tomando o devido cuidado, devido a falsa propagação de uma “ideologia

eles sobre o histórico do movimento e que, ao usar o pronome, estava sendo solidário com as minorias sociais que são historicamente violentadas e excluídas na sociedade atual. A turma de Luiz, que incluía uma colega de nome Celina, disse “*isso é errado*” e começaram a conversar entre eles em tom mais de voz mais baixo, evitando que eu pudesse escutar as suas opiniões.

Celina foi uma das que entraram em conflito no intervalo, em 2022, e algumas vezes seus pais foram chamados pela direção pela discriminação de gênero com outra aluna da sala, a Nicolly⁶¹ e por uso excessivo do celular e comportamento inadequado com professores em aula. Numa dessas ocasiões, numa aula de português em que Celina agiu de forma discriminatória, ela foi chamada na direção e a diretora e a professora questionaram sobre sua atitude alegando que um dos seus melhores amigos, o Luiz, era homoafetivo. A atitude de Celina foi de exclamar um “*E daí?*” e negar o xingamento contra a Nicolly. Porém outros alunos testemunharam a atitude discriminatória contra a aluna e confirmaram o fato.

Podemos perceber nesse caso que há uma contradição no discurso dos atores envolvendo a questão de identidade de gênero. Quando Luiz coloca em sua resposta que “*os homens tem mais direitos que as mulheres*”, ele reconhece esse privilégio construído historicamente numa sociedade patriarcal. Mas não reconhece, ou finge não reconhecer, que seu grupo da sala age de forma discriminatória com mulheres e minorias sociais. Assim como a aluna Celina que, mesmo tendo um amigo homoafetivo, agiu de forma violenta com Nicolly pela sua forma de ser e opção sexual, por um período de quase dois anos.

Essa contradição entre o discurso presente na resposta de Luiz e a prática, considerando que ele mesmo faz parte das minorias, visto que sofreu *bullying* por ser de uma cidade que abriga uma comunidade indígena, e por fazer parte de um grupo historicamente excluído, pode ser interpretada como uma crise de identidade política e de gênero.

A crise de identidade política estaria relacionada à visão tradicional à direita e conservadora do grupo de Luiz e suas amigas. Os alunos, muitas vezes, contestam a autoridade em sala, sendo essa uma condição juvenil, como colocado por Pereira (2010), e expressam também certa desilusão com a instituição escolar, exteriorizados por comportamentos que questionam e desafiam a ordem

de gênero” nas escolas.

⁶¹ A aluna Nicolly diversas vezes entrou em contato comigo via e-mail, pedindo ajuda e afirmando que sofria discriminação por parte do grupo de Luiz e Celina. A aluna como a maioria dos jovens adolescentes se encontrava na fase de autodescoberta e transição para a fase adulta e se apresentava como “Nick” em relação a identidade de gênero. Era daquelas alunas que contava com problemas familiares. Em conversas com a aluna e com equipe pedagógica descobri que a mãe já havia tentado suicídio por estar separada do antigo marido e desempregada. A menina no primeiro ano faltava muito e por pouco não foi reprovada. Por estar fora do padrão comum, sofria preconceito familiar por muitos parentes evangélicos e isso refletia em seu comportamento introspectivo e instabilidade emocional. Em muitas ocasiões a menina chorava durante as aulas. Fonte: Anotações do caderno de campo (março a dezembro de 2022 e 2023).

escolar, tal como discutidos por Bourdieu e Champagne (2003). Mas a questão que se apresenta é em relação à visão política dos alunos e sua inerente contradição.

Para Norberto Bobbio, em sua obra clássica “*Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*” (1994), o que diferencia a esquerda da direita é a forma que essas ideologias e seus seguidores fazem em relação ao juízo de valores, positivo ou negativo, sobre o ideal de igualdade. Ao longo da pesquisa etnográfica, pude perceber que a grande parte dos alunos tem influências ideológicas no âmbito familiar e muitas opiniões vindas da internet, por meio de podcasts, páginas de *Instagram* e *Youtube*⁶².

A contradição e a crise de identidade se apresentam na própria condição em que o aluno se encontra e como ele e seu grupo agem a partir disso. Sendo um grupo de alunos moradores de bairros periféricos, Luiz um morador de cidade da região metropolitana, com uma opção sexual discriminada socialmente, de cor parda, que sofre *bullying*, acabam por seguir uma visão ideológica que reproduz valores de desigualdade. E além disso, a colega do seu grupo age de forma discriminatória com uma aluna que também faz parte de uma mesma categoria social e que sofre o preconceito e violência pela sua opção sexual. Ao final desse capítulo voltaremos às discussões sobre como esse caso influencia o processo de aprendizado no Colégio Paulo Leminski.

Passemos à análise da resposta de mais três alunas sobre a pergunta sociológica na turma do 2º B. São elas Celina, Nicolly e uma terceira aluna que não participou diretamente das discussões acima, mas esteve presente em praticamente todas as aulas no período da pesquisa etnográfica, Kauany.

A resposta de Celina foi a seguinte:

Não me lembro de muita coisa mas aprendi sobre a sociedade e seus direitos.

Como já descrito sobre o grupo de Celina e Luiz, o hábito de utilização do celular em aula e o fato da sala contar com seus pequenos grupos condicionam a resposta da aluna. Ao longo dos três anos em que atuei com a turma, poucas vezes visualizei Celina realmente focada nas aulas e nas discussões, somente quando era um assunto de seu interesse e que poderia gerar uma discussão com seu grupo ou com a turma toda. Quando ela responde que “*não lembro de muita coisa*”, demonstra que além de não estar atenta às discussões, o aparelho de celular, utilizado em todas as aulas, tornou-

⁶² Nesses dois anos de pesquisa etnográfica pude perceber que principalmente os alunos alinhados a visões à direita na política tem a sua fundamentação ideológica baseada em opiniões familiares, canais do Youtube como *Brasil Paralelo* e influenciadores digitais de podcasts, além de políticos profissionais da “nova” direita ou extrema direita. Em relação às visões de esquerda, estas estariam também relacionadas as influencias familiares e também por políticas sociais que beneficiam as classes mais baixas como o *Bolsa Família* e o *Minha Casa Minha Vida*. Outro ponto importante é que os alunos de esquerda cultivam mais hábitos de leitura e são menos influenciados por notícias falsas, as chamadas *fakes news*. Fonte: Anotações do caderno de campo (março a dezembro de 2023 e 2024).

se um acessório que dificultou a sua concentração nas aulas.

Outra interpretação da resposta da aluna é notar nela certa resistência em aprender o conteúdo das humanidades. No início do ano tenho o hábito de perguntar para os alunos que curso gostariam de cursar na faculdade. Essa pergunta tem como objetivo estimular a continuidade nos processos intelectuais e na produção de ciência, além de obviamente garantir uma boa qualificação no mercado de trabalho.

Celina respondia que gostaria de cursar veterinária e, já no primeiro e segundo anos do ensino médio, me questionava em relação à função das disciplinas de humanas, como história e sociologia, no sentido de como esses conteúdos poderiam ser úteis na sua futura profissão. A resposta dela pode indicar um desinteresse sobre a disciplina no trimestre, visto que nem o tema dos povos indígenas da apresentação do trabalho de seu grupo ela mencionou, indicando assuntos mais genéricos como “*a sociedade e seus direitos*”. Que direitos seriam esses? Dos povos indígenas, da população LGBTQIAPN+? Dos próprios estudantes? Dos educadores?

Seguindo com as respostas da turma temos a de Nicolly. Como já mencionado a aluna tinha uma relação complicada com a família, refletindo na sua forma de se colocar em sala com comportamentos introspectivos, aparentando tristeza e problemas de relacionamentos, além da discriminação e da violência psicológica gerada pelo grupo de Luiz e Celina.

Mas Nicolly sempre demonstrou interesse pela sociologia e pelas disciplinas de humanas e contava com muitas dúvidas em relação à carreira profissional, algo que é completamente normal nessa faixa etária, mas a implementação do novo ensino médio intensificou e acelerou o processo de escolha da aluna. Em conversa informais após as aulas, ela me disse que queria cursar design gráfico por gostar da cultura japonesa, de animes e de mangás. A resposta dela foi a seguinte naquele trimestre:

Entendi sobre a desigualdade de gênero, sobre os indígenas, discriminação racial, indústria cultural e de massa e como o professo é bom.

Na resposta de Nicolly podemos perceber que ela estava atenta aos conteúdos das aulas e aos temas sugeridos nas apresentações. A questão indígena, discriminação racial, indústria cultural e de massa, foram temas de trabalhos apresentados pela turma no trimestre. Além da explicação (aula expositiva, quadro e giz) que fiz anteriormente, a forma de fixar os conteúdos se deu por meio dessas apresentações. O grupo de Nicolly apresentou o tema do movimento LGBTQIAPN+ explicando o histórico e a desigualdades de gênero presentes até hoje em nossa sociedade.

Quando a aluna menciona “*e como o professo é bom*” podemos interpretar como um reflexo das relações em sala e extraclasse que foram construídas ao longo dos anos do ensino médio a partir de muita atenção e diálogo constante, como colocado por Ingold (2020:50) e amparado teoricamente

pelos autores Masschelein (2010) e Gibson (1979). Para esses autores, a educação é fundamentalmente sobre a atenção na relação professor e aluno em sala de aula e como o educador está atento com o mundo ao redor, e não somente sobre a transmissão do conhecimento teórico.

A apresentação do grupo de Nicolly foi ignorada pelo grupo de Luiz e Celina, eu mesmo tive que intervir muitas vezes pela conversa excessiva e uso do celular. A apresentação contava com mais outros dois alunos e se deu por meio de slides no *educatron* e explicação dos conceitos para a turma, através de exemplos.

Ainda sobre o final da resposta, quando Nicolly faz um elogio ao professor, essa opinião pode indicar que não só as explicações sobre o conteúdo da sociologia foram “decodificadas” para a aluna, mas que ela pode também ter feito as relações dos temas com os problemas ocorridos em sala, desde a questão da Gabriela (capítulo 02), passando pela questão indígena e o preconceito vivido pelo grupo de Luiz e Celina.

Nesse sentido Dewey (1964) citado na obra de Ingold (2020: 80), coloca que:

“(...) se o professor é realmente um professor, ele deve saber o suficiente sobre seus alunos, suas necessidades, suas experiências, graus de habilidades, para poder (não ditar objetivos e planos) compartilhar uma discussão do que deve ser feito” (Dewey, 1964 p. 154).

O saber sobre o aluno e suas necessidades e experiências como pontuado por Dewey, só pode vir através do tempo na convivência da rotina diária e na socialização. O que de fato ocorreu ao longo dos anos na turma do 2ºB, na rotina, na vivência em sala de aula e no mapeamento das necessidades dos alunos entre eles e Nicolly. A colocação que ela faz está relacionada não somente ao conteúdo programático do planejamento, mas às suas necessidades, seus traumas, preconceitos e dilemas vividos no período do ensino médio e observadas pelo professor.

Nesse mesmo ponto, Ingold complementa que o aprendizado do professor não se dá por meio do conteúdo informativo, mas na medida em que demonstra os assuntos através de exemplos, verificando os resultados do trabalho e mantendo os alunos no caminho certo (Idem: 2020). E o caminho certo na educação e no ensino da sociologia estaria no processo de escutar e aprender, se atentar ao que ocorre no ambiente da sala de aula e além dele, apresentando também as ferramentas de reflexão crítica nessa rede de amizades e conflitos, alegrias e tristezas do ensino público atual.

Em relação à resposta da Kauany podemos falar inicialmente sobre sua vida e o comportamento de suas colegas. A aluna era moradora do bairro Cajuru e fazia parte do pequeno grupo de alunas que se sentava à frente nas aulas e dificilmente faltava. Uma das características da aluna e de suas amigas era o grande empenho nos estudos em qualquer disciplina, o caderno sempre organizado e a ajuda constante entre elas. Muitas seguiam as religiões católica e evangélica e

Kauany frequentava uma igreja em seu bairro junto à sua família. Algumas vezes presenciei seu grupo estudando em minhas aulas para avaliações de diferentes disciplinas, como matemática, biologia, história e geografia, num movimento solidário em que cada uma compartilhava o que sabia, de modo que todas pudessem alcançar a média.

Uma das frases constantes da Kauany era “*Nove não professor, tem que ser nota dez!*” em relação à média nas disciplinas. A sua mãe trabalhava numa clínica de fonoaudiologia no centro da cidade e a menina gostaria de trabalhar na área, fazendo um curso em alguma faculdade com o objetivo de montar sua própria clínica⁶³. A questão da disciplina era muito presente nos três anos do ensino médio. Se faltava em aula, logo suas amigas tiravam foto do quadro ou *educatron* e passavam as informações para ela e vice e versa.

Em uma ocasião durante uma avaliação daquele trimestre de 2022, Kauany fez uma pergunta sobre o enunciado de uma questão objetiva, onde tentei facilitar explicando e apontando uma dica de resposta. Como ela não acertou a questão, veio me comunicar que não gostou de minha atitude, pois a havia induzida ao erro, dizendo “*Errei por sua causa professor, não gostei!*” Expliquei a ela que nem poderia prestar auxílio naquele momento e que fiz de modo a ajudá-la. E que aquela questão não foi a única errada na prova, provavelmente houve uma interpretação equivocada do enunciado. A aluna compreendeu, mas não gostou da minha fala e o grupo de amigas concordou com a colega.

Esse caso mudou também minha opinião em relação às avaliações objetivas e descritivas. Na escolha desse tipo de prova mesclada, me apoiava teoricamente na obra de Bridi, Araújo e Motim (2009) sobre o ensino de sociologia, em que as autoras colocam que entre as habilidades desenvolvidas nesse tipo de avaliação encontram-se a interpretação de texto, a inter-relação entre os fatos ou fenômenos sociais, a identificação de relações de causalidade, o ordenamento no tempo e no espaço dos fenômenos sociais, fatos e acontecimentos e na distinção entre afirmações verdadeiras ou falsas (Idem: 166).

Podemos perceber as qualidades desse tipo de instrumento avaliativo, mas que muitas vezes não comprovam o desenvolvimento e apreensão dos conteúdos pelos alunos, como no caso de Kauany, que mesmo estando presente nas aulas não conseguiu interpretar as questões objetivas. Apesar das habilidades desenvolvidas, a minha mudança de método de avaliação não levaria mais em conta uma prova principal nesses moldes, mesmo sendo exigida em testes como Enem e

⁶³ O perfil dos alunos micro empreendedores é um fator comum nas escolas atuais. Seja pela questão das políticas neoliberais presentes em alguns governos, que influenciam as juventudes ou as influências familiares. Muitos estudantes não se interessam em continuar seus estudos após a formação no ensino médio. Alguns ex-alunos após o terceiro ano abriram barbearias, lojas de produtos virtuais e tabacarias. Cabe um estudo mais aprofundado para mapear esses perfis, para buscar o motivo e se ainda permanecem depois do período escolar. Em observações da sala de aula em 2025 esses projetos de futuro ainda permanecem.

vestibular.

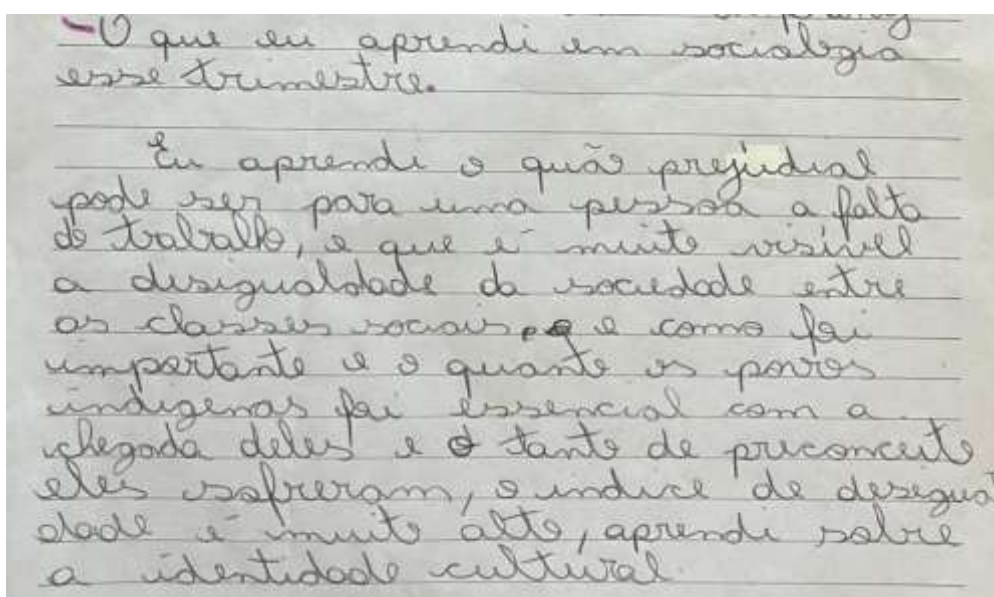
A resposta de Kauany sobre a apreensão do conteúdo de sociologia naquele trimestre foi a seguinte:

Eu aprendi o quão prejudicial pode ser para uma pessoa a falta do trabalho, e que é muito visível a desigualdade da sociedade entre as classes sociais, e como foi importante e o quanto os povos indígenas foi essencial com a chegada deles e o tanto de preconceito eles sofreram, o índice de desigualdade é muito alto, aprendi sobre a identidade cultural.

A atividade da pergunta sociológica foi desenvolvida cerca de uma semana após a avaliação citada. Percebe-se que apesar do empenho e presença nas aulas, sua resposta apresenta problemas gramaticais, que foram comunicados à professora de português na época. Em conversa com a educadora, esse problema pode estar relacionado ao hábito de escrever virtualmente nos aplicativos de conversa, comentários de redes sociais (com muita abreviação e falta de correção gramatical) e a falta de leitura e não revisão do que se escreve no caderno.

E isso pode indicar que a melhoria da sua condição de aluna estaria resultando numa maior cobrança de si, de suas colegas e da família, manifestada por meio da autodisciplina e empenho nas aulas. Ou também porque a partir da minha relação com a turma enquanto educador, os alunos relaxam no modo de escrever, além do fato da atividade não estar valendo pontos na média trimestral. E isso foi confirmado no momento em que recebi o papel da resposta e fiz minha leitura. Ao reler para a aluna perguntei se ela entregaria naquele formato. Quando ouviu seus erros gramaticais, Kauany simplesmente sorriu e disse: *“Tá bom assim professor... você entendeu né? Não vale nota mesmo!”*. Essa reflexão sobre os modos de avaliação e a personalidade de Kauany e seu grupo são importantes pois estão relacionados à questão do aprendizado em sala de aula.

FIGURA 10 – ATIVIDADE DA ALUNA KAUANY 2ºB



Mas a reflexão está no próprio processo entre o que a aluna aprendeu e como coloca isso na prova. As avaliações objetivas ou descritivas são fundamentadas em duas estratégias diferentes, que podem se complementar, dependendo do que o educador espera dos alunos. Na avaliação descritiva podemos perceber como o aluno sistematiza a escrita, a partir do que aprendeu, das leituras, das questões, das análises em aulas e dos debates. O desenvolvimento se dá também através da sua compreensão, relação, análise, síntese, reflexão e posicionamento crítico sobre o conteúdo apresentado em aula, como colocado por Bridi, Araújo e Motim (2009: 163).

Desse modo, mesmo presente nas aulas e ciente do conteúdo, a aluna apresentou problemas de interpretação de enunciado errando algumas questões e acertando outras. Nessa mesma avaliação, as questões descritivas foram escritas da forma correta e nas regras gramaticais com coerência textual. O que não ocorreu na pergunta sociológica e ao que tudo indica de modo intencional.

Os temas citados por Kauany, como o trabalho e a desigualdade no trecho “*é muito visível a desigualdade da sociedade entre as classes sociais*”, podem estar relacionados ao que observou em aula até aquele momento, com os problemas de desigualdade e preconceito social e racial (no caso de Nicholas racismo e indígena) e de gênero (Celina) ou mesmo na sociedade em geral. Quando ela coloca “*o quanto foi importante e o quanto os povos indígenas foi essencial com a chegada deles e o tanto de preconceito eles sofreram*”, complementando com “*o índice de desigualdade é muito alto*” indica que o preconceito sofrido pelos indígenas na chegada dos colonizadores portugueses permanece até hoje.

O fato dela citar a questão indígena e a identidade cultural, mostra que a aluna prestou atenção ao seminário de Luiz e seu grupo, que apresentaram índices da população nativa do Brasil e

dos casos de preconceito sofridos principalmente na região sul e Mato Grosso do Sul. Além da situação do preconceito com os alunos de Piraquara manifestados por Nicholas e seu grupo e visível nas relações sociais e culturais da região metropolitana.

A turma do 2ºB do Leminski apresenta diversas questões que se encontram presentes nas salas de aula do atual ensino público estadual e na própria sociedade. Desde o preconceito em relação à raça e etnia, bem como o preconceito de gênero e as diversas realidades dos alunos, suas rotinas e famílias. Questões como essas afetam o desempenho dos atores e fazem parte da rede de relações de aprendizado em sala que estamos mapeando e refletindo.

3.2 Culturas, café sociológico e um “outro” olhar

Seguimos agora com a última etapa das análises das respostas da pergunta sociológica com as alunas do 2ºA do Colégio Uruguai. No terceiro trimestre de 2023 discutimos os temas da indústria cultural, autores da sociologia brasileira e os movimentos sociais. A seleção das respostas foi feita considerando a relevância dos assuntos pelas alunas e os exemplos utilizados nas explicações presentes no texto entregue ao professor. Como complemento às reflexões sobre a rede de aprendizados em sociologia, uma segunda pergunta foi adicionada: “Como podemos melhorar as aulas para o ano que vem?”

A turma do 2ºA era aquela das alunas Tamires e Ingrid, cujas respostas foram analisadas no capítulo 2. Como já mencionado, as turmas se dividem em pequenos grupos e no caso das alunas das atividades do terceiro trimestre há uma relação de amizade entre elas.

Podemos iniciar com a atividade da Vitória Maria, ela coloca a seguinte resposta em relação ao aprendizado de sociologia:

Aprendi sobre cidadania e direitos, a indústria cultural da sociedade, antropologia e alguns sociólogos importantes como Sérgio Buarque, Gilberto Freyre, Roberto Damatta, desigualdade social, todas as culturas que estão ao nosso redor diariamente e etc.

A resposta da aluna nos mostra à primeira vista que ela aprendeu sobre os temas ensinados em aula. Falamos naquele trimestre sobre cidadania e direitos sociais utilizando o conteúdo do livro “*Sociologia em movimento*” (Vários autores, 2016) e os slides do *educatron* presentes no RCO. A aluna tinha um perfil mais tranquilo e gostava de sentar em dupla ao lado de suas colegas, fazendo perguntas pontuais nas aulas ao longo do ano. O tema da indústria cultural é um dos que mais gera interesse pelos alunos porque os exemplos são mais visíveis no mundo atual, capitalista e globalizado.

Para as explicações sobre a indústria cultural desenvolvidas por Adorno e Horkheimer, busco

utilizar imagens de propagandas de marcas famosas como recurso didático. Desde propagandas de refrigerantes, produtos de estética feminina e trechos de filmes e séries que mostram símbolos das marcas em suas cenas, até a relação dos super-heróis famosos das empresas *Marvel Comics* e *DC Comics* com os produtos infanto-juvenis (camisetas, brinquedos, jogos, etc.) vendidos em lojas de shoppings. Esse tema é de grande interesse dos alunos, devido à aproximação que se cria com os exemplos dos produtos e o mundo da vida dos adolescentes que cresceram, assim como a minha geração (anos 80 e 90), imersos na cultura norte-americana.

Ao citar os sociólogos brasileiros Sérgio Buarque, Gilberto Freire e o antropólogo Roberto DaMatta a aluna nos mostra que lembrou o nome dos autores, mas não de seus conceitos e teorias, apesar de seu grupo ter apresentado um trabalho sobre a sociologia brasileira. Em relação ao autor DaMatta expliquei em aula sobre suas pesquisas e sobre o recurso da etnografia, citando seu livro bem conhecido *“O que faz o Brasil, Brasil?”* (2000)⁶⁴ o que gerou certa curiosidade em sala. Isso se deu pelo conteúdo da obra e por estarmos falando de um autor da antropologia brasileira gerando uma identificação com os jovens alunos, num espaço onde falamos muito dos clássicos estrangeiros, como Malinowski, Mauss e Lévi-Strauss e pouco dos autores nacionais.

Naquela ocasião li um trecho do primeiro capítulo cujo título *“O que faz o Brasil, Brasil, a questão da identidade”* esteve relacionado ao tema de cultura e identidade. É importante frisar que a leitura de alguma obra ou mesmo de apostilas cria um momento de foco e atenção no ambiente. Muitas vezes, os próprios alunos exigem o silêncio dos demais. Segue o trecho compartilhado com os estudantes⁶⁵:

“A construção de uma identidade social, então, como a construção de uma sociedade, é feita de afirmativas e negativas diante de certas questões. Tome uma lista de tudo o que você considera importante – leis, ideias relativas a família, casamento e sexualidade; dinheiro; poder político; religião e moralidade; artes; comida e prazer em geral - e com ela você poderá saber quem é quem. Não é de outro modo que se realizam as pesquisas antropológicas e sociológicas. Descobrir como as pessoas se posicionam e atualizam as “coisas” dessa lista, você fará um inventário de identidades sociais e de sociedades. Isso lhe permitirá descobrir o estilo e o “jeito” de cada sistema (...) em linguagem antropológica a cultura e a ideologia de cada sociedade” (DaMatta, p. 17, 2000).

O autor se refere à questão dos métodos de pesquisa na antropologia e na sociologia de modo a analisar como os indivíduos atribuem importância a certas “coisas” e assuntos, que pode determinar como cada sistema atua e como funcionam as ideologias sociais. Nesse sentido, o conceito da

⁶⁴ O livro de Roberto DaMatta foi adquirido no ano de 2000 como requisito da matéria de Antropologia no Colégio Medianeira que estudei naquele ano. Foram essas experiências nas aulas com debates e críticas sobre a sociedade e a cultura em geral, que me auxiliaram a definir meu curso de graduação em ciências sociais e posteriormente, minha caminhada profissional na docência escolar.

indústria cultural, citado pela aluna, está diretamente relacionado à construção da identidade que DaMatta explica, pois em cada produto da indústria que compramos, adquirimos também uma ideia de um sistema social.

A aluna Vitória não faz referência direta a essa relação, mas coloca que aprendeu sobre “*todas as culturas que estão ao nosso redor diariamente e etc.*” indicando que os conceitos de cidadania e direitos, indústria cultural, sociedade, antropologia e sociólogos brasileiros estão interligados.

Em relação às sugestões é importante fazer uma reflexão sobre o formato e a metodologia das aulas. Quando ela responde que gostaria de mais aulas práticas e dinâmicas que envolvam toda a turma, podemos interpretar como uma crítica ao modelo de sala de aula atual, inclusive a questão do número de disciplinas resultando em mais aulas e a falta de envolvimento da turma.

Nesse mesmo sentido podemos analisar a resposta da aluna Giovana, colega de classe da Vitória. Uma aluna muito comunicativa com um perfil parecido ao da aluna Tamires do 2ºA mas que não sentia muito entusiasmo em escrever, algo que me comunicou já nas primeiras aulas do ano. Giovana era a aluna que assumia o papel de vice representante de sala quando tinha a oportunidade. Muito popular entre os alunos e organizadora dos cafés em sala de aula, ela que ia junto a Tamires pedir a permissão para a diretora ao final de cada trimestre. Elas chegavam com um olhar convincente e diziam: “*Professor a gente vai lá em cima e já volta!*”. Logo pegavam o crachá de autorização para em seguida retornarem com a notícia do sim ou do não para a turma, gerando sentimentos de entusiasmo ou de decepção.

O café era uma forma de usar o espaço da sala de aula para socializar e confraternizar, que foi batizado pela turma de “Cafés Sociológicos” em referência ao site *Café com Sociologia* dos professores e sociólogos Cristiano Bodart e Roniel Sampaio⁶⁵. No Colégio Paulo Leminski também fazíamos cafés, lanches de confraternização e rodas de conversa ao fim dos trimestres, mas no Uruguai eles tinham um sentido maior de liberdade e descontração que de certo modo ia contra a rigidez da disciplina militar imposta na instituição. Além de ser um dos momentos onde fazíamos as trocas de informações e os alunos me questionavam sobre a vida pessoal e opiniões relativas à religião e ideologia política.

Desse modo podemos entender um pouco mais do contexto do 2ºA e do perfil da aluna Giovana que colocou a seguinte resposta sobre a pergunta sociológica:

Aprendi sobre indústria cultural que a maioria das coisas que conhecemos fazem parte da

⁶⁵ O site é uma das referências que indico para os alunos nas turmas que leciono há alguns anos. Por ser desenvolvido por professores de sociologia e bem completo e atualizado, conta com artigos e textos didáticos para serem utilizados em sala. Além de uma fonte segura de pesquisa que se torna uma alternativa aos diversos sites e aplicativos de inteligência artificial usados atualmente pelos educandos.

indústria cultural, filmes, livros, música e uma infinidade de outras.

Mesmo trabalhando em aula vários temas e conceitos naquele período, Giovana lembrou somente do conceito da indústria cultural. Ao que tudo indica pela relação que a aluna fez dos exemplos em aula mostrados pelo *educatron*, com suas preferências de gostos musicais, filmes da indústria de Hollywood e das séries da Netflix⁶⁶. Os nomes dos autores da Escola de Frankfurt não foram mencionados, mas o seu conceito permaneceu presente na resposta e no imaginário dos adolescentes do Colégio Uruguai.

Podemos nos perguntar por que esse conceito permanece presente na memória dos alunos. Seriam só os exemplos de alguma lembrança afetiva em relação aos produtos consumidos? Mesmo explicando que a indústria cultural é um conjunto de empresas vinculadas à classe dominante que tem como função “produzir” cultura? Segundo os autores ela estaria ligada à manipulação das massas através da fabricação de produtos que carregam a ideologia dominante no capitalismo, consumidos pela população em larga escala

“O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. (...) Não se trata nem das massas em primeiro lugar, nem das técnicas de comunicação como tais, mas do espírito que lhes é insuflado, a saber, a voz de seu senhor. (...) As massas não são a medida mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não exista sem a elas se adaptar” (Adorno, p. 289, 1978).

Como Adorno coloca, o consumidor é um objeto no jogo capitalista que utiliza técnicas de comunicação e de marketing com o objetivo de vendas para impor sua ideologia, gerando uma falsa impressão de poder simbólico ao consumidor. Esse mesmo consumidor compra o produto “insuflando” seu ego, mas seguindo a “voz do seu senhor” como simples reproduzidor da ideologia capitalista. Ou seja, a relação de classe em que, na indústria cultural, o proletariado (trabalhador ou estudante) compra o produto que contém, de forma subjetiva ou não, a ideologia burguesa.

Podemos nos perguntar se o próprio conceito de alienação desenvolvido por Marx não está presente no processo. E se as próprias alunas, como Giovana, adquirem essa consciência a partir das explicações e dos exemplos nas aulas de sociologia.

Em relação à sugestão de melhoria das aulas Giovana cita também a questão das dinâmicas como forma de envolvimento da turma, gerando um maior interesse e curiosidade sobre os conteúdos. A aluna acaba por sugerir que as dinâmicas poderiam unir mais os subgrupos da classe

⁶⁶ Ao longo da pesquisa pude observar que grande parte dos alunos acessam conteúdos da Netflix, muito mais do que qualquer outra plataforma de *streaming*. Em praticamente todas as salas que fiz a pesquisa, percebi que mesmo durante as aulas alunos e alunas assistiam filmes, séries e animações via celular e com fones de ouvido. Esse fato gerou um problema para mim, tendo que chamar diversas vezes a atenção para guardar o aparelho e concentrar na aula, além de reclamações e desentendimentos entre os próprios alunos. Fonte: Anotações do caderno de campo (março a dezembro de 2022 e 2023).

e que novos métodos de ensino fariam os alunos buscar mais o conhecimento sociológico.

Nesse caso é importante mencionar que o grupo da Giovana apresentou o tema da cultura indígena utilizando uma metodologia interessante, que compartilho a seguir. A dinâmica consistia em colocar no quadro as palavras sim e não. A turma toda incluindo o professor ficavam no meio da sala e o grupo fazia perguntas sobre o tema, sem falar que estavam ligadas à cultura indígena. Desse modo, nos direcionávamos para o lado esquerdo ou direito do quadro. Ao final, depois que percebíamos a semelhança entre a cultura indígena e os hábitos do cotidiano, o grupo explicava com slides o significado das perguntas e como elas tinham sua origem nos povos nativos.

Em conversa informal com Giovana e seu grupo no café ao final do trimestre, fiz um elogio à dinâmica proposta na apresentação e o grupo falou que tinham se inspirado no filme norte-americano “*Escritores da Liberdade*” (2007)⁶⁷ no qual a protagonista fazia um exercício semelhante com seus alunos do ensino médio.

O interessante de perceber nesse caso é a forma como a aluna e seu grupo utilizou as várias ferramentas à disposição para problematizar a questão indígena. Desde o conteúdo programático, o quadro e o giz, os slides no *educatron*, até o espaço físico da sala de aula e as perguntas norteadoras. Além do grupo utilizar como recurso um filme norte-americano como fonte de inspiração, que deu resultado e envolveu toda a turma tornando aquela aula um momento único no trimestre.

Com esse exemplo podemos pensar em como os atores utilizam e acessam essa rede de conexões de aprendizado, nesse caso que envolve a dinâmica de explicação, a resposta sobre o conteúdo e suas sugestões para melhoria do ensino em sala. Giovana coloca que aprendeu sobre a indústria cultural e que ela está presente no cotidiano, comunicando de modo subjetivo que o filme serviu de inspiração para a apresentação do trimestre.

Quando responde como sugestão de melhoria aulas dinâmicas e envolventes para a turma se interessar mais pelo conteúdo da disciplina, ela sugere que possamos usar métodos diferenciados para problematizar os temas como o da cultura indígena, por exemplo. Há nesse caso, como na resposta da Vitória, uma crítica construtiva implícita na forma e nos métodos de transmissão do conhecimento sociológico, mesmo que haja uma liberdade de escolha quanto às ferramentas de apresentação do trabalho, principal avaliação que compõe a nota do trimestre.

⁶⁷ O filme “*Escritores da Liberdade*” no original “*Freedom Writers*”, tem como protagonista a atriz Hilary Swank e fala de uma jovem professora que chega a uma escola de um bairro periférico com graves problemas de agressividade e violência por parte dos alunos. Nesse contexto além da rebeldia e da falta de vontade de aprender, há uma tensão racial presente na instituição. A partir disso, a professora utiliza métodos diferenciados de ensino como diários de escrita e dinâmicas em sala, com o objetivo de fazer com eles compreendam o conteúdo e reconheçam determinados valores como tolerância e respeito ao próximo. O filme é baseado nos relatos reais da professora Erin Gruwell a partir de seu livro *The Freedom Writers Diaries*. Fonte: www.adorocinema.com

Essa dinâmica e envolvimento resultaria numa interação maior entre os subgrupos da turma de modo a melhorar as relações dos próprios alunos em sala e conseqüentemente nas próprias aulas, com menos conversas paralelas e desentendimento entre eles.

No entanto, essas formas de ensinar e aprender com métodos diferenciados não receberam apoio da equipe diretiva do Colégio Uruguai, que não autorizou as apresentações de seminários como a avaliação de maior pontuação no trimestre. Esse fato ocorreu já no primeiro trimestre de 2023, quando a pedagoga me comunicou que a direção havia proibido a utilização de trabalhos como forma de avaliação, somente provas (objetivas e descritivas) e na semana de provas de nome MIA (Momento Integrado Avaliativo).

Podemos trazer novamente Dayrell (2010) para auxiliar na reflexão da questão do cotidiano das aulas e a relação com o conhecimento. O autor coloca que nas relações entre professor e aluno da maioria das instituições escolares existem dois mundos distintos, um do professor com sua matéria, seu conteúdo e sua imagem e outro dos alunos com sua dinâmica própria, que são vistos de forma homogênea (Idem: 155).

Essa homogeneidade está presente na maioria das escolas e no pensamento das inúmeras equipes pedagógicas escolares (pedagogas, professores e direção) que cobram dos educadores somente o ato de transmitir o conteúdo, resultando numa não percepção da trama de relações e sentidos presentes na sala de aula. Exigem dos educadores que tenham uma visão reduzida e restrita do processo, percebendo os alunos apenas como seres de cognição com maior ou menor capacidade de aprendizado dos conteúdos, maior ou menor disciplina. Um real apagamento da percepção das relações humanas, do grupo, de suas qualidades e dos conflitos existentes.

Sem essa possibilidade de percepção do real, que floresce muitas vezes nas formas diferenciadas de ensino, seja pelo professor ou pelos alunos, como numa apresentação de trabalho ou num café de final de trimestre, simplesmente vamos reproduzindo as desigualdades, como apontado por Bourdieu e Passeron (1975) ao não atentarmos a tudo que o cotidiano e a vivência no ambiente da sala tem a nos mostrar.

A partir dessas reflexões, numa escola onde as regras institucionais e resultados são mais valorizados do que a personalidade e a individualidade dos alunos, podemos analisar a última resposta da turma do 2ºA do Colégio Uruguai. Essa resposta é da Eduarda, que em sua atividade sobre o aprendizado de sociologia entregou uma folha com três páginas de resposta, divididos por tópicos de opiniões.

A aluna fundamentou seus laços de amizade com o grupo de Tamires e Giovana nas relações em sala e sentavam próximas umas das outras, como numa rede de solidariedade e companheirismo. Com um perfil mais tranquilo, mas sempre atenta às aulas e ao conteúdo, era uma daquelas alunas

com notas altas em todas as disciplinas, além de tratar todas as pessoas da sala e da escola com muito respeito. No ano que trabalhei com a turma não presenciei nenhum tipo de desrespeito ou manifestação agressiva de sua parte com colegas, professores ou funcionários. Eduarda tinha um projeto de cursar direito após o ensino médio e seguir a carreira de advogada, além de ser muito elogiada pelos professores de outras disciplinas também.

Ao receber a resposta da aluna numa folha de papel almaço fiquei realmente surpreso e expressei essa reação para a aluna com um sorriso e uma fala:

“Olha lá! Alguém gostou da matéria de sociologia...”

E ela respondeu deixando evidente ao mesmo tempo uma timidez e uma opinião:

“Eu gostei bastante professor. Devia ter mais no ensino médio...”

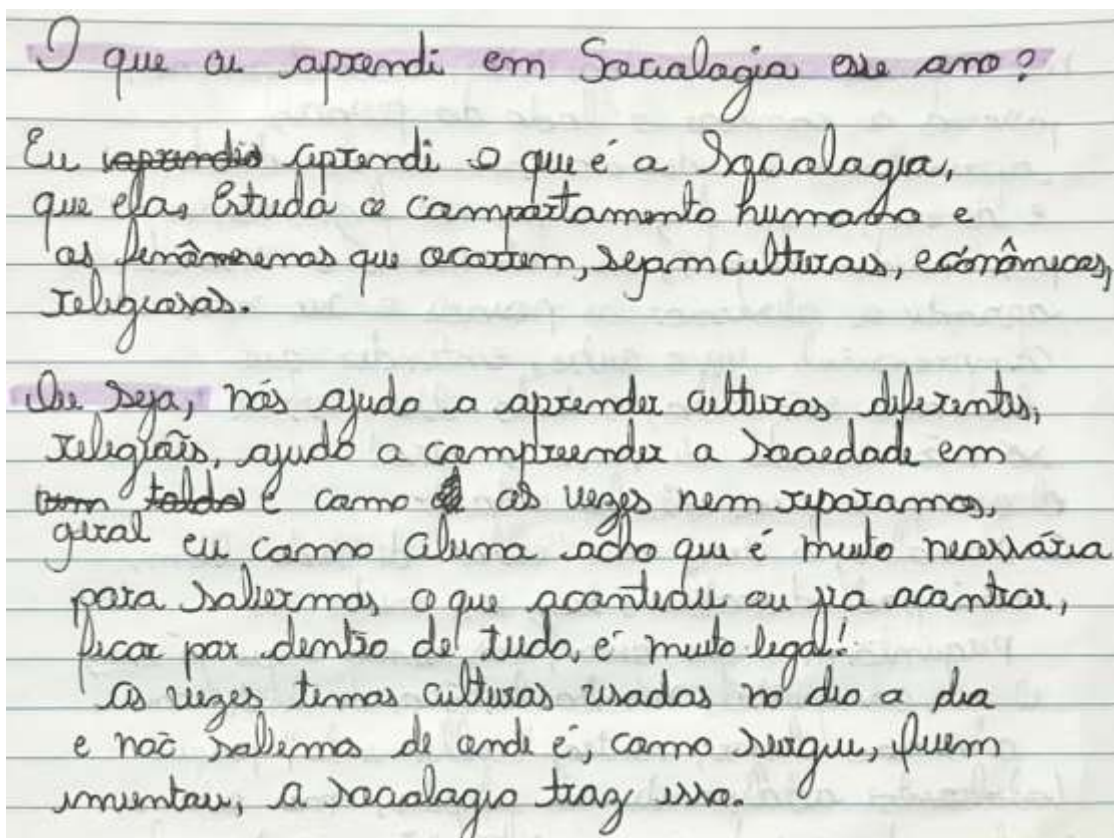
Essa “deixa” da aluna já mostra um pouco do seu ponto de vista sobre o processo educacional e o que viria adiante. A seguir apresento a resposta de Eduarda sobre a pergunta sociológica. Analisaremos por partes, em razão da quantidade de informações e as muitas possibilidades de interpretação:

Eu aprendi o que é sociologia, que ela estuda o comportamento humano e os fenômenos que ocorrem, sejam culturais, econômicos, religiosos.

Ou seja, nos ajuda a aprender culturas diferentes, religiões, ajuda a compreender a sociedade em geral e como às vezes nem reparamos. Eu como aluna acho que é muito necessária para sabermos o que aconteceu ou ia acontecer, ficar por dentro de tudo é muito legal! As vezes temos cultura usadas no dia a dia e não sabemos de onde é, como surgiu quem inventou, a sociologia traz isso.

Na primeira parte da resposta Eduarda coloca a sua compreensão da disciplina, trazendo a questão dos fenômenos culturais, econômicos e religiosos, presentes nas explicações e debates em sala ao longo do trimestre e do ano. A explicação através dos slides, bem como as apresentações de trabalhos eram pautadas por essas temáticas. Quando a aluna cita o comportamento humano, pode estar se referindo à teoria de Weber e Durkheim sobre a ação social e o fato social, ou mesmo ao tema da cultura e dos povos nativos, apresentado pelo grupo de Tamires e Giovana na dinâmica já analisada.

FIGURA 11 – ATIVIDADE DA ALUNA EDUARDA 2ºA



No próximo parágrafo ela segue colocando que a sociologia “nos ajuda a aprender culturas diferentes, religiões, ajuda a compreender a sociedade em geral e como às vezes nem reparamos”.

As diferentes culturas apresentadas em sala, seja por meio de debates sobre os povos indígenas, ou mesmo a cultura norte-americana tão familiar e acessível por meio da indústria cultural, se faz presente na resposta. É importante mencionar que nas aulas sempre falamos das mais diversas culturas do mundo, desde as latino-americanas até as do continente africano e asiático, como exemplos dos diferentes hábitos e religiões dos povos contemporâneos.

Na fala da aluna sobre a compreensão da sociedade em geral e o que não é visto, aparentemente ela se refere ao olhar sociológico que busca uma explicação racional e científica do que está por trás dos fenômenos sociais. Podemos trazer Peter Berger em sua obra *Perspectivas Sociológicas – Uma visão humanística* (2004) para nos auxiliar na interpretação, onde o autor discute o material sociológico e coloca que:

“O social, como objeto de investigação, não constitui um campo segregado da atividade humana. (...) o social está presente ‘em, como e sobre’ muitos campos diferentes de tal atividade. O sociólogo examina fenômenos de quem ninguém toma mais conhecimento. Entretanto, ele olha esses mesmos fenômenos de um modo diferente” (Berger, p. 38, 2004).

Esse olhar diferenciado explicado por Berger presente “em, como e sobre” as atividades sociais, é algo que procuro deixar evidente desde o primeiro contato com nossa disciplina, buscando

fazer com que os alunos possam interpretar os acontecimentos sociais de forma racional, interpretativa e crítica. O termo que utilizo em sala é a “lupa sociológica” para desvendar a ignorância presente no senso comum, perguntando sempre o “porquê” dos fatos. Seguindo essa linha de raciocínio, Berger complementa que:

“O fato de fazer perguntas sociológicas, portanto, pressupõe que o sociólogo esteja interessado em olhar além das metas de ações humanas comumente aceitas ou oficialmente definidas. Pressupõe uma certa consciência de que os fatos humanos possuem diferentes níveis de significado, alguns dos quais ocultos à consciência da vida cotidiana” (Berger, p.39, 2004).

Mesmo sem termos estudados a teoria de Berger em aulas, mas utilizando explicações pautadas nos autores clássicos e alguns conceitos como o da imaginação sociológica de Mills, a resposta de Eduarda pressupõe que a sociologia auxilia os alunos a olhar além das metas e das ações humanas oficialmente definidas e com o significado dos fatos ocultos à vida cotidiana.

Seguindo com a resposta de Eduarda, ela responde que *“Eu como aluna acho que é muito necessária para sabermos o que aconteceu ou ia acontecer, ficar por dentro de tudo é muito legal!”*. A aluna mostra a importância da disciplina e deixa mais evidente que ao aprender uma ciência da sociedade os alunos podem decifrar os acontecimentos sociais e até prever determinados problemas e crises políticas ou econômicas, bem como casos de violência.

Ao colocar que *“ficar por dentro de tudo é muito legal!”*, ela nos indica que há uma necessidade dos alunos no atual ensino médio de entender o sistema capitalista e decifrá-lo, a partir do viés científico utilizando as disciplinas de humanas como ferramentas. Esse pensamento crítico com fundamento científico é um direito fundamental que qualquer estudante deve usufruir nas escolas atuais. Na continuação da resposta complementa que *“As vezes temos culturas usadas no dia a dia e não sabemos de onde é, como surgiu quem inventou, a sociologia traz isso”*.

Esse “trazer” que a sociologia proporciona vêm ao encontro ao que Berger colocou como os diferentes níveis de significado proporcionados pela investigação sociológica, estando esses ocultos na vida cotidiana. Eduarda, nessa colocação, pode também estar fazendo referência direta à apresentação sobre os povos indígenas que suas colegas fizeram no trimestre.

Na sequência da resposta a aluna com seu perfil de protagonista, adiciona o título *“A importância da sociologia para a escola”*. Podemos perceber que Eduarda atribui um ponto de vista crítico à forma como as políticas de estado e o novo ensino médio atribuem às disciplinas de humanidades. E também a importância de matérias que tragam uma reflexão mais profunda sobre a sociedade nas instituições escolares.

Ou seja, ela traz um sentido político, demonstrando que além de ser uma jovem adolescente

no contexto institucional em que se insere (escola estadual no modelo cívico- militar) tem plena capacidade de observar e interpretar os processos socioeducativos. Segue a resposta:

Importante para nós estudantes pensarmos e com isso chegarmos a uma reflexão, a sociologia escuta nosso ponto de vista da sociedade e nos traz conhecimentos, tanto da antiguidade quanto da atualidade, nos traz oratória, cidadania e civismo, nos traz o ver o dado de vista dos colegas e aprender um pouco do com Quem estudamos, porque na escola vemos apenas como colegas ou até amigos, a sociologia nos traz esse “conhecer”, pode ser o pensamento ou até mesmo religião e com isso passamos a ver não apenas como colegas, mas como humanos, passamos a conhecer o lado da pessoa, aprendemos a democracia, nossos direitos e deveres, o que fazer, o que não fazer, como posso mudar algo?, ou até mesmo o mundo. Aprender a observar as pessoas e ser mais compreensível, ver o outro, entender que humanos são falhos, e tudo bem errar só não cometa de novo o erro!

Na primeira parte ao se referir ao pensamento dos estudantes de modo reflexivo, Eduarda confirma a questão do sentido político da disciplina e os significados ocultos por trás dos fenômenos sociais, colocados por Berger. Quando ela responde que “*a sociologia escuta nosso ponto de vista da sociedade e nos traz conhecimentos, tanto da antiguidade quanto da atualidade, nos traz oratória, cidadania e civismo*” podemos interpretar como o reconhecimento do papel das disciplinas de humanas em relação ao debate de ideias e a escuta e atenção do professor em sala de aula, como colocado por Ingold (2020).

E também a forma e os métodos de transmissão do conhecimento que priorizo nas aulas do ensino médio, além do viés multidisciplinar entre história e sociologia nas explicações com as turmas⁶⁸

FIGURA 12 – ATIVIDADE DA ALUNA EDUARDA 2ºA (2)

⁶⁸ Em relação a interdisciplinariedade e o diálogo da sociologia com as outras disciplinas, presentes na resposta da aluna e nas aulas do ensino médio, Berger (1986) explica que “*Uma atitude aberta em relação ao escopo humanístico da sociologia implica ainda numa contínua comunicação com outras disciplinas que se ocupam vitalmente com a investigação da condição humana. As mais importantes dessas disciplinas são a história e a filosofia*” (Idem:186)

A importância da Sociologia para a escola
 importante para nós, estudantes, pensarmos e
 com isso chegamos a uma reflexão, a Sociologia
 existe nesse ponto de vista da sociedade e nós
 traz conhecimentos, tanto da antiguidade quanto
 da atualidade, nós traz a oratória, cidadania
 e civismo, nós traz o ~~seu~~ o dado de vista
 dos colegas e aprender um pouco do com
 quem estudamos, porque na escola somos apenas
 como colegas ou ali amigos, a Sociologia nós
 traz esse "conhecer", pode ser o pensamento ou
 ali mesmo reflexão e com isso passamos a ver

A disciplina de cidadania e civismo faz parte do currículo das escolas que implementaram o regime cívico-militar⁶⁹. Entre seus conteúdos estão: o que é um regimento escolar, organização do trabalho pedagógico, direitos e deveres dos estudantes, proibições, ações pedagógicas, educativas e disciplinares, ética aplicada, responsabilidade e respeito, retórica e lógica, oratória e falar bem em público. Eduarda coloca que a sociologia traz conhecimentos sobre cidadania e civismo e podemos perceber que dos conteúdos exemplificados, nenhum está ligado diretamente à sociologia, mesmo que nossa disciplina permita o diálogo e a reflexão com esses assuntos.

Tudo indica que a aluna citou a palavra cidadania e civismo a partir do conteúdo trabalhado no terceiro trimestre vinculado à ciência política, com os temas das instituições políticas, formas de governo, movimentos sociais, constituição e cidadania. E o civismo estaria relacionado à rotina da aluna no Colégio Uruguaí com as formações militares antes das aulas cantando o hino nacional ou ao próprio significado da palavra que diz “dedicação ao interesse público ou à causa da pátria” presente no dicionário Houaiss (2001)⁷⁰. Uma outra interpretação seria a colocação da palavra

⁶⁹ Em uma pesquisa rápida na internet, quase não achei conteúdo sobre a disciplina de cidadania e civismo. No site da Secretaria de Educação encontrei vários manuais do programa cívico-militar, mas praticamente nenhum conteúdo de cidadania e civismo. Foi através do Google no site www.pt.scribd.com que achei os conteúdos básicos através da reprodução de slides da própria secretaria de educação. Importante colocar que muitas informações sobre o programa, não estão disponíveis ao público, tornando a não transparência de informações uma das marcas do atual governo do estado do Paraná.

⁷⁰ Pesquisando na internet é possível encontrar vários significados da palavra. Mas um que sintetiza bem o sentido seria a demonstração de dedicação, fidelidade ou admiração à pátria e patriotismo. A etimologia da palavra vem do francês

civismo como um vício ortográfico, sem a intenção de relacionar a disciplina em si, considerando que muitos alunos não fazem a revisão da sua própria escrita.

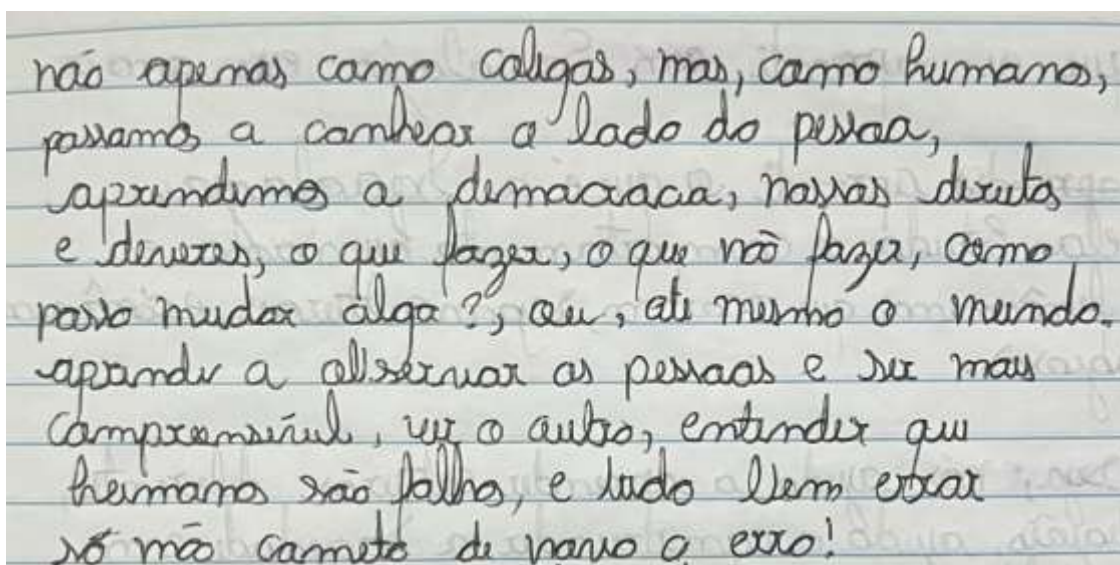
Na sequência da resposta Eduarda coloca que sociologia “*nos traz o ver o dado de vista dos colegas e aprender um pouco do com Quem estudamos, porque na escola vemos apenas como colegas ou até amigos, a sociologia nos traz esse “conhecer”*”. O “*dado*” de vista seria o ponto de vista, ou seja, a visão dos demais alunos, e o “*com quem*” relacionado aos próprios colegas, aos autores da sociologia ou mesmo ao professor.

Em seguida, complementa que, pela sociologia, ela pode conhecer mais os amigos e colegas e as áreas do pensamento e da religião, de modo a aproximar todos como seres humanos, mostrando quem as pessoas realmente são, o “*lado da pessoa*”, relacionando com a questão política da democracia, dos direitos e deveres e da mudança social, finalizando com a pergunta “*como posso mudar Algo?, ou até mesmo o mundo?*”.

A partir dessas colocações de Eduarda podemos perceber que ela retorna ao tema da investigação científica, presente no primeiro trimestre com as discussões iniciais sobre a desnaturalização do mundo e o estranhamento presente nas ideias de autores clássicos da sociologia e da antropologia. Os métodos de pesquisa desses autores não são citados, mas as formas de explicar essas metodologias poderiam estar presentes no imaginário de Eduarda como descrito no segundo capítulo. Quando fala que a disciplina permite o “conhecer” do pensamento e a religião dos colegas, a relação que fazemos é sobre o estudo da ideologia e das religiões presentes nas análises de Marx e de Weber que foram debatidas em aula.

Nesse processo de estudo e investigação que faz parte do método sociológico, podemos voltar aos autores contemporâneos como Berger (1986) que coloca que a “*perspectiva sociológica envolve um processo de ver além das fachadas e das estruturas sociais*” (Idem:41) e Bourdieu (1996) quando coloca que a investigação sociológica deve levar em consideração que os atores pertencem a uma estrutura e que suas concepções de mundo (individuais ou em grupo) são definidas na perspectiva do campo social em que se inserem (Idem: 217).

FIGURA 13 – ATIVIDADE DA ALUNA EDUARDA 2ºA (03)



A colocação de Eduarda sobre aprendizado dos temas sociológicos que dialogam com a ciência política nos indica uma relação entre o que foi explicado no primeiro trimestre e os conteúdos do terceiro, como democracia, direitos e mudanças sociais, enfatizando que os estudantes podem ser protagonistas da mudança.

Quando diz que aprendeu sobre a observação e a compreensão das pessoas e o entendimento das falhas humanas, a referência está na própria antropologia, que foi um dos temas do terceiro trimestre. Podemos trazer novamente Ingold (2019) quando o autor se posiciona sobre o envolvimento da antropologia e sua função, dizendo que:

“Todo estudo demanda observação, mas na antropologia, a observação se dá não pela objetificação dos outros, mas prestando atenção a eles, vendo o que fazem e escutando o que dizem. Estudamos *com* as pessoas, ao invés de fazermos estudos *sobre* ela” (Ingold, p.12, 2019).

A perspectiva do autor sobre os processos de estudo da antropologia sobre a observação e não objetificação dos atores, escutando o que dizem e o estudo com as pessoas reconhecendo suas falhas humanas, e até se identificando com elas, aparece na resposta de Eduarda. Mesmo que nas aulas sobre cultura e povos indígenas em que falei sobre os autores tenha mencionado Ingold algumas vezes, como um dos mais importantes antropólogos contemporâneos.

No fim do trecho da resposta a aluna faz uma colocação interessante “*tudo bem errar só não cometa o erro de novo!*” apontando para uma interpretação sua sobre as falhas individuais e coletivas. Analisando o contexto do Colégio Uruguai no modelo cívico-militar, onde os erros dos alunos são punidos com a perda de pontos na média das disciplinas e chamadas de atenção em público, essa colocação tem muito a dizer. Do ponto de vista do ambiente da sala, com as diferenças comportamentais nos subgrupos, da

instituição com sua rigidez militar e punitiva e até das cobranças familiares sobre o rendimento escolar e profissional dos jovens alunos⁷¹.

Na sequência ela coloca o tópico “*O que quero pra minha vida?*” sugerindo uma perspectiva de final de ciclo no ensino médio e início de outro no mundo da vida. Essa fase de transição por parte dos jovens leva em consideração os objetivos pessoais e profissionais que moldam sua vida a partir de então. Desse modo podemos citar a autora Sposito (2000) presente no artigo de Dayrell (2017) em relação à condição juvenil e à necessidade de pensar a escola para além das práticas pedagógicas e de transmissão do conhecimento.

A análise nas escolas para Sposito deveria ter o seu horizonte ampliado com o objetivo de apreender as múltiplas relações estabelecidas no seu interior e exterior, nos levando a questionar a concepção que temos dos alunos e buscando compreender essa condição juvenil (Idem: 2017). E a compreensão dessa condição juvenil presente nas escolas pode nos auxiliar na interpretação da resposta de Eduarda quando diz sobre os objetivos de sua vida que a sociologia ajudou a moldar ao longo do ano.

A sociologia traz esse “olhar” de tudo bem, você pode descobrir, traz esse muitos me perguntam o que eu quero, mas nunca o que eu já sou, o que conquistei, minha história, de onde vim, onde vou chegar, nos traz “acolhimento” porque adolescentes já são julgados, mas, estamos conhecendo tudo agora, então sim, a sociologia deveria ter nos 6º anos, para irem se conhecendo e terem “reflexões”

Sociologia é necessária em todos os anos seja do 6º até 3º para aprendermos cada vez mais, e com isso evoluir como humano!

A escrita de Eduarda demonstra um sentimento de desabafo sobre o seu ponto de vista de adolescente, deixando à primeira leitura uma impressão de que há um protagonismo juvenil que deve ser respeitado pelo mundo adulto nas escolas. A atividade para ela serviu também como uma ferramenta de desabafo sobre a vida, o colégio e suas perspectivas de futuro.

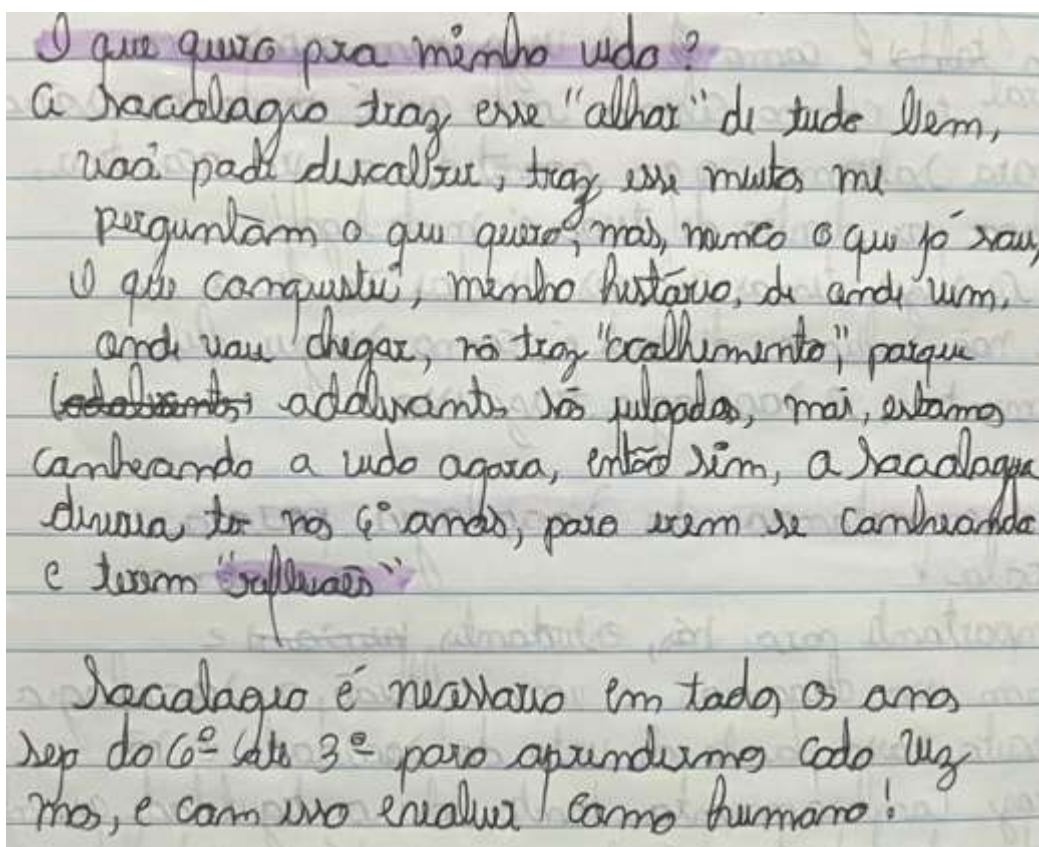
Podemos perceber o reconhecimento da sociologia como disciplina que ajuda na desnaturalização dos processos sociais e descobertas, quando ela responde que a “*sociologia traz esse ‘olhar’ de tudo bem, você pode descobrir*”, seguido da colocação “*muitos me perguntam o que quero, mas, nunca o que já sou, o que conquistei, minha história, de onde vim, onde vou chegar*”

⁷¹ Em conversa no Café Sociológico que fizemos no segundo trimestre, perguntei a Eduarda se ela gostava de estudar num colégio-cívico militar. Ela respondeu que sim, mas que seus pais insistiram que ela se matriculasse numa escola que cobrasse mais disciplina, para que tivesse uma boa formação e qualificação profissional. Segundo ela o seu pai era rígido e inflexível acerca do rendimento escolar exigindo da aluna boas notas e a vistoria do seu boletim ao final de cada período. Fonte: Anotações do caderno de campo (março a dezembro de 2022 e 2023).

como uma crítica ao viés educacional atual que prepara os alunos de escolas públicas com um objetivo profissional, voltados para a atuação no sistema capitalista.

Há vários pontos de análise que podemos considerar na resposta, desde o conceito de Wright-Mills de imaginação sociológica até os processos de desnaturalização explicado pelos clássicos da sociologia e por Berger, e o “acolhimento” que as disciplinas de humanas podem proporcionar a partir da atenção, da escuta e do diálogo como discutido por Ingold. É importante considerar também o ponto de vista da aluna acerca do currículo do novo ensino médio e do ensino fundamental, sugerindo a sociologia dos sextos aos terceiros anos nas escolas, como fonte de aprendizado e evolução humana.

FIGURA 14 – ATIVIDADE DA ALUNA EDUARDA 2ªA (04)



Mas podemos perceber que essa resposta demonstra que há outras questões em pauta. Se a aluna atribui a uma disciplina escolar um acolhimento, essa colocação indica que há uma falta de acolhimento na instituição e na própria família, visto que seu pai tem um ponto de vista mais rígido sobre a educação da filha. Os julgamentos citados por Eduarda podem ocorrer dentro ou fora do Colégio Uruguai, com sua estrutura militar rígida e disciplinadora, deixando uma opinião implícita

também sobre a cobrança da sociedade sobre a juventude.

A aluna reconhece que a fase da vida em que está é feita de aprendizados quando diz “*estamos conhecendo a vida agora*”. E suas sugestões demonstram uma consciência sobre a condição dos adolescentes, com questões familiares (julgamentos, cobranças, expectativas) a escola e seus problemas (currículo, disciplinas) e a importância do aprendizado dialogado como forma de evolução do ser humano.

Antes de finalizarmos a interpretação do último tópico de resposta de Eduarda, chamo a atenção para um detalhe na resposta. Ao colocar sua opinião sobre a necessidade da sociologia, podemos visualizar uma marcação com caneta colorida na palavra “reflexões”. A aluna faz a marcação com as canetas em todo os tópicos de pergunta e quando destaca a “reflexão” logo após citar a necessidade da disciplina nos sextos anos, ela escreve “*para irem se conhecendo e terem reflexões*”.

Nesse ponto, ao final da resposta, Eduarda nos mostra que a sociologia pode trazer um autoconhecimento, além do conhecimento científico e reflexões sobre a vida, quando o aluno tem um tempo para refletir sobre si mesmo, onde o processo coletivo se insere também, podendo gerar um olhar crítico sobre a sociedade. E o contato com a disciplina nos anos iniciais formaria indivíduos mais conscientes, o que possibilita condições de mudança a partir do reconhecimento dos problemas da atualidade.

A última parte da resposta inicia com o título “*Sobre o professor Gustavo*”. A proposta inicial era uma pergunta que gerasse um *feedback* sobre as aulas, de modo a aperfeiçoá-las para o próximo ano, mas Eduarda colocou sua opinião sobre o trabalho docente em sala, evidenciando a questão do “olhar” sobre o mundo e os temas das diferentes culturas e religiões.

FIGURA 15 – ATIVIDADE DA ALUNA EDUARDA 2ºA (05)

Sabe a professora gostava: não precisa mudar nada!
 Seu jeito de ensinar é muito bom, é
 agradável pelo aprendizado e por ser ~~compreensível~~
 compreensível e não ensinar este "olhar" do mundo
 em geral, as culturas, religiões, isso é importante!
 é uma pena não termos aula com você ano que vêm aí,
 muito sucesso nesta nova jornada, que você
 realize seus objetivos, você é o melhor professor
 que poderíamos ter!

Enquanto educadores buscamos um aperfeiçoamento constante em relação aos métodos de ensino e conteúdos compartilhados em sala. Posso fazer uma analogia com os pescadores onde seguimos em determinados momentos num movimento "a favor" da maré e em outros contra o fluxo natural das águas. A favor no sentido do cumprimento das regras institucionais básicas das escolas como os prazos, cronogramas, horários e conteúdos que precisam constar no planejamento (RCO). O movimento contrário seria o de não seguir o roteiro dos conteúdos de modo integral, no trato diários com os alunos, considerando-os como sujeitos de sua própria história e não somente números, do constante observar, escutar e oportunizar a eles a livre expressão de ideias próprias, a partir da sociologia no ambiente escolar.

E as referências teóricas no trabalho docente são múltiplas. Essa relação com o saber está presente nas discussões de Charlot (2000), que busca notar o aluno como um sujeito que apreende o mundo e a partir disso constrói e transforma a si próprio (Idem: 41). E também em Freire (2005) que coloca que devemos superar as relações verticais no ensino a partir de outra relação que considera que "o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que ao ser educado, também educa" (Idem: 79).

É possível visualizar essa questão na resposta de Eduarda quando agradece pelos aprendizados e pelo professor ser "*compreensível*" ensinando este "*olhar*" do mundo. Ou seja, me pauto pela ideia e filosofia de uma educação mais humana que promova um entusiasmo aos alunos considerando os jovens enquanto seres protagonistas de suas histórias.

Como colocado por hooks (2017) nossa capacidade de gerar entusiasmo é afetada "pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros" (Idem: 16). E o ouvir e reconhecer a presença uns dos outros faz parte do processo de transmissão

colocado por Ingold (2020) quando distingue a educação de um mero treinamento profissional onde professores e alunos compartilham o mesmo interesse no processo e permanecem sendo transformados por ele (Idem: 81). A transformação é gradual, contínua e aperfeiçoada pelos atores constantemente, dentro e fora do ambiente escolar.

E essa transformação é presente e visível nas duas instituições pesquisadas, de forma que cada uma com suas peculiaridades auxiliam na compreensão de como o ensino médio se encontra atualmente e as dificuldades e facilidades no processo de aprendizado da sociologia. Desse modo, como forma de analisar as redes de aprendizado nas duas escolas, suas proximidades e distanciamentos, compartilho um quadro comparativo entre o Colégio Paulo Leminski e o Colégio Uruguai. O objetivo de compartilhar o quadro, além das diferenças e semelhanças entre os dois modelos de escola, é perceber de que forma a rede de relações escolares se configura com o protagonismo dos alunos, o papel secundário de atores humanos e não humanos, as experiências de aprendizado em sociologia e o que isso implica nas duas instituições investigadas.

FIGURA 16 – QUADRO COMPARATIVO COLÉGIO PAULO LMINSKI E COLÉGIO REPÚBLICA DO URUGUAI

Quadro Comparativo: Redes de Aprendizado em Sociologia nas Duas Escolas			
Dimensão da Rede	Colégio Paulo Leminski	Colégio Uruguai	Análise segundo a ANT (Latour, 2012)
Configuração da rede escolar	Rede horizontal e orgânica, com múltiplos centros de influência (alunos, professores, funcionárias, espaços físicos).	Rede verticalizada, marcada por hierarquia, controle e disciplina institucional rígida.	As redes são heterogêneas e contingentes: formam -se pelas associações entre humanos e não humanos (p. 75-77).
Dimensão da Rede	Colégio Paulo Leminski	Colégio Uruguai	Análise segundo a ANT (Latour, 2012)
Experiências de aprendizado em sociologia	Aprendizado ampliado por metodologias livres, debates, pesquisas com a comunidade, reconstrução ativa dos conteúdos.	Aprendizado restrito por modelos pedagógicos tradicionais, falta de tempo, pressão por resultados e disciplina.	Aprendizado é uma rede de traduções, onde o saber circula, é ressignificado ou interrompido (p. 103-105).
Implicações do contexto institucional	Escola resiste parcialmente às reformas e impõe limites à padronização externa, favorecendo a liberdade pedagógica.	Escola implementa as reformas de forma rígida, com baixa margem de flexibilidade docente e estudantil.	O social precisa ser reagregado a partir das práticas locais, e não abstraído em categorias fixas (p. 18 - 20; 144).
Referência: LATOUR, Bruno. <i>Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede</i> . Salvador: EDUFBA, 2012.			

Assim, podemos seguir para o último item desse capítulo onde analisaremos algumas atividades dos alunos do Colégio Paulo Leminski sobre a pesquisa do Novo Ensino Médio. O objetivo é trazer as reflexões sobre a condição dos estudantes nesse contexto e como isso afetou o aprendizado nesse período de implementação, uma vez que eles foram as primeiras turmas a sentir os impactos provocados pela mudança. As opiniões da comunidade escolar, bem como dos professores e demais funcionários, vêm como complemento na análise de modo a facilitar o entendimento dos diversos processos desencadeados pela última reforma.

3.3 O velho “novo” ensino médio e as reflexões sobre o protagonismo estudantil

Analisamos as atividades dos alunos sobre a pergunta sociológica e observamos que as escolas e suas salas de aula, além de serem ambientes diversos com muitas influências internas e externas, continuam inseridas em um espaço burocrático e institucional. Esse espaço, gerido e organizado pelo governo do estado, sofre influências diretas das políticas públicas definidas pelo grupo que o domina.

Nos últimos anos, percebemos que a atual gestão do governo do estado do Paraná, com uma ideologia voltada às políticas neoliberais, implementou a reforma educacional e intensificou as parcerias público-privadas com a justificativa de modernização das escolas, buscando índices de aprovação e resultados, o que prejudicou consideravelmente o processo de ensino e aprendizado dos alunos no ensino médio. Essas políticas pautadas por intenções mercadológicas nas instituições escolares são justificadas pelo que se entende por crise da qualidade da educação. Assim, uma das soluções dos problemas seria a terceirização dos serviços.

Para Laval (2019) as políticas neoliberais se inserem no mundo contemporâneo, degradando em escala global as formas de vida e trabalho e conseqüentemente as instituições que transmitem os saberes educacionais. A escola neoliberal, para o autor, resulta no individualismo, no gerencialismo e em uma pedagogia voltada à sociedade do mercado com viés autônomo e empreendedor (Idem: 17). Esse tipo de política mercantilista está cada vez mais sendo implementada nas escolas públicas do estado, como mencionado no primeiro capítulo, em que discuti a terceirização das escolas.

Desde antes da atual gestão, o governador Ratinho Júnior, na época candidato em campanha, afirmava nas mídias que iria fortalecer as parcerias público-privadas com vias de modernizar as funções estatais, deixando claro suas intenções de vender as instituições públicas para a iniciativa privada e seu grupo empresarial. Com a reforma da educação iniciada em 2017, o que podemos observar é uma intensificação desse processo privatista com implementação de diversas plataformas

de ensino, testes e provas formuladas por empresas com objetivos de gerar índices de aprovação e a compra de aparelhos tecnológicos, como o próprio *educatron*, do grupo Positivo.

Segundo Muniz, Silva, Leal e Borges (2023), a ideologia neoliberal fundamenta as relações humanas no empreendimento do esforço humano, em que a condição de indivíduo livre no contexto capitalista está em se constituir e organizar-se nos moldes de uma empresa. A entrega das instituições e dos indivíduos à iniciativa privada vem com a justificativa de que essa teria melhor condição de ofertar uma educação de qualidade voltada para o mercado capitalista e a sociedade (Idem: 77).

A partir das reflexões desses autores sobre a implementação de um viés neoliberal na educação e a reforma do ensino médio, iniciaremos a discussão com as falas dos próprios alunos registradas em uma roda de conversa no final do terceiro trimestre⁷². O diálogo foi feito nas quatro turmas dos terceiros anos, com o objetivo de ouvir os estudantes e suas opiniões sobre o novo ensino médio. Compartilho aqui, primeiramente, os registros dos alunos do 3ºB.

Eu acho que o novo ensino médio é um lixo! Por causa da carga horária. Os alunos que trabalham a tarde têm os horários bagunçados. (Nicholas, 3ºB)

Não é acessível! Já aumentaram a carga horária, deixa a gente mais tempo na escola, quem trabalha não tem tempo de almoçar, aí colocam a plataforma pra fazer em casa. Metade dos alunos não consegue fazer, não tem acesso, celular... (Leonardo, 3ºB)

Tiraram matérias que a gente teria que estudar pro vestibular e colocaram outras totalmente desnecessárias, projeto de vida é importante, deveria ser opcional...não tirar tipo biologia, que a gente precisa para o Enem. Eu não tenho como fazer cursinho, não tenho dinheiro para pagar cursinho... (Heloise, 3ºB)

Ano passado pediram pra gente decidir se queria espanhol ou inglês. A maioria escolheu espanhol e ficou inglês. Nossa opinião não é válida! (Giovana, 3ºB)

O único momento que tem para descanso em casa, você acha que vou parar pra ficar fazendo plataforma? É essa a questão... uma hora ou duas de descanso, antes de fazer outra coisa, vou ficar fazendo plataforma? (Luiz Antônio 3ºB)

Podiam ter uma proposta de terceiro ano, de investir mais em conteúdos pré- vestibular, tem muita matéria que não tem nada a ver! Nem precisa aprender coisa que gente viu no sexto ano, português por exemplo, tinha que ter mais redação, técnicas de redação, pra gente treinar. (Isabelle, 3ºB)

⁷² As rodas de conversa aconteceram entre outubro e novembro de 2024, com as mesmas turmas que acompanhei no ano de 2023 no trabalho de pesquisa. Com a comunicação e autorização prévia dos alunos, efetuei os registros por meio do gravador de celular.

Podemos perceber que há um descontentamento por parte dos estudantes e suas falas criticam diversos pontos relativos à implementação do novo ensino médio. A questão apontada por Nicholas e Leonardo em relação à carga horária, que resultou na sexta aula, aparece também na entrevista que os alunos fizeram com a diretora e no trabalho de pesquisa efetuado por eles.

Com uma nova carga horária e a retirada do tempo de aula nas disciplinas de humanidades para a implementação de outras como projeto de vida, educação financeira e pensamento computacional, o número de aulas por turno aumentou. Este fato gerou uma série de questionamentos por parte dos professores e alunos em relação ao tempo e ao trabalho. Muitos alunos e professores trabalham no período da tarde, tendo que fazer um grande esforço para dar conta dos horários e dos compromissos exigidos.

As plataformas estão presentes em praticamente todas as disciplinas, como português, matemática, geografia, história, física, sociologia e filosofia. Entre elas podemos citar o *Leia Paraná*, a *Redação Paraná* e o *Quizz*⁷³, que foram implementadas de modo a tornar os métodos de ensino mais dinâmicos. Na prática não foi o que aconteceu, como vemos na opinião de Luiz Antônio e Leonardo sobre o tempo e a falta do recurso tecnológico por todos os estudantes, configurando uma grande desigualdade de acesso no ensino público que segue sendo ignorada pelo governo⁷⁴.

As falas das alunas Heloise e Isabelle sobre as disciplinas que são cobradas no vestibular e o conteúdo escolar refletem uma dissonância entre o que é cobrado nas provas de vestibular e Enem e o que é ensinado nas escolas estaduais. Esse fato mostra que há um problema de comunicação do governo com os estudantes e a comunidade escolar, o que aparece na resposta da aluna Giovana sobre os alunos não terem as vozes e opiniões válidas, num processo em que eles são diretamente afetados pelas mudanças. Nesse sentido, seguimos com as falas dos alunos do 3°C:

Os conteúdos do terceiro não são “linkados” com o vestibular e Enem. As plataformas nós não temos tempo de usar os computadores, pra fazer quizz e as plataformas. A biblioteca que tá aqui do lado, fomos uma vez esse ano. Os espaços que poderiam ser usados, não são. (Alonso, 3°C)

O jeito que passa a matéria tá errado no novo ensino médio, os alunos não se interessam em aprender. (Vinnicius, 3°C)

O aprendizado mesmo é o problema. Tem umas matérias que você não consegue aprender absolutamente nada. Só passa lição e a gente não aprende, passa prova que a gente não aprendeu.

⁷³ Em relação a plataformização da educação e a reforma do ensino médio ver BARBOSA e ALVES (2023).

⁷⁴ Essa mesma desigualdade na falta de acesso a recursos tecnológicos foi denunciada pela APP Sindicato na época da pandemia. Eram cobradas as presenças on-line dos alunos diariamente como forma de manter as aulas funcionando. Porém como temos diversas realidades na vida de educadores e estudantes, onde muitos não tinham computadores disponíveis, celulares ou mesmo internet acessível, como no caso dos alunos em áreas rurais. Nesse período houve uma grande evasão escolar e inúmeros casos de problemas de saúde por parte dos professores, como estresse e depressão.

(Ricardo, 3°C)

Tem várias aulas na semana, matérias que a gente tem, mas não faz sentido pro vestibular e Enem. E a gente tem poucas aulas de matérias que precisa, precisava ser melhor dividido.

(Kerolaine, 3°C)

Esse colégio parece uma prisão! Porque não liberam o espaço externo pra gente ter aula? Os alunos iam prestar mais atenção. (Henrique 3°C)

As opiniões dos alunos do 3°C estão relacionadas ao formato do ensino médio atual como colocado por Alonso, que cita a questão dos conteúdos e da falta de tempo para fazer as atividades nas plataformas. E em muitas disciplinas os professores são cobrados pela Seed para usar as atividades como avaliação. Em sua fala o aluno menciona também a questão dos espaços não utilizados, como a biblioteca, sugerindo que esse ambiente facilita o aprendizado, não sendo muito utilizado pelos educadores.

Como colocado no item anterior, no caso de Kauanny do 2°B, a falta de hábitos de leitura de livros e pesquisa prejudica consideravelmente as suas produções textuais. A crítica de falta de utilização desses espaços aparece também na fala de Henrique, que traz novamente a comparação entre o colégio e uma prisão, problematizado por Foucault, discutido no capítulo anterior.

Os métodos de aprendizado aparecem na resposta de Vinnicius com relação à transmissão dos conteúdos, gerando a falta de interesse dos alunos, e na resposta de Ricardo com sua crítica aos métodos dos educadores. Ricardo coloca que há certa desconexão entre o conteúdo, a forma de transmissão e as avaliações, ficando a reflexão sobre como os próprios educadores apreendem esses conceitos e o modo que são retransmitidos para os educandos, além dos métodos avaliativos. Já Kerolaine cita o tema das disciplinas e os conteúdos que não apresentam relação com as principais provas do final do ensino médio, o vestibular e o Enem, assim como citado por seu colega de sala, Alonso.

Seguimos a análise com a entrevista do grupo do aluno Nicholas do 3°B e as respostas de três funcionárias muito importantes na instituição, a diretora Suellen, a pedagoga dos terceiros anos Priscila e a funcionária Carmelita.

O aluno Luiz Antônio inicia e entrevista com a diretora Suellen:

Tamo fazendo o trabalho de sociologia aqui e estamos entrevistando a diretora Suellen.

Suellen o que você acha do novo ensino médio e o que você acha que deveria fazer pra melhorar pra alunos e professores?

Esse que temos agora o novo ensino médio, não concordo com a estrutura dele, não concordo com a matriz curricular... mesmo porquê, as trilhas de aprendizagem, eu creio que não dão conta dos conteúdos que os alunos precisam nessa fase, pra ir depois pra universidade. O

retorno, a revisão aí desse novo ensino médio são importantes porque, a proposta é o retorno das disciplinas que haviam perdido aula por conta de toda essa mudança. Então, vai ter o retorno da sociologia, da filosofia, que eu creio que são disciplinas importantes pros nossos alunos.

Depois de um breve silêncio, a diretora segue com a resposta:

A questão da sexta aula, eu vejo como complicado pros nossos alunos, porque o aluno do ensino médio geralmente vai pro estágio, aquele que é não obrigatório, que eles recebem um valor no estágio. E muitas vezes não dá tempo do aluno almoçar e se deslocar até o trabalho. E a escola por sua vez, não pode liberar o aluno antes do final da aula, que aqui no caso termina meio dia e vinte e cinco.

Podemos perceber que a diretora demonstra um posicionamento crítico em relação ao novo currículo, pois foram retirados do terceiro ano disciplinas fundamentais para o pensamento crítico e que estão entre as disciplinas exigidas nos vestibulares. Quando a diretora se refere ao retorno das disciplinas que haviam “perdido aula”, ou seja, carga horária, ela se refere às duas principais áreas de escolha (humanas e exatas) e aos itinerários formativos.

A diretora Suellen comenta sobre a sexta aula demonstrando um posicionamento crítico e reconhecendo as dificuldades dos alunos, mas dando ênfase na questão institucional e na responsabilidade da escola com o cumprimento do horário.

Vamos à resposta da pedagoga Priscila, que inicia com sua opinião crítica ao número de disciplinas no novo ensino médio e segue comentando sobre os temas escolares:

Eu acho que o novo ensino médio tem muitas disciplinas, muito conteúdo. Eu acho que podia diminuir. Em relação a sexta aula, por ter muitas matérias eu acho necessário, porque se não falta aula pra todo conteúdo que tem que dar né. Precisa melhorar as leis, precisa melhorar o salário dos professores, precisa melhorar o aluno, ter mais respeito com os professores, não usar celular e várias outras coisas.

A resposta de Priscila reflete muito a sua experiência no ensino médio do Paulo Leminski e a situação atual dos profissionais de pedagogia no governo Ratinho Júnior. A categoria dos pedagogos sofreu em 2019 uma diminuição da carga horária da hora atividade, ocasionada por uma mudança nas regras da jornada de trabalho⁷⁵. Priscila foi uma dessas pedagogas prejudicadas com a nova implementação. Em seu primeiro ano no Paulo Leminski, a profissional enfrentou diversos

⁷⁵ Em 2019 o governo Ratinho Júnior implementou a resolução 02/2019 com a mudança da alteração da jornada de trabalho de pedagogos e pedagogas. A partir desta, para cada padrão de 20 horas, os profissionais deverão permanecer 5 horas a mais na escola, sem nenhuma remuneração financeira a mais, desconsiderando o esforço e o tempo de dedicação desses profissionais. Fonte: <https://appsindicato.org.br/seed-aumenta-jornada-de-pedagogos-e-mantem-hora-relogio-para-professoras/>

problemas de brigas entre alunos, desentendimentos entre professores e alunos e discussões entre ela e os estudantes. A maneira como ela resolvia os conflitos, utilizando de sua posição hierárquica no colégio e o tom de voz impositivo, gerou uma relação conturbada com os jovens⁷⁶.

Na fala de Priscila sobre a sexta aula podemos perceber que ela não considerou a questão do tempo dos alunos que trabalham após o turno no colégio, comentando somente sobre a carga horária. No entanto, ela menciona a melhora das leis e salários dos professores demonstrando certa consciência de classe e solidariedade com a categoria. A relação conturbada com os alunos também aparece em sua fala, sugerindo uma “*melhora*” e mais respeito com os educadores.

Nesse ponto podemos refletir em que sentido ela se refere à melhora. No melhor desempenho em sala de aula? No comportamento e trato com os colegas de sala? A opinião colocada por Priscila aparentemente não considera os muitos fatores (externos e internos) que levam os alunos a apresentarem comportamentos conturbados. E essa falta de sensibilidade e comunicação poderia explicar a sua relação conflituosa com os jovens ao longo do ano todo.

Por último, na entrevista do grupo de Luiz Antônio temos a resposta da funcionária Carmelita. O aluno Luiz Antônio inicia a entrevista:

Estamos aqui fazendo o trabalho de sociologia. O que a senhora acha do novo ensino médio?

Não adianta porque as pessoas, os alunos de hoje em dia não querem estudar mais não meu filho... você não concorda comigo?

E Luís responde:

Certeza!

E o aluno continua:

O que a senhora acha da sexta aula?

Sexta aula? O que eu posso responder... é mais pra encher a carga horária.

Porque chega meio dia ali, todo mundo quer ir embora.

O aluno dá sequência à entrevista e pergunta:

O que você acha que dá pra melhorar?

Depende dos alunos! Não é o estado melhorar alguma coisa... entendeu? Ok! Obrigado pela

⁷⁶ No ano de 2024, durante a pesquisa presenciei alguns alunos em discussões no corredor com a pedagoga Priscila. Com a questão das saídas de sala por questão de banheiro, os “rolês” dos alunos e uso do celular, a chamada da pedagoga não era muito amistosa com eles, o que gerava revolta e indignação. Muitos deles em diferentes turmas, me comunicavam sobre a postura da profissional. Acabei presenciando o caso do aluno Matheus do 3ºD, que ao ser chamado para conversar na sala de pedagogia, bateu a porta com força e gritou alto no corredor “*Essa velha só me persegue, não me deixa em paz, vontade de bater nela!*”. Como discutimos ao longo da dissertação, o conflito no ambiente escolar existe a todo momento. Cabe aos educadores definir a melhor estratégia de ação, com muita paciência e escuta, além do respeito entre ambos. Fonte: Anotações do caderno de campo março a novembro de 2024.

participação.

No início do primeiro capítulo fizemos a apresentação de Carmelita e sua forte personalidade. O que fica evidente na entrevista concedida aos alunos do 3ºB onde ela coloca sua opinião, com poucas palavras, mas que expressa um ponto de vista singular e uma consciência crítica do quadro educacional atual. É importante lembrar o histórico da funcionária, com seus muitos anos de serviço público, que viveu algumas realidades nas políticas educacionais em diferentes governos estaduais.

Ao responder sobre o ensino médio ela sugere que a falta de interesse surge dos próprios alunos de hoje, deixando a entender que antigamente os alunos se interessavam mais pela educação. Podemos interpretar que o desinteresse surge também em razão do modelo atual, com os muitos problemas que estamos discutindo, o que é confirmado pelo aluno Luiz num misto de concordância e respeito a Carmelita. Sobre a sexta aula, ela reconhece que o aumento de disciplinas gerou o aumento da carga horária e deixa claro que professores e alunos, após cinco aulas, não apresentam o mesmo rendimento escolar.

No final da resposta, dona Carmelita coloca a responsabilidade de mudança para os jovens estudantes. Esse protagonismo juvenil sugerido pela funcionária, ao mesmo tempo critica a postura conformista dos estudantes perante às políticas implementadas pelo governo e convoca-os à manifestação política por melhores condições nas escolas⁷⁷.

Há uma importante reflexão implícita na fala de Carmelita. Por ser uma das funcionárias mais antigas, com um histórico de lutas, que viveu as políticas de outros governos, ela se vê em uma posição que a autoriza a deixar uma sugestão para os alunos. A mudança da educação pela via política depende deles, e não somente dos professores ou do próprio governo. Poderia ser a diretora fazendo essa convocação, ou mesmo professores e a pedagoga. Mas a chamada pelo protagonismo vem de Carmelita, que vive os processos escolares diariamente.

Antes de iniciarmos a análise das pesquisas dos alunos, última parte do item desse capítulo, cabe uma reflexão sobre o papel dos atores na instituição escolar e a função da disciplina de sociologia enquanto ferramenta de pensamento crítico e de ação política nas escolas. Como citado por Berger (2004), no item anterior, a sociologia busca olhar além das fachadas das estruturas

⁷⁷Em paralisações e manifestações a favor da causa da categoria educacional, diversas vezes encontrei com Carmelita e suas colegas funcionárias nas ruas. A partir da última grande greve, que resultou no incidente de 29 de abril de 2015, houve uma desmobilização da comunidade escolar nas greves e paralisações. Muitos educadores consideram que essa desmobilização, foi fruto da forma como o sindicato dos professores atuou naquele período. No ápice do movimento de greve, após o conflito na assembleia legislativa, os dirigentes do sindicato negociaram com o governo o fim a paralisação, com a justificativa de levar a luta para as escolas. Não houveram avanços significativos nas pautas exigidas como o confisco do caixa do Paraná Previdência (aposentadoria) e a reposição salarial. Na época, a maioria das escolas do Paraná aderiu ao movimento.

sociais, cabendo a nós educadores tentar desenvolver nos alunos essa sensibilidade no olhar do campo social com as diversas estratégias metodológicas de aprendizado, o que muitas vezes não é possível.

São muitos fatores que dificultam esse processo de conscientização dos alunos, como o novo ensino médio e sua estrutura. E apesar dos problemas apresentados na pesquisa sociológica, nela eles são os protagonistas, a metodologia de aprendizado através da pesquisa tenta facilitar a compreensão dos conteúdos teóricos e fazer com que se entenda como o conhecimento é construído, formando uma ponte cognitiva entre o saber e o aluno.

Para Giddens (2008), a sociologia é o estudo da vida social, dos grupos e da sociedade, em que o objeto de estudo é nosso próprio comportamento como seres sociais. Desse modo a sociologia enquanto disciplina teria essa função de olhar de forma ampla os fenômenos da sociedade. Nesse sentido, uma pesquisa protagonizada pelos alunos teria como fundamento principal gerar no estudante uma consciência crítica desse todo social e do campo da educação, através da instituição escolar.

Mas podemos perceber que apesar dos alunos terem contato com o conhecimento teórico ao longo dos anos do ensino médio, a experiência prática de Carmelita com as lutas políticas a fez com que deixasse um alerta para os estudantes para o sentido da *práxis* na luta estudantil. Trago novamente a noção de Latour (2012) sobre o conceito de ator como aquele que não age simplesmente, mas que tem a sua ação deslocada influenciando a rede de relações.

A funcionária Carmelita tem sua função institucional específica no colégio, que não está relacionada a conteúdos teóricos e os processos metodológicos de qualquer disciplina. Porém, quando surge a oportunidade, ao ser questionada sobre o novo ensino médio a partir de uma entrevista na avaliação de sociologia, ela responde com sua experiência prática nos anos de luta e vivência de escola pública. E essas experiências se baseiam na observação do contexto escolar, nas relações com os alunos, diretoras, professores e funcionários ao longo dos anos. Essa *metalinguagem* sugerida por Latour (Idem: 79) pode ser identificada na ação de Carmelita na rede de relações do colégio, com um chamado à luta política dos alunos a partir da pesquisa sociológica.

Seguimos agora com a última parte do item do capítulo e as reflexões finais da pesquisa dos alunos do 3º ano. Foram muito trabalhos entregues, com diferentes métodos utilizados dos quais fiz uma seleção baseado na relevância das respostas e dos temas discutidos acima, como as opiniões sobre o novo ensino médio, a sexta aula e a utilização das plataformas de ensino. A primeira pesquisa foi feita pelas alunas Gabriella, Luana e Nathalia, do 3ºB.

As alunas fizeram uma pesquisa quantitativa e selecionaram os participantes a partir da divisão dos eixos itinerários de humanas e exatas com as seguintes perguntas: “*Você é a favor ou*

contra a sexta aula?”, *“Você acha que os itinerários formativos te ajudaram a escolher sua profissão, faculdade ou curso?”* e *“Se você pudesse remover algum desses itens do novo ensino médio, qual seria?”*. Todos os quatro alunos que participaram responderam que eram contra a sexta aula. Eram eles Felipe e Lauryane do eixo de humanas do 3ºB e a aluna Gabrielly do 3ºE e Yago do 3ºL do eixo das exatas.

Na segunda pergunta relacionada aos itinerários formativos as respostas indicaram que essa forma de organização e mudança no currículo não auxilia ou direciona os alunos na vida profissional, comprovando que um dos objetivos da nova reforma, o direcionamento profissional, não foi alcançado ao menos em relação aos alunos do ensino médio do Colégio Paulo Leminski, com sua relevância pelo grande número de alunos, cursos profissionalizantes e atendimento às comunidades e bairros próximos a instituição.

A última pergunta sobre a remoção dos itens, indicou que dos quatro alunos entrevistados, três deles optariam pela retirada da sexta aula e somente a Gabrielly assinalou a opção da retirada das matérias essenciais⁷⁸. Essas matérias seriam aquelas que são obrigatórias para os alunos nos três anos do ensino médio, mas que com a organização recente tornaram-se disciplinas repetidas como matemática 01 e 02, língua portuguesa 01 e 02, resultando num cansaço maior dos alunos devido à repetição dos professores, que mantém o mesmo método de ensino nessas áreas do conhecimento.

No final as alunas apresentaram um resultado da pesquisa por meio de uma porcentagem simples. A maioria dos alunos se posicionou contra a sexta aula e os itinerários formativos. Na questão sobre a remoção dos itens essenciais a porcentagem de escolha da retirada da sexta aula foi escolhida por 75% dos participantes e 25% optariam pela retirada das matérias essenciais.

É importante mencionar que esse tipo de pesquisa quantitativa, mesmo que simples, revela para os alunos algo que é falado ao longo do ano em relação à sociologia. Em aulas comentamos do caráter multidisciplinar da disciplina, que busca também nas ciências exatas as ferramentas necessárias para explicar os fenômenos sociais, ficando esse tipo de pesquisa muito popular na década de 1950 nos Estados Unidos por Wright- Mills e pelos autores da Escola de Chicago.

A próxima pesquisa do tipo qualitativo e quantitativo, aplicada pelas alunas Keren e Sophie do 3ºA apresenta as respostas e os pontos de vista de alunos e professores sobre o novo ensino médio. As respostas trazem as visões dos educadores sobre esse processo de mudança com as seguintes

⁷⁸ No novo ensino médio, as matérias essenciais são: Língua Portuguesa, Matemática, Inglês, Artes, Educação Física, Sociologia e Filosofia, ou seja, aquelas que são obrigatórias para todos os alunos nos três anos do ensino médio. Além dessas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também inclui outras disciplinas como História, Geografia, Ciências da Natureza (Biologia, Física, Química), prevendo a possibilidade de os alunos escolherem itinerários formativos que podem incluir mais aprofundamentos em áreas específicas.

perguntas: “*O que você pensa sobre o novo ensino médio?*”, “*O que você acha sobre a sexta aula?*” e “*O que acha sobre as plataformas educacionais?*” e por último “*Como você avalia o novo ensino médio?*”.

É importante mencionar que os tipos de pesquisa social fizeram parte dos temas das aulas do planejamento, de modo que os alunos foram apresentados a esses métodos de investigação. Fizemos ao longo do trimestre algumas discussões sobre o ensino médio e eles já demonstravam preocupação em relação aos temas da sexta aula e às plataformas educacionais recém implementadas na época.

A seguir iniciamos com a resposta da professora Janete da disciplina de inglês. Ao ser questionada sobre o novo ensino médio e educadora respondeu:

Acredito que as novas matérias oferecem um bom conhecimento, porém depende como é trabalhado pelo professor e aluno. A ideia deve ser testada com seriedade e estatística a respeito do sucesso.

A opinião da professora leva em consideração o conhecimento que as novas disciplinas proporcionam, mas atribui a incorporação do conhecimento na forma de transmissão que os professores fazem para os alunos e como os próprios alunos absorvem os conceitos. Ao final ela responde que *a ideia deve ser testada com seriedade e estatística a respeito do sucesso*, colocando a responsabilidade, de modo implícito, tanto para os educadores, quanto para os alunos. Em relação à estatística, a resposta pode indicar a pesquisa quantitativa como um dos métodos de avaliação das novas disciplinas e da proposta do novo ensino médio.

Na opinião da professora sobre a sexta aula podemos perceber que a grande maioria dos professores chega no final das aulas física e psicologicamente cansados e ainda com a importante função de manter os alunos concentrados e atentos. A fala de Janete expõe mais um desafio diário na profissão docente no final dos turnos e, quando expõe a expressão *deixa o colégio mais cansativo*, faz uma alusão a maioria dos indivíduos no espaço educacional e o clima presente ao final de cada dia de trabalho.

Na terceira resposta Janete coloca uma importante reflexão como profissional da disciplina de inglês, sobre as plataformas.

Acredito que as plataformas oferecem um complemento bom e até mesmo divertido. Inglês Paraná oferece certificados gratuitos enquanto escolas de idiomas cobram valores altos mensalmente. O ponto alto é a necessidade de ser exigente com os estudantes pelo progresso.

A opinião da educadora sobre o modo mais lúdico das plataformas pode estar relacionada ao papel delas como metodologias de ensino diferenciadas, fora do padrão comum (quadro, giz e slides). Antes dos alunos aplicarem as pesquisas, durante nossas rodas de conversa, perguntei as opiniões sobre as plataformas em diversas turmas. Muitos deles mencionaram a questão dos

certificados gratuitos, o que possibilita aos alunos de baixa renda um documento oficial, que só seria possível através do acesso a escolas particulares de línguas estrangeiras.

A cobrança por resultados a partir das imposições do governo aparece no final da resposta, quando Janete cita a necessidade de exigência por *progresso* com os estudantes. Em conversas informais durante a pesquisa etnográfica, muitos colegas de disciplinas que utilizam as plataformas mencionaram a pressão institucional da mantenedora pra manter a frequência na utilização delas, além da cobrança por notas altas dos alunos⁷⁹.

Na última pergunta a professora avaliou como moderado o novo ensino médio. A resposta mostra que ela não é totalmente contrária à proposta, provavelmente por perceber que, em sua disciplina, os alunos podem ter uma chance de inclusão social a partir dos certificados. Essas opiniões diversas demonstram que muitos professores, a partir da recente política educacional, adotam posturas diferentes a partir do que se apresenta na sua área de ensino, considerando ou não o contexto de implementação e as inúmeras desigualdades evidenciadas pela última reforma educacional.

Seguimos com as respostas, agora do professor Felipe da disciplina de matemática, que responde a primeira questão apresentando uma reflexão sobre a desigualdade entre o ensino público e o privado:

Enquanto professor vejo uma redução na parte do conteúdo de matemática. Penso que os alunos do ensino público seguem em desvantagem comparado com os do ensino privado.

Podemos perceber que mesmo a disciplina ministrada pelo professor, com muitas aulas por semana (atualmente 4) no eixo de exatas teve o seu conteúdo reduzido. A resposta do educador pode estar relacionada à falta de profundidade dos conteúdos do planejamento que são oferecidos pela secretaria de educação. Em sua opinião, Felipe sugere que a desigualdade está presente também nas disciplinas “principais” das escolas, fazendo uma crítica ao mesmo tempo à redução dos conteúdos e à desvantagem decorrente dela na formação dos alunos da escola pública frente aos das privadas.

Na segunda questão o professor sugere a diminuição das aulas para quarenta e cinco minutos

⁷⁹ Esse é mais um caso de abuso psicológico e assédio moral por parte do governo do estado. Na época da implementação das plataformas, os professores das disciplinas não foram consultados, não havendo também treinamento específico para utilização do recurso. Esse fato gerou mais adoecimento da categoria com muitos casos de estresse, depressão e ansiedade. Uma das colegas professoras da disciplina de português comunicou que: “*As plataformas deveriam ser um recurso complementar e não uma finalidade. O governo só quer resultado e não considera o acesso e o tempo pros alunos usarem o recurso. Se não aplicamos, somos cobradas, se o aluno não usa, perde nota. Mas e se ele não tem como acessar? Fica difícil!*”. Ainda durante a parte final da escrita nos dias 30/05 e 05/06 recebemos a notícia do falecimento de duas educadoras, devido ao estresse e cobrança por plataformas. Esse fato demonstra ainda mais a triste realidade dos professores no contexto do novo ensino médio. Fonte: Anotações do caderno de campo (março a dezembro de 2023 e 2024 e maio e junho de 2025).

ao invés de cinquenta minutos e um intervalo a mais, reconhecendo que há um cansaço presente na última aula do dia. Foram muitos casos de alunos me comunicando em sala que não tinham tempo de se alimentar corretamente no intervalo de quinze minutos. E isso resulta em crises de ansiedade e problemas de estômago, além do atraso no retorno à sala, o que gera problemas com determinados professores.

Sobre as plataformas a opinião de Felipe foi objetiva. Ele considera o recurso como uma ferramenta e não uma finalidade. Ele diz que elas *podem ser usadas como alternativas mas não encorajo a obrigatoriedade*, demonstrando que elas deveriam ter uma função complementar, mostrando certa empatia com os alunos ao não tornar a utilização do acessório como obrigatório nas aulas. Na última resposta, com a opção objetiva o professor coloca sua avaliação sobre o novo ensino médio como ruim, deixando sua crítica sobre a forma como o ensino médio está afetando a comunidade escolar.

Por fim temos a última resposta da aluna Ana Helena do 3ºA. Ela foi uma das que sempre criticou a maneira como o governo implementou as suas políticas no atual ensino médio e, na última roda de conversa que tivemos em sua turma, fez uma fala importante sobre o tema, quando debatíamos acerca da desconexão entre os assuntos das disciplinas e as provas do Enem e vestibular.

É aquela coisa né professor, se quiser passar no vestibular ou no Enem, você estuda por conta própria ou paga um cursinho. O que nem todo mundo tem condições de fazer, tipo as matérias que a gente tem na escola, nem metade cai no vestibular e Enem. Tipo em história a gente tá aprendendo um conteúdo que cai zero nessas provas.

O conteúdo de história do terceiro ano é “História Econômica do Paraná” que não consta nas provas mencionadas e foi inserida em 2024. A fala da aluna mostra que eles têm plena consciência da desigualdade e da falta de acesso a recursos financeiros para a continuidade dos seus estudos. Essas falas colocam questões pertinentes sobre o futuro dos alunos após o ensino médio, mostrando que muitos deles buscam a continuidade nos estudos, mas a falta de recurso e a realidade escolar do ensino público dificulta alcançar esse objetivo. Muitos, quando acessam o ensino superior, o fazem por meio de faculdades particulares.

“Professor a gente nasce estuda, estuda, se forma, trabalha, trabalha aposenta e morre! Não faz sentido...”

Essa foi uma das falas que me deixou preocupado e reflexivo em quase dez anos de docência atuando em escolas públicas. E diz muito sobre essa geração e a condição dos alunos no atual ensino médio. A opinião de Ana Helena sobre a falta de perspectiva da juventude, não só de formação intelectual, mas profissional, é um reflexo da realidade que esses alunos vivem no mundo contemporâneo. Mas essa fala aponta para uma consciência da condição da classe trabalhadora muito sensível e honesta de sua parte, refletindo criticamente sobre a condição dos estudantes e

trabalhadores no capitalismo.

Após essas falas de Ana sobre o ensino médio e a perspectiva de vida dos jovens, podemos retomar as suas respostas sobre a pesquisa. Na primeira questão a aluna coloca sua opinião negativa sobre o novo ensino médio.

Ruim porque a escola tira aulas que seriam necessárias para o aprendizado do enem como biologia, química e física.

Podemos perceber que a aluna reafirma sua posição crítica sobre a reorganização das disciplinas nas escolas e a função delas nas provas do terceiro ano. Em relação à sexta aula, segunda pergunta da pesquisa, a aluna cita a questão da jornada profissional, realidade de muitos de seus colegas do Paulo Leminski

Muito cansativo, e pode atrapalhar o horário de quem trabalha.

As respostas da aluna carregam um sentido de objetividade, mesmo sendo questões descritivas, mostrando a indignação com o atual quadro educacional. A questão do cansaço no final do turno escolar aparece mais uma vez, bem como o compromisso profissional dos jovens após o primeiro turno do dia nas escolas.

Em relação à questão das plataformas, Ana Helena diz que:

Não é bom, tem pessoas que não possuem internet, mais a plataforma da redação acho que ajuda um pouco.

A aluna deixa sua posição sobre o novo ensino médio, mostrando mais uma vez o argumento da falta de acesso dos alunos das escolas públicas. Mas reconhece também que a plataforma de redação da disciplina de português auxilia *um pouco* na escrita de textos, uma das grandes dificuldades já apontadas no presente trabalho. Na última questão a aluna avaliou o novo ensino médio como muito ruim, reafirmando sua crítica sobre o modelo vigente.

Por fim, temos a conclusão ou resultado final do trabalho de pesquisa das alunas Keren e Sophie sobre o novo ensino médio.

Com base nesta pesquisa concluímos que a maioria dos alunos e professores estão insatisfeitos com o novo ensino médio, por várias questões como: a sexta aula a escolha do itinerário e as plataformas que foram implantadas como um novo método de ensino. Ou seja os professores e alunos estão sobrecarregados, pois além das plataformas tem que dar conta de provas e trabalhos. Porém alguns professores e alunos concordam com a mudança e acham que de certa forma revolucionou o modelo de ensino.

O resultado da pesquisa termina por demonstrar algo que estamos problematizando e discutindo ao longo deste item. O modelo neoliberal na educação resulta num desinteresse dos alunos pelo novo ensino médio, dificultando também a questão do aprendizado em sua totalidade.

Com a retirada da carga horária de sociologia, filosofia, história e artes e a implementação das demais disciplinas e seus conteúdos, ocorreu um distanciamento dos conteúdos das principais avaliações que qualificam e formam profissionalmente estes jovens (Enem e vestibular). Mas em termos neoliberais, a consequência é justamente essa a de não estimular os estudantes a seguir as carreiras profissionais com viés de produção intelectual e científica no ensino público superior, optando por profissões autônomas, trabalhos em aplicativos, lojas de departamento, supermercados, etc. E quando optam pelo ensino superior, a maioria se matricula nas faculdades particulares ou aderem as inúmeras modalidades de ensino à distância.

E isso se dá por vários pontos colocados pelos próprios jovens como mencionado no início deste item, como as plataformas, a sexta aula, as novas disciplinas e seus conteúdos e os métodos de aprendizado usados pelos educadores. O individualismo presente nas escolas atuais também é resultado da política implementada pelo governo, com a busca de índices e resultados no momento em que temos opiniões de pedagogas e professoras a favor das plataformas e da sexta aula.

Em relação ao ensino de sociologia percebe-se que mesmo com a diminuição da carga horária e com diferentes realidades presentes nas duas escolas analisadas, a forma como desenvolvemos a escuta, a atenção e a comunicação com os jovens favorece o aprendizado. O método de transmissão, aproximando os conceitos sociológicos com o mundo da vida dos estudantes, como analisado nos casos dos alunos do 2ºB do Paulo Leminski com os temas do terceiro trimestre, demonstra a afirmação. E a metodologia como a ponte de ligação entre os conceitos teóricos e a experiência de vida, traz à tona seus hábitos, preferências musicais, conflitos, preconceitos geográficos e de gênero, solidariedade e uma infinidade de outros assuntos, auxiliando no processo cognitivo.

No colégio Uruguai a avaliação a partir dos seminários de apresentação permitiu ao grupo das alunas explorar outros métodos de ensino, buscando no conceito de cultura e indústria cultural (com seus filmes e séries) outros modos de transmissão do conhecimento sociológico, gerando engajamento e participação ativa no aprendizado. O caso da aluna Eduarda que trouxe uma resposta reflexiva e crítica sobre o aprender na disciplina de sociologia é relevante, bem como os momentos de confraternização do “Café Sociológico” permitindo entender os processos individuais e familiares dos alunos.

Podemos refletir no final desse capítulo sobre a consciência política dos jovens no processo de implementação e vigência desse modelo de educação. Desde 2016 com o movimento das ocupações das escolas, percebo que os alunos não aceitam as condições impostas sem diálogo pelas instituições governamentais e escolares, o que gera uma contestação maior das regras impostas e das hierarquias presentes nas instituições com professores, pedagogas e direção.

Sallas e Meucci (2021) fizeram uma interessante análise sobre o protagonismo juvenil no movimento das ocupações sob a perspectiva da sociologia das emoções. As autoras aplicaram diversas entrevistas com estudantes em 2016 e 2019 analisando o modo como as emoções estruturaram a narrativa dos estudantes, partindo do entendimento que os afetos não se situam somente no campo da subjetividade, desempenhando papel fundamental na vida pública (Idem: 4). Com apoio teórico de diversos autores elas chegaram a conclusão que o empoderamento, foi marcado por sentimentos profundos dos estudantes como medo, frustração, solidariedade, empolgação e amizade, que foram definidores nas ações e experiências dos mesmos naquele delicado período político. E esses exemplos dos sentimentos expressos pelos estudantes das ocupações, estão presentes nas entrevistas e relatos dos alunos sobre o novo ensino médio definindo muitas das ações e atitudes nas escolas atuais.

Para Dayrell e Carrano (2014) a noção de participação estudantil que envolve a consciência e engajamento político é ampla e diversa e inclui a participação ativa dos cidadãos, incluindo os jovens estudantes, a partir dos processos de construção de pautas, projetos e ações coletivas:

“O exercício da participação, pode ser, então, uma experiência decisiva para a vida dos jovens – um efetivo contraponto – em uma sociedade que ao se individualizar, enfraquece ideias, valores e práticas relacionadas a dimensão coletiva da vida social” (Dayrell e Carrano, 2014, p. 121).

Os autores ainda complementam que o engajamento participativo aumenta o estímulo para novas aprendizagens, melhorando a escrita e desenvolvendo a capacidade de argumentação para defender seus pontos de vista. E que essa participação no processo educativo potencializa os processos de aprendizagem nas escolas (Idem: 121).

E foi essa a percepção apresentada através do método avaliativo na pesquisa sociológica. Quando foi colocada a opção de uma avaliação diferenciada para os alunos do Paulo Leminski, uma das alunas sugeriu esse tipo de pesquisa, uma em que eles seriam os protagonistas. Esse método de avaliação permitiu aos estudantes uma participação política dentro da instituição, formulando perguntas com temas do novo ensino médio, aplicando na comunidade escolar e resultando em várias reflexões críticas e pontos de vista diferentes. Isso ocorreu de modo que suas experiências no novo ensino médio fossem colocadas com os temas e perguntas geradas nos debates em sala de aula, num processo de engajamento participativo, potencializando os processos de aprendizagem, como colocados por Dayrell e Carrano.

Os alunos, a partir das ferramentas de pesquisa, acessaram a rede de relações da escola coletando informações importantes de vários atores sociais como professores de diferentes áreas, pedagogas, funcionários e a direção. E mesmo dentro da escola, inserida num sistema com a

ideologia neoliberal e individualista, os alunos expressam suas vozes como atores políticos e jovens com opiniões diversas no mundo atual. Ou seja, a aplicação da pesquisa sociológica permitiu aos jovens estudantes acessarem por meio da ferramenta científica, as diferentes opiniões, sugestões e críticas do novo ensino médio, que talvez de outra forma não acessariam.

Assim, com todas as questões colocadas sobre o aprendizado de sociologia e as dificuldades decorrentes do novo ensino médio, finalizaremos a dissertação com o último capítulo. Esse capítulo conclusivo trará reflexões sobre a pesquisa que utilizou como fundamento de análise a teoria do ator-rede de Latour, problematizando a relação entre o professor e o aluno e as percepções do pesquisador que atua em sala de aula no ensino de sociologia.

CAPÍTULO 4

O APRENDIZADO DO PROFESSOR COM A DISSERTAÇÃO

A partir da experiência em sala de aula nesses últimos dois anos com as observações e registros do cotidiano escolar e das atividades analisadas, pretendo com esse último capítulo colocar minhas impressões sobre a realidade apresentada, com o auxílio da teoria do ator-rede de Latour (2012) e dos autores que fundamentaram e serviram de base para a pesquisa. Essas perspectivas, construídas na experiência da etnografia nos colégios analisados, com suas realidades semelhantes e distintas, buscam apontar caminhos para futuras pesquisas que possam contribuir no entendimento da escola pública e seus principais atores, os alunos do ensino médio. Digo isso no sentido de que esses jovens estudantes estarão, num futuro próximo, atuando na esfera profissional e intelectual e nós educadores participamos de sua formação.

A percepção do aprendizado de sociologia a partir da pesquisa me levou a pensar sobre alguns pontos importantes. O primeiro é que a instituição escolar, com seu espaço plural e diverso e seus muitos indivíduos, abrange nós educadores como mais um dos elementos na sua rede de relações, o que significa afirmar, em outras palavras, que não temos o controle sobre os acontecimentos da sala de aula. Propomos teorias e conceitos em nossos planejamentos que são significativamente ressignificados pelos atores sociais e pelo próprio contexto de uma sala de aula. O segundo é que o modelo de educação implementado pela Seed a partir da última reforma educacional prejudicou o ensino e o aprendizado dos adolescentes. O aumento das disciplinas, as muitas plataformas e recursos tecnológicos implementados, além da falta de diálogo e a cobrança por resultados geraram críticas negativas e desinteresse nos alunos, afetando o processo educacional como um todo. O terceiro ponto é sobre o conceito de aprendizado, que não está somente no foco do professor ou do aluno. Ele se localiza na relação que ambos estabelecem no ambiente institucional e fora dele, a partir da escuta e do diálogo constante.

Essa forma de abordagem mais humana, que inclui diálogo, observação e escuta e a utilização de diferentes ferramentas e métodos de ensino, muda consideravelmente o aprendizado da disciplina de sociologia. A reorganização do ambiente da sala e a mudança para outros locais como os bosques e as áreas externas, por exemplo, a utilização dos objetos como o quadro, o giz, o *educatron* e as músicas propostas pelos alunos, alteram o processo do ensino e do aprendizado. Dentro dessa ressignificação das ferramentas de ensino a partir do protagonismo dos alunos, com base nos conteúdos sociológicos e nas experiências individuais, que a mudança na rede de relações entre os atores acontece.

4.1 O aprendizado e a ressignificação dos conceitos

O exercício de fazer uma pesquisa investigativa em sala de aula, no ambiente de trabalho diário tornou-se um grande desafio. Desde a concepção da ideia da pesquisa, até a utilização da etnografia, que requer a observação apurada e os registros detalhados da vivência em sala de aula, a tarefa esteve em investigar as formas de aprendizado considerando que o objeto de análise não é o professor ou o aluno. Nas reflexões de Oliveira (2023), a prática etnográfica proporciona pensarmos a possibilidade de construção de novas posturas cognitivas por parte dos profissionais da educação, nos levando a questionar nossas práticas, relativizando as nossas com as “do outro” e compreendendo os contextos culturais nas quais estão inseridas (Idem: 41). Ao longo do tempo, essa prática de aprendizado vai tornando-se mais diversa com as ferramentas à disposição, algumas impostas pela instituição, mas que ainda se constituem como acessórios num processo maior, no qual a vida de cada um e suas experiências se encontram.

Muitas vezes pergunto aos meus alunos nas aulas “*O que nos liga aqui nesse ambiente?*” e eles respondem: “*A escola, a educação, a sociologia professor...*”. A sociologia é a disciplina que, através dos seus conceitos, vai guiar e conectar essas biografias e seus métodos de transmissão constituem o caminho, a ponte de conexão na construção do aprendizado. Trabalhando nessas duas escolas, o Paulo Leminski e o República do Uruguai, com públicos semelhantes, mas com regras e punições diferentes, busquei compreender as dinâmicas do ensino e do aprendizado no ambiente em que passamos boa parte de nossas vidas, a sala de aula.

Com o apoio da teoria do ator-rede de Latour (2012), tentei mapear esses diversos atores (humanos e não-humanos) nessa rede de interações e vivências escolares, que mudou ao longo dos anos e continua em constante movimento. Essas mudanças se inserem na rede de *associações* que definem o mundo social da sala de aula. Busquei *seguir os próprios atores* como sugere o autor, para descobrir que tipo de novas conexões foram estabelecidas ao longo do tempo (Idem: 31).

As explicações de Ingold (2019) auxiliaram na compreensão do aprendizado pela escuta e atenção com os alunos e com o uso da etnografia como a forma de estudar *com* as pessoas e não *sobre* as pessoas (Idem: 13). A utilização da etnografia nessa perspectiva me permitiu perceber também que a sala de aula é um ambiente diverso, um universo de realidades sociais, alegrias, tristezas, problemas e soluções, onde os temas propostos no planejamento e presentes no ensino da sociologia passam por um processo de reinterpretação a partir das demandas dos atores sociais⁸⁰.

⁸⁰ Há uma diferença significativa nas formas de abordagem teóricas de Ingold e Latour. Essa distinção foi colocada por Ingold (2012) em seu artigo “*Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*” onde ele critica as noções de objeto e de rede propostas pela teoria de Latour, Law e Callon. O autor propõe o conceito de

Mas o *link* de comunicação entre o professor e aluno se iniciou quando me atentei às demandas dos jovens no ambiente do Colégio Paulo Leminski com seu espaço físico privilegiado. Com o compartilhar nos bosques da escola de um conhecimento das práticas de artes chinesas, foi em 2022 que percebi a carência de comunicação e escuta desses jovens e como as diferentes dinâmicas e métodos de ensino na sociologia e no projeto de vida poderiam ajudar nesse processo.

As teorias sociológicas clássicas e o aprendizado desses autores pelos alunos fizeram sentido no momento em que busquei uma aproximação através do ouvir e do cuidar, além dos métodos diferentes de ensino. O sentido atribuído pelos alunos na disciplina ocorreu com a visualização das teorias e conceitos através de exemplos simples e práticos, como no caso da explicação funcionalista (com o modelo do homem *vitruviano*) ou no desenho da pirâmide social na explicação da teoria das classes sociais, como colocado no capítulo 2 pela aluna Karina do 2ºC do Leminski, em sua resposta à pergunta sociológica.

As teorias sociais e seus conceitos permitem aos alunos desenvolver novas interpretações de seus modos de vida de forma significativa e contextualizada. Segundo Bridi, Araújo e Motim (2009), o professor de sociologia deve levar em conta que os conceitos não se formam isoladamente, mas numa inter-relação com os dados da realidade, os fatos e processos históricos, sociais, políticos e culturais (Idem: 65). Desse modo tentei transmitir aos alunos os conceitos e teorias com exemplos do cotidiano, tornando o ensino familiar, seja através da linguagem, da música ou do protagonismo estudantil, com diferentes modos de avaliação.

O trabalho de seguir os atores fez com que eu tenha vivido uma experiência no ambiente da sala de aula que incluiu a observação e o registro da ressignificação dos métodos de ensino sociológico pelos próprios alunos, a partir do momento em que eles se tornaram mais ativos nesse processo, com resultados positivos no aprendizado. E isso foi visualizado quando o aluno Allyson do 2ºC, ao entrar em contato com a teoria de Marx, identificou as desigualdades sociais e sugeriu a música *Rodo Cotidiano*, do grupo carioca *O Rappa*, como forma de mudar a dinâmica da aula e gerar interesse na disciplina.

Outro exemplo foi o do aluno Luiz Vitor, do 3ºB, que com seu grupo da sala produziu uma

malha ao invés de *rede* para pensar a cultura, as relações de comunicação integração e o fluxo entre as coisas. O importante na presente dissertação, apesar das divergências teóricas dos autores, é a ideia sistêmica que ambos explicam. Tanto Latour como Ingold consideram que existe uma ligação entre os atores dentro de um sistema social. E tanto um quanto o outro buscam analisar o sistema a partir do que os liga, como o hífen presente na palavra *ator-rede* ou as linhas dentro da *malha* explicada por Ingold. Latour (2012) utiliza o conceito de *objeto* que age no domínio das relações materiais e causais, modificando uma situação e fazendo a diferença no curso da ação em um sistema social. O conceito de *coisa* para Ingold está ligado a um “*agregado de fios vitais*” que fazem acontecer e onde esses *aconteceres* se entrelaçam nas relações sociais e na natureza, como exemplo as árvores e as nuvens (Idem:30-31). O objetivo de utilizar essas duas teorias, apesar das divergências, está no ponto em que elas se encontram e no modo como posso utilizar suas ideias na explicação do aprendizado da sala de aula.

maquete detalhada e apresentou à turma com seus colegas. A partir de um comentário em sala presente no senso comum (índios da cidade de Piraquara), os alunos escolheram a temática da cultura indígena e desenvolveram um trabalho comparativo como resposta à falta de respeito e à discriminação à população da cidade e aos povos originários.

No entanto, o mesmo aluno e seu grupo, do qual Celina fazia parte, agiram de forma discriminatória com a colega Nicolly, ambos da mesma sala. A resposta da aluna foi a escolha do tema do movimento LGBTQIAPN+ para tentar explicar aos demais seu histórico de lutas, além de subjetivamente apresentar seus dilemas e problemas pessoais frente aos demais, reafirmando, assim, sua opção de gênero e seu modo de ser.

Posso citar também o trabalho de apresentação das meninas Giovanna e Tamires do 2ºA do Colégio Uruguai, que reorganizaram o ambiente da sala de aula, a partir da dinâmica baseada no filme “*Escritores da Liberdade*” para explicar o tema da cultura indígena. O interessante é que o filme faz parte da indústria cultural, conceito idealizado pelos autores da Escola de Frankfurt e ensinado nas aulas também, de modo que as alunas usaram dois temas da disciplina e um método que envolveu toda a turma e o professor.

Nesse ponto podemos enxergar o protagonismo dos atores na rede de relações do aprendizado. As alunas, a partir da proposta de avaliação com uma metodologia livre, estabeleceram novas associações e relações com os atores em sala. Latour coloca que seguir os atores constitui um trabalho de:

“(...) tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer” (Latour, 2012, p.31).

As inovações “bizarras” colocadas pelo autor talvez fossem assim interpretadas, se algum dos diretores militares ou mesmo a pedagoga estivessem presentes na ocasião. Porém, reorganizando a sala de aula para a explicação de um conteúdo sociológico com um método diferenciado, as alunas conseguiram ao mesmo tempo transmitir os conceitos principais e gerar novas interações e associações com os atores ali presentes, o professor, seus colegas próximos e com os alunos que não tinham relações de afinidade.

A mudança no ambiente permitiu novas associações entre eles com a desconstrução dos subgrupos da turma, que resultou em novas relações juvenis. No momento do “Café Sociológico” após a aula, isso ficou claro a partir da maior interação entre os indivíduos com conversas e brincadeiras entre eles. Tudo indica que o método usado pelo grupo da Giovanna tinha esse objetivo mesmo.

É importante pontuar que só consegui acessar a informação da origem da dinâmica numa conversa informal nos cafés realizados no final do trimestre e organizados pelo grupo da Giovana, assim como só consegui compreender a personalidade da aluna Gabriela, do 2ºB do Leminski, quando ela se aproximou no dia da festa da África. Esses casos demonstram e reafirmam a importância dos contatos extraclasse, pois é no lazer e na confraternização em outros espaços que o complemento das informações auxilia a pesquisa etnográfica, visto que esse tipo de abertura não ocorre no cotidiano, como citado por Oliveira (2023: 74-75).

E foi através dos contatos extraclasse que compreendi um pouco da vida da Eduarda, que a partir da sua interpretação e ressignificação dos conceitos sociológicos respondeu três páginas da pergunta proposta, sugerindo questões, refletindo sobre a condição do jovem estudante atual e sobre o trabalho docente, demonstrando o protagonismo que os alunos possuem na rede de relações escolares. É importante mencionar que em relação aos conteúdos da disciplina, Eduarda conectou em sua resposta temas do primeiro e do terceiro trimestre, mostrando que os diferentes métodos de explicação tornam a disciplina compreensível, além de estimular a busca pela desnaturalização dos processos sociais.

Nesse sentido podemos refletir sobre os atores desenvolvendo suas próprias *teorias da ação*, como mencionado por Latour para explicar “não apenas qual ação está predominando, como de que maneira ela faz sentir sua influência” (Idem: 90-91). No momento em que Eduarda responde e justifica sua própria interpretação da sociologia, incluindo outros atores como colegas e professores na resposta, ela tem plena consciência da intenção e dos efeitos gerados. E estes poderiam ser: uma repreensão por muitas páginas escritas, um elogio pela dedicação na atividade ou a leitura expositiva da resposta para toda a turma⁸¹. Mas há, como coloca Latour, uma diferença na interpretação dessas ações e elas podem ser vistas como intermediárias ou mediadoras nas relações sociais, mudando as interpretações do pesquisador. Explico a seguir.

Se a aluna entregasse uma resposta cujo conteúdo fosse negativo em relação à disciplina, com duras críticas à forma de ensino da sociologia, provavelmente o curso das aulas e das relações seria outro. As críticas devem existir pois fazem parte do trabalho docente, mas o curso das relações pode ser redefinido, a partir do modo que são colocados seus pontos de vista. Portanto, ao responder sobre suas opiniões e reflexões, com momentos que permitem a abertura nas relações (com os cafés e dinâmicas diferentes) Eduarda está interpretando da sua maneira o processo de ensino e

⁸¹ No momento da pesquisa estava com cerca de 240 alunos em dez turmas diferentes nos dois colégios analisados. O processo da etnografia inclui a análise e correção de inúmeras respostas, onde foram selecionadas as mais significativas para compor o presente trabalho. O número de turmas e alunos é um dos fatores que gera os diversos problemas de saúde nos professores e constitui uma das pautas de reivindicações da APP- Sindicato.

aprendizado, criando sua própria *teoria da ação* e demonstrando protagonismo. Além de justificar suas ideias e opiniões sobre a vida com sugestões baseadas na experiência da sala de aula.

Como mencionado no início do capítulo, nós professores constituímos mais um dos elementos na rede de relações do aprendizado que inclui indivíduos, objetos e os diferentes espaços e ambientes. Quando coloco que nós educadores não temos o controle sobre a sala de aula, o caso de Eduarda, como o de muitos outros alunos analisados, buscam comprovar a afirmação. Esses casos relacionam-se com o que Latour coloca sobre as controvérsias em torno da ação e como nós pesquisadores (aqui no caso, professores também) não temos controle sobre os impulsos dos atores, que nos levam a agir ou a “fazer coisas” de determinada forma. Essa ação não coordenada por nós, mas pensada pelos atores, como a recusa em copiar o conteúdo do quadro, uma resposta de três páginas a uma pergunta, a mudança dos elementos no ambiente da sala, um grupo de alunos jogando baralho, entre tantas outras, faz com que tenhamos que nos adaptar constantemente as mais diferentes circunstâncias nas escolas. Segundo o autor, esses outros impulsos dos atores que nos levam a “fazer coisas” as quais não temos controle, é a ideia mais poderosa das ciências sociais (Idem: 80-81).

Os contatos com os alunos e alunas nos momentos extraclasse, bem como essas relações mais humanas em sala, comprovam que o ensino na atualidade deve seguir outros caminhos, num contexto em que há graves ataques à escola pública com as políticas neoliberais. Essa concepção de educação problematizadora e libertadora, como preconizada por Freire (2005: 71), pode e deve ser colocada em prática, mesmo num ambiente institucional com regras e punições, que não acolhe os indivíduos que fazem parte dela. A falta de profissionais de saúde (psicólogos, enfermeiros, fonoaudiólogos) e as constantes cobranças por índices de aprovação exemplificam essa questão.

Mas o sentido da permanência dos alunos na escola depende e dependerá de como nós educadores olhamos para o futuro dos jovens, num processo coletivo com menos individualismos e mais acolhimento. A autora bell hooks (2017) coloca que “os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente” (Idem: 36). O abraçar do desafio proposto por hooks, está em desapegar das velhas concepções e métodos de ensino enraizados e ouvir o que as próximas gerações de alunos têm a dizer. É nesse “desapego” de velhos métodos de ensino, proporcionando aos jovens estudantes possibilidades diferentes de relações e avaliações, que o protagonismo estudantil emerge. Na reinterpretção das formas de ensino que o aprendizado se refaz, a partir dos próprios atores na rede de relações da sala de aula e nas escolas.

4.2 As dificuldades de aprendizado no ensino médio atual

O protagonismo estudantil dos alunos do Paulo Leminski e do República do Uruguai, que inclui as reinterpretações dos conceitos sociológicos com outros modos de ensinar, só foi possível através das diversas aberturas nas relações de convivência e na flexibilização dos modos de ensino. A partir do momento em que os jovens atores têm condições de agir na rede de aprendizado de modo consciente, o processo escolar e o ensino das disciplinas fazem sentido, mesmo com muitas críticas ao modelo do ensino médio atual após a última reforma.

Um dos *slogans* do governo sobre o novo ensino médio é o protagonismo estudantil. Ele está presente nas propagandas e na tela do *educatron* quando ligamos o aparelho na sala de aula, com a mensagem de melhor educação do Brasil medida através dos índices do Ideb, a partir do resultado da Prova Paraná aplicada a cada trimestre. Mas a pesquisa sociológica que os alunos efetuaram demonstra outra realidade, como visto no capítulo anterior.

As diferentes ferramentas tecnológicas que foram implementadas nos últimos anos viriam para facilitar o aprendizado, tornando o ensino didático e acessível a todos os estudantes. Porém, vimos que o resultado foi o contrário, gerando desigualdades no acesso, sobrecarga nas disciplinas e grande dissonância entre os conteúdos oferecidos e as avaliações do final do período escolar, sendo elas o vestibular e o Enem.

No atual contexto, muitas vezes cabe ao professor repassar *slides* nas aulas com conteúdos já prontos no planejamento e cobrar dos alunos a resolução dos *quizzes* nos aplicativos exigidos pela Seed. Há uma contradição nessa cobrança pois, na medida que se tem inovações tecnológicas que serviriam para melhorar a educação, essas fazem o papel oposto, gerando desinteresse, massificação do conhecimento e dificuldades no aprendizado, como mencionado pelos próprios alunos na pesquisa.

Nesse sentido, os *não humanos*, como plataformas, *educatron* e aplicativos de *Quiz*, no contexto do novo ensino médio, mudam o curso da ação dos atores quando os alunos são obrigados a usá-los diariamente. Em relação à ação desses atores, Latour coloca que:

“Talvez existam no domínio das relações “materiais” e “causais”, mas não na esfera “reflexiva” ou simbólica” das relações sociais. Em contrapartida, se insistirmos na decisão de partir das controvérsias sobre atores e atos, qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou, caso ainda não tenha figuração, um actante” (Latour, 2012, p.108).

A utilização desses objetos como recursos didáticos complementares, como no exemplo da análise musical em sala ou nos slides explicativos do *educatron*, tem suas vantagens quando todos

usufruem do acesso à tecnologia. Mas quando esses mesmos acessórios não estão disponíveis, sendo exigidos sob a punição de diminuição de notas ou quando os conteúdos não se conectam às demandas da realidade estudantil, o efeito é negativo. A questão da falta de acesso causa a desigualdade entre os estudantes, num processo em que os objetos se localizam como intermediários entre a instituição e os atores.

Posso mencionar também o tradicional quadro e giz. Enquanto atores *não humanos*, eles podem alterar o curso das ações dos estudantes, quando têm uma função didática de ferramenta de transmissão do conteúdo, como na representação da pirâmide social da luta de classes de Marx. Mas também podem gerar o efeito contrário no aprendizado se usados em excesso. Esses dois elementos “tradicionais” mudam o curso das ações, ajudando no controle da turma pelos professores, que mantém os estudantes em silêncio e concentrados por um período de tempo.

As plataformas também mudam o curso das ações na rede de aprendizado. O atual governo estadual iniciou o processo de *plataformização* do trabalho na educação. Esse termo foi definido por Nieborg e Poell (2018) como “a penetração de extensões econômicas, governamentais e infraestruturais de plataformas digitais nos ecossistemas da Web e de aplicativos” (Idem: 4276), afetando setores como a produção cultural, saúde pública, jornalismo, transporte e educação. Nesse sentido a plataformização está presente nas escolas e altera significativamente o aprendizado estudantil. Se disponíveis a todos, elas cumprem sua função, como a de redação de português ou a de inglês, que emitem certificado. A questão é que elas são impostas a professores e alunos sem o interesse destes, não estando acessível a todos, seja pelo número de computadores disponíveis nas escolas ou pela falta de celulares, gerando dificuldades no aprendizado.

Cabe aqui uma reflexão sobre as relações de poder na teoria do ator-rede. Os atores *não humanos* já citados (*educatron*, o quadro e o giz, e plataformas) assumem um papel nas relações da sala de aula que influenciam as ações, condicionam os comportamentos e alteram o funcionamento da rede de relações. Ou seja, suas ações são produzidas nas relações e distribuídas na rede, exercendo poder sobre os atores humanos e sobre ela mesma (Latour, 2020: 123).

Os atores *não humanos*, o quadro e o giz, no momento em que são utilizados, têm como função transmitir o conteúdo e cessar as conversas dos alunos enquanto copiam a matéria. No caso do *educatron*, identificamos a relação de poder quando observamos o mesmo interesse nesse objeto eletrônico por alunos e professores quando sua finalidade é a *tradução* do conhecimento, por via de slides ou de músicas (Idem: 108-111).

As plataformas de ensino e os *quizzes* se encaixam na mesma interpretação. Além de transmitir o conhecimento, as consequências de sua utilização permitem notas altas ou baixas para os alunos, caracterizando uma relação de poder na rede. Esses mesmos atores *não humanos*, que são

parte da rede de relações de aprendizado, exercem o poder coercitivo quando são usados para *delegar* ações humanas na atribuição de conteúdos, auxiliando na produção de textos, emissão de certificados e aprovações por notas.

As relações de poder articuladas por esses objetos podem gerar também a *estabilização* na rede, quando as práticas dessas ferramentas tornam-se previsíveis e repetitivas. Como no caso dos *quizzes* que a maioria dos alunos responde mais para “ganhar” nota do que para efetivamente aprender.

Por fim, na relação de poder, os objetos geram um processo de desigualdade. Inicialmente no acesso às ferramentas e principalmente quando delega-se maior importância, em determinadas disciplinas, à atribuição das notas, fator principal de aprovação nas escolas. Esses objetos participam da construção social nas instituições não sendo neutros nem passivos, ajudando a formar, manter e transformar as redes de aprendizado a partir dessas mesmas relações, que são distribuídas conforme o interesse dos atores.

A questão da sexta aula foi um dos fatores identificado como responsável pela dificuldade no aprendizado. O tema foi apontado na pesquisa do novo ensino médio por alunos, direção, pedagoga e funcionários como um dos grandes problemas no atual formato. O aumento das disciplinas gerou o aumento da carga horária, não considerando as condições físicas, psicológicas, cognitivas e mesmo biológicas de alunos e professores. Como resultado, temos um tempo em sala em que o aprendizado não ocorre, o que foi comunicado pela própria comunidade escolar.

Em relação às práticas pedagógicas, Guimarães (2012) coloca que os debates contemporâneos propõem uma renovação na escola que começa com a superação da pedagogia tradicional e as reflexões que estão em torno dessa concepção. Na visão do autor:

“Os papéis dos alunos e professores, a relação entre ambos, a metodologia usada em sala de aula, entre outros temas, foi rediscutido e novas propostas foram elaboradas. No bojo dessas renovações, encontra-se o processo de produção do conhecimento que influencia a ação e realoca a forma do aprender, reposicionando as práticas e os sujeitos pedagógicos. Hoje se fala em produção do conhecimento a partir da mobilização do aluno e do incentivo a novas construções de sentido marcadamente pautada pelas mediações do professor, que os incentivaria a superar as contradições inerentes ao objeto do conhecimento e a aprender de forma significativa” (Guimarães, 2012, p. 140).

Compreendemos a partir da pesquisa que o objetivo da reforma do ensino médio esteve relacionado ao fortalecimento do lucro empresarial e do viés técnico e profissional dos alunos das escolas públicas. Quando o autor fala de uma rediscussão do papel do professor e do aluno, suas relações e metodologias, percebemos que no novo ensino médio as ferramentas implementadas não melhoram o ensino, assim como o aumento de disciplinas e carga horária não faz com que os alunos

aprendam mais.

Essa renovação proposta pelo autor considera o processo de produção do conhecimento como influência nas formas de ação, realocando as formas de aprendizado, reposicionando os métodos e os sujeitos, identificando o professor mais como mediador do que transmissor. E isso incentivaria os alunos a superar as limitações e contradições escolares atribuindo significado ao aprendizado. Trago essa reflexão pois o novo ensino médio não supera o modelo tradicional de ensino e não facilita ou incentiva os alunos a aprenderem mais. E como analisado, os objetos não humanos, dotados de poder na rede de relações, muitas vezes dificultam a aprendizagem em sociologia.

Na relação entre o professor e o aluno, com o protagonismo desses últimos numa educação mais simples, remetendo à *pedagogia pobre* desenvolvida por Masschelein e presente na obra de Ingold (2020), que chegamos ao último item do capítulo. Nessa arte de esperar e apresentar um convite, proporcionar aos alunos momentos e receber deles a resposta, atentos ao que realmente ocorre na experiência da sala de aula e estando abertos ao que possa vir, valorizando a verdade e a sabedoria, que o aprendizado em sociologia acontece (Idem: 57).

4.3 Por uma outra vivência sociológica baseada nas relações, experiência e liberdade

Para introduzir às reflexões finais, dou início a esse último item com um breve relato de uma aula externa. Era uma quarta feira no Colégio Paulo Leminski e tinha prometido aos alunos do 2ºC que compartilharia o conhecimento sobre o kung-fu e as artes chinesas. Muita expectativa, agitação e alegria por parte dos alunos, que iriam enfim sair um pouco da sala de aula. Alegria pra eles, desafio pra mim, visto que tudo pode ocorrer quando levamos trinta adolescentes a uma grande área externa cheia de bosques. Como forma de manter a concentração antes da prática marcial (primeiro kung-fu e depois tai chi chuan) levei um livro que carrego comigo, o *Tao Te Ching*, presente de um grande amigo, como complemento teórico.

Comecei a leitura com os versos da filosofia chinesa e um dos alunos pergunta:

O que estamos fazendo aqui professor?

E eu respondo:

Aprendendo kung fu e sociologia!

O aluno Ricardo, esportista e jogador de futebol, escuta, olha para os colegas, solta uma gargalhada e diz:

Bora lá!

Alongamos e praticamos os movimentos básicos do kung fu e ao final complementamos a

prática com movimentos de tai chi chuan. Quando terminamos os alunos perguntaram:

Legal professor! Adoramos a aula... mas e a sociologia?

Olhei para todos na roda que fizemos e disse:

Na dinâmica de sair em sala, vivenciando o bosque, no trabalho cooperativo em duplas, na escuta da mensagem filosófica e na concentração da respiração que vocês fizeram do início ao fim da prática.

Os alunos olharam uns para os outros, sorrindo pelo efeito de bem estar da atividade e por brincadeiras entre eles, mas muitos permaneceram em silêncio. A última fala veio do aluno Henrique que disse:

Muito sociológico professor!

No momento muitos deles não entenderam a proposta e admito que a fala foi improvisada naquele dia. Hoje compreendo minha própria mensagem com aquela aula diferenciada, e desde então minha relação com os alunos mudou. A mudança na relação alterou também a percepção dos alunos sobre o aprendizado e a minha sobre o ensino.

Podemos retornar a Ingold (2020) quando fala do conceito de educação em tom menor. Esse modo de educação teria o objetivo de levar os alunos “para fora” num processo de exposição do mundo, ao invés da doutrinação dos conceitos já prontos na escola. Esse modo de transmissão do conhecimento proporcionaria uma liberdade real em vez de ilusória, levando os indivíduos para fora das estruturas escolares – chamadas de autoridade insustentável – que segundo ele “permite-nos continuar, manter a vida e oferecer novos indícios para as gerações que virão” (Idem: 59). É nesse modo de ver a educação, propondo a comunicação, a experiência e o auxílio para as futuras gerações, que o aprendizado acontece.

“Isso envolve, na verdade, um alongamento atento através do qual cada participante projeta sua experiência de maneiras que podem responder à experiência dos outros, e a eles também, de modo a obterem uma correspondência que vai além do que qualquer um deles pode ter imaginado no início e que, por sua vez, permite que eles continuem juntos” (Ingold, 2020, p.60).

A alteração das relações humanas e de aprendizado, a partir da experiência prática de comunicar através de uma técnica corporal ou mesmo de uma caminhada os conceitos científicos, possibilita uma maior compreensão da sociologia. E mantém os estudantes e professores unidos e seguindo adiante.

Na mesma ocasião relatada, nos dias seguintes à prática, os alunos sempre perguntavam quando iríamos sair de sala para “continuar os ensinamentos”, nas palavras da aluna Karine.

Expliquei a eles que as saídas eram pontuais, devido ao planejamento e à direção, mas que deveríamos nos atentar à relação entre a prática corporal e os conceitos sociológicos. Essa *correspondência* entre a minha experiência compartilhada com eles e o momento vivido no bosque gerou uma nova experiência entre todos, que reafirmou laços de amizade na turma e com o professor, permanecendo essa boa relação até o final do ensino médio. Nesse caso surgiu a percepção de que, com novas experiências (mudança de ambiente e práticas corporais), surge uma nova abordagem sociológica.

No artigo de Campoy (2021) sobre a experiência de ensinar sociologia nas escolas, o autor coloca que estar atento ao mundo é uma maneira de interpelá-lo e que a exposição ao mundo ao longo de uma caminhada é o primeiro aspecto constitutivo de ensinar sociologia fazendo sociologia (Idem: 11). A caminhada proposta pelo autor é inspirada em Ingold, que usa o exemplo em muitas de suas obras para propor a atenção como parte do processo de ensinar. Pode ser interpretada também como diferentes práticas extraclasse que auxiliam no entendimento dos conteúdos sociológicos, como o ato de levar os alunos no bosque para a prática corporal.

Nesse sentido, ao longo da pesquisa, percebi o professor menos com o papel de transmissor do conhecimento sociológico e mais como mediador e interlocutor do aprendizado. E no papel de interlocutor no processo de ensino em que corpo, mente e ambiente estão envolvidos que percebi uma sociologia diferente.

No artigo de Buti (2021) sobre a experiência de ensino com as turmas numa visita aos quilombos na Bahia, o autor cita Ingold quando fala que a produção do conhecimento antropológico vem da relação de atenção e aprendizado das pessoas nos seus locais de vida. Ou seja, é na prática de caminhada nos locais estudados, na experiência da atenção ao ambiente com as pessoas, que o aprendizado ocorre. O autor usa o conceito de *ecopedagogia* que tem suas origens nas ideias de Freire, mas foi definido por Gadotti (2001) que considera a caminhada como forma de promoção da aprendizagem, uma vez que, nela, vivencia-se o contexto estudado, num processo de abertura de caminhos e não só na observação de locais.

Essas *caminhaulas*, assim definidas por Buti, têm como objetivo fomentar a atenção às paisagens para compreender os processos históricos que deram origem aos quilombos e as atividades de pesca no local. Mas revelou também um modo de ensinar nas ciências sociais, no caso a antropologia, que ressignificou o aprendizado colocando novas perspectivas a partir da vivência concreta. E nessa *virada pedagógica* com o aprendizado de novas possibilidades a partir das vivências concretas, saindo da sala de aula e “deslocando os processos de aprendizado para os lugares onde a vida das pessoas se realiza”, o ensino acontece (Idem: 22).

O exemplo dos métodos diferenciados utilizado no Colégio Paulo Leminski e no República

do Uruguai (aulas externas, música, dinâmicas, etc.) assemelha-se ao caso relatado no artigo de Buti, pois uma sociologia diferenciada considera também um engajamento maior por parte dos docentes, nas salas e fora delas, fazendo um ensino que esteja incorporado a experiências práticas no mundo da vida. O exemplo do artigo e da experiência nas aulas nos mostra que o educador tem o papel de mediar esses processos de ensino, indicando caminhos para a melhor compreensão dos conteúdos.

A partir da pesquisa etnográfica e das experiências relatadas, enxerguei uma rede de relações dentro de um sistema fechado como a instituição escolar, onde os atores interagem e se relacionam com objetos *não humanos*, com o ambiente e com o próprio corpo, atribuindo sentido aos conteúdos e construindo seu próprio aprendizado. O ensino e o aprendizado na nossa disciplina são feitos de relações específicas entre as pessoas (atores) e os objetos e, quando mudamos os objetos dentro da rede de relações, o ensino também muda. O ensino não depende somente de um desses elementos, alunos, professor ou ambiente, mas de como os atores principais (no caso os alunos) acionam e manipulam esses objetos dentro da rede.

Para identificar e estimular o protagonismo dos alunos nas redes de ensino e aprendizado, é preciso conceber e relacionar-se com a hierarquia de maneira diferente de como ela é normalmente praticada nas escolas. Nessa pesquisa, o contexto escolar, com suas hierarquias, continua presente no cotidiano dos atores, porém, quando tentamos interpretar o contexto social de forma *plana*, por mais que elas estejam presentes, conseguimos rastrear as ações dos atores e identificar como se dá o aprendizado. Essa planificação do social está nas relações horizontais e não verticais, entre professor e aluno, no ambiente escolar:

“Não é que não haja hierarquia, altos e baixos, fendas, vales profundos, cumes. Apenas se você quiser ir de um lugar a outro, terá de pagar o preço total da relação, conexão, deslocamento e informação” (Latour, 2012, p.256).

Latour coloca que as hierarquias vão sempre existir, mas depende de como nós pesquisadores acessamos os atores e a rede, num processo horizontal, que podemos perceber essas conexões.

Como exemplo posso trazer as diversas ocasiões em que pedagogas ou funcionárias, ao entrar na sala de aula, não me identificaram no meio dos alunos. E isso não por algum tipo de camuflagem, mesmo que a utilização de roupas juvenis e a não utilização de jaleco gerem dúvida, mas porque mesmo na posição de professor, sempre prezei por relações horizontais, que me permitiram estar imerso na sala de aula. O que facilitou ao longo da pesquisa manter o domínio do social completamente *plano*, como sugere Latour, de modo a conseguir acessar as entidades móveis e os atores na rede de relações.

“A natureza exata dessas entidades móveis não importa aqui: a pesquisa decidirá quais

devem ser os veículos e documentos para cada caso. O que conta é a possibilidade, para o pesquisador, de registrar a forma “em rede” sempre que possível, em vez de dividir os dados em duas porções: uma local e outra global” (Latour, 2012, p. 257).

O mapeamento em rede permitiu identificar as conexões entre os atores com a interpretação do contexto social de modo plano, mesmo que nas instituições escolares as regras e punições levem a uma verticalização das relações. O acesso aos atores humanos e a percepção do aprendizado só foi possível em razão da interpretação horizontal e plana das relações sociais.

Quanto ao local de ensino, o oficial seria a sala de aula onde tradicionalmente ocorre o aprendizado. Mas quando temos os atores agindo na rede e manipulando as ferramentas (*educatron, quizz, quadro, giz e etc.*), ele pode ocorrer em qualquer lugar.

Seja na mudança de ambiente, onde a escolha parte dos próprios atores, ou na sala de aula, como vimos no caso da dinâmica das alunas, com o tema da cultura indígena no Colégio Uruguai. E é nesse meio do caminho entre o professor e aluno, a partir das redes de relações entre ambos, que se encontra o aprendizado no ensino médio.

A partir da experiência etnográfica com a prática de seguir os atores, como sugere a teoria do ator-rede (Idem: 259), pude vivenciar no ambiente escolar uma liberdade dos alunos que de outro modo não observaria. Uma liberdade de fala e autonomia no ato de aprender. A maioria dos autores mobilizados na análise da pesquisa teceram reflexões sobre a fala, o diálogo e a liberdade dos alunos.

Freire (2005) coloca o diálogo como um processo essencial na educação como prática da liberdade, uma exigência existencial no aprendizado, o encontro entre o refletir e o agir de seus sujeitos num mundo a ser transformado e humanizado (Idem: 91). O diálogo que permite a liberdade não só dos alunos, mas dos professores, é citado por hooks (2017: 74) que o interpreta como um dos meios mais simples com que nós professores e pensadores críticos podemos cruzar fronteiras colocadas pelas diferenças sociais (raça, gênero, classe social, reputação profissional, etc.).

O aprendizado que envolve o estabelecimento de um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno é explicado por Dayrell (2001: 156), que o considera essencial como parte do processo de construção de significados em sala de aula. E o educador que estimula o diálogo, o questionamento e a liberdade, ajuda o aluno na construção do conhecimento (Idem: 158). Podemos citar Ingold (2020) quando se refere à liberdade do hábito que não existe sem responsabilidade e cuidado. O conceito do hábito traz implícito a dimensão ética da atenção que está na capacidade de responder, na presença e na comunicação:

“Para cuidar dos outros, então, devemos permiti-los estar em nossa presença para que, assim, posamos estar presentes para eles. Em um sentido importante, devemos deixá-los ser, para que possam falar conosco” (Ingold, 2020, p.48).

Esse *deixá-los ser* presente na explicação do autor é a base do diálogo e da liberdade de expressão e comunicação que permite aos alunos o desenvolvimento da autonomia de pensamento e reflexão, auxiliando na construção do aprendizado em sociologia. E na concepção de um novo aprendizado construído a partir desses elementos, com os atores interagindo entre eles, os objetos, professores, pedagogas, direção e funcionários, numa rede de relações na instituição escolar, que os jovens vivenciam uma nova relação com a autoridade e o poder. Eles vivem uma outra relação de poder.

Essa outra relação esteve presente quando foi dado aos alunos a liberdade de resposta nos três trimestres sobre a pergunta sociológica, onde a aluna Eduarda escreveu suas sugestões, opiniões e críticas ao modelo educacional. Foi possível visualizar essas novas relações nos trabalhos de apresentação dos seminários temáticos, já que os alunos tiveram autonomia de escolha e dos métodos de explicação, bem como nas opiniões da roda de conversa sobre o novo ensino médio e na pesquisa sociológica, com a escolha do método, preparação do roteiro, aplicação, interpretação e apresentação dos resultados.

Pude perceber na pesquisa etnográfica um verdadeiro processo de “empoderamento” dos alunos a partir da liberdade e da comunicação, ressignificando os conceitos e métodos de transmissão do conhecimento tendo a experiência como base. A educação através da experiência tornou-se uma das ferramentas mais efetivas no processo de aprendizado com os alunos do ensino médio, pois na junção do conteúdo com os diferentes métodos de transmissão a partir da experiência prática, com base no diálogo e comunicação, que o aprendizado acontece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o primeiro momento em que decidi fazer a pesquisa sobre o aprendizado nas escolas muitas dúvidas surgiram, mas o objetivo sempre foi fazer um estudo baseado na investigação dos métodos de ensino da sociologia e sua influência nos alunos, além das relações escolares com vistas a mostrar também um panorama das condições que se encontram os diversos atores sociais nas escolas estaduais. A pesquisa etnográfica permitiu acessar o universo escolar e suas múltiplas relações e o objeto de estudo escolhido, o aprendizado, revelou-se uma das partes dessa imensa realidade educacional em que estou inserido diariamente.

As dúvidas na pesquisa estavam em como acessar cientificamente os diversos elementos presentes nesses ambientes, ao mesmo tempo em que vivia diariamente o cotidiano escolar. A pesquisa etnográfica foi fundamental no momento em que minha presença em sala no ofício de educador, permitiu analisar e seguir os atores, mapeando essa complexa rede de relações de modo a acessar as diversas realidades escolares. Realidades essas de alunos, professores, funcionários, pedagogas, ambientes e comunidade escolar, de modo a rever minha atuação em sala e refinar meus métodos de ensino no dia-a-dia das aulas.

Os teoria do ator-rede de Latour (2012) e as contribuições de Ingold (2019, 2020) me indicaram um caminho de acesso a essas realidades, desapegando das concepções clássicas de pesquisa sociológica que normalmente aprendemos e estamos condicionados, na medida em que a orientação de seguir os atores e escutá-los com atenção mudou minha compreensão de pesquisa social. Isso me permitiu aprender com os jovens estudantes e perceber as dinâmicas próprias das salas de aula, cabendo a nós educadores conseguirmos acessar esse universo com técnicas simples e específicas. Seriam elas a observação, a escuta, o diálogo e a empatia, permitindo assim a liberdade e a autonomia dos estudantes em relações mais horizontais num sistema educacional arcaico e verticalizado.

Esse sistema atual com seu formato padronizado, *plataformizado* e com vistas a resultados, como numa empresa particular, tornou-se uma das grandes dificuldades no processo da pesquisa. Como os diversos relatos e atividades demonstraram, a implementação do novo ensino médio gerou mais problemas do que soluções para toda comunidade escolar. Nas salas de aula que pude perceber o resultado da implementação de políticas neoliberais com o viés propagandista de melhoria da educação (o *slogan* da “melhor educação do Brasil”) e a reprodução ainda maior das desigualdades sociais já existentes, como os casos de falta de respeito, acesso a recursos, preconceito, homofobia, violência física e psicológica e o silenciamento das vozes daqueles que são os elementos centrais na educação, os alunos. O silenciamento está diretamente relacionado à falta de observação, escuta e

diálogo para com os jovens atores, num processo de controle e imposição de regras institucionais com mecanismos punitivos e autoritários. E esses processos não estão presentes somente nas instituições que adotaram o modelo cívico- militar, como o Colégio Uruguai, podendo ser observado e sentido no Colégio Paulo Leminski, como vimos nos relatos dos alunos, relacionados aos conceitos de Foucault (1987).

Por outro lado, visualizei conceitos fundamentais nas relações humanas, como a solidariedade, a empatia, a amizade, a compreensão e muita criatividade na superação das adversidades e dificuldades. E isso ocorreu a partir do momento em que ativei a escuta, o diálogo e a liberdade no cotidiano das aulas, permitindo um acesso maior ao mundo da vida dos atores, que não seria possível de outra forma.

Desse modo, a pesquisa me permitiu aprender com os diferentes atores a partir de suas falas, gestos, intenções, críticas e elogios, num processo de autorreflexão enquanto ser humano e educador no mundo atual. A partir disso o ambiente da sala de aula e o andamento dos encontros com os alunos foram alterados, pois a etnografia auxiliou na percepção de que elas não estão sob o controle da autoridade do professor, mudando também a minha forma de concepção e implementação dos diversos métodos e ferramentas no espaço escolar. Compreendi também a importância do papel dos objetos no ensino e, como a partir de sua manipulação, eles podem auxiliar ou prejudicar o aprendizado dos alunos. Esses atores não humanos possuem um papel simbólico e um papel real de mudança de comportamento e dos ambientes, quando são acessados e utilizados de determinadas maneiras no contexto escolar.

As reflexões presentes na pesquisa etnográfica permitiram perceber essa outra interpretação do aprendizado, que não se localiza somente nos atores centrais nas salas de aula, o professor e o aluno, e sim nas relações que ambos estabelecem nesses espaços e fora deles. Posso citar como exemplos os momentos extraclasse de confraternizações, cafés sociológicos, festas juninas, jogos, conversas informais e transições entre as aulas nos corredores e espaços externos da escola. Como colocado no capítulo 4, a rede social que conecta os professores e alunos são as relações que ambos estabelecem no período do ensino médio, constituídas no cotidiano escolar.

E essas relações se tornam possíveis quando nós educadores permitimos o desapego das velhas concepções educacionais de hierarquias e de reprodução de poder, permitindo aos jovens um espaço de diálogo e escuta, bem como a liberdade e a autonomia nos métodos de avaliação e de ensino. A questão da experiência a partir da mudança de ambiente, seja na sala de aula ou nas áreas externas da instituição, contribuem para o aprendizado na disciplina, tornando os jovens mais atentos e vivendo outra relação com a autoridade e o poder, ressignificando também o papel do professor, das pedagogas e da própria direção. Proporcionar uma educação com mais liberdade e experiência

resulta num outro processo de aprendizado que auxilia no desenvolvimento individual e coletivo dos jovens alunos, gerando mais otimismo, autonomia e criticidade com os processos sociais da atualidade, um dos principais objetivos da sociologia na educação.

Por fim, o trabalho trouxe também a noção do resgate da educação de modo que os profissionais do ensino possam ainda acreditar no potencial que essa chave de transformação possui no mundo contemporâneo. Mesmo diante de um contexto político e educacional em que a profissão docente segue sendo desvalorizada social e institucionalmente, pelo atual governo do estado, o ensino da sociologia segue resistindo. Essas outras formas de conceber o ensino e o aprendizado buscam mostrar outro caminho na educação, um que possa ajudar os jovens a tornarem-se adultos críticos frente as diversas desigualdades e atuantes em prol de um mundo melhor.

E nos faz seguir adiante, sem perder o foco e objetivo de lutar por uma sociedade mais justa e igualitária. Com toda certeza, a presente pesquisa me ajudou a compreender melhor o mundo social, educacional e individual, respondendo a questão colocada no início da pesquisa enquanto jovem estudante, que me levou a estudar as ciências sociais e escolher a importante profissão de educador. Para entendermos melhor o mundo e as diversas realidades, devemos estar abertos à escuta, ao diálogo e à experiência, desapegando de velhos padrões para permitir uma maior liberdade no ato de ensinar e aprender no cotidiano da vida.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. A indústria Cultural. In. COHN, G. (Org.) *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1978.
- ALMEIDA, S. Racismo estrutural. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- Andrade de Queiroz Muniz , D., Soares Pereira da Silva , M., Fernanda Leal, L., & Silva Borges , R. (2023). NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO: ORIGEM, MOVIMENTO E RESISTÊNCIA. *Revista De Estudos Interdisciplinares* , 5(3), 70–88.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1954].
- BARBOSA, Renata Peres; ALVES, Natália. A Reforma do Ensino Médio e a Plataformização da Educação: expansão da privatização e padronização dos processos pedagógicos. *e-Curriculum*, São Paulo, v. 21, e61619, 2023.
- BUTLER, J. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (T. Lemos, Trad.). Civilização Brasileira.
- BUTLER, J. (2022). *Discurso de Ódio: Uma Política do Performativo* (T. B. da Costa, Trad.). Autêntica Editora.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1994.
- BEAUD, S; WEBER, F. (1997). “A observação direta e a pesquisa qualitativa” In. POUPART, J. “*A pesquisa qualitativa*”, 1997.
- BERGER, Peter L., e Thomas Luckmann. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BRIDI, Maria A.; ARAÚJO, Silvia, M.; MOTIM, Benilde L. *Ensinar e aprender Sociologia no ensino médio*. São Paulo: Contexto, 2009.

BODART, Cristiano das Neves; MORAES, Fabio Monteiro de; TAVARES, Caio dos Santos. Sociologia e música: propostas pedagógicas 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2022.

BOURDIEU, Pierre, e Jean-Claude Passeron. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

BOURDIEU, Pierre e CHAMPAGNE, Patrick. “Os excluídos do interior” In:

_____ *Escritos da educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____ *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

CARLES, Pierre. A Sociologia é um esporte de combate: documentário sobre Pierre Bourdieu.

2h26.

2001.

Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=41W3RapeK5Q>

CAMILO, Merielle; NEVES, Marcos Cesar Danhoni; BELONI, Belmiro Marcos; DUTRA, Alessandra. A Necropolítica das escolas cívico-militares no Paraná. *Educere - Revista da Educação da UNIPAR*, Umuarama, v.23, n.3, 2023.

CALDAS, A. R. Trabalho docente e saúde: inquietações trazidas pela pesquisa nacional com professores(as) da educação básica. In: OLIVEIRA, D. A.; VIEIRA, L. F. (Org.). Trabalho na educação básica: a condição docente em sete estados brasileiros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 429- 445.

CAMPOY, Leonardo, C. “Ensinar sociologia fazendo sociologia: memórias e notas de uma pessoa que aprende, ensina e ensina a ensinar ciências sociais”. Ensino de Sociologia em Debate. Revista Eletrônica: LENPS-PIBID de Ciências Sociais – UEL. Edição Nº. 11, Vol. 1, jan./dez. 2021.

CARRANO, Paulo e PEREGRINO, Mônica. “*Jovens e escola: compartilhando territórios e sentidos de presença*”. *A escola e o mundo juvenil: experiências e reflexões (Série Em Questão, n. 1)*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria, Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, J. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. “Do controverso “Chão da Escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre

antropologia e educação.” Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 49, set./dez. 2017.

DEWEY, J. (1964). *John Dewy on Education – Selected Writings*. Chicago, IL: University of Chicago Press [Ed. R.D. Archambault].

DUBET, François. “Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet” - Entrevista concedida a Angelina Peralva e Marília Sposito. *Revista Brasileira de Educação*, n.º 5 e 6, ANPED, pp. 222 – 232, 1997.

DUBET, François. “*A escola e a exclusão*”. *Éducation et Sociétés*, n.5, p.43-57, 2000/2001. Publicado em *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, julho/ 2003.

FERRETTI, C. J. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. *Estudos Avançados*, 32 (93), Campinas, São Paulo, Brasil, 2018

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANZIN, K. F. *Pecim: um olhar sociológico sobre as escolas cívico-militares no Paraná (2018-2022)*. Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 33, n.119, p.379-404. Abr. jun. 2012.

GADOTTI, Moacir. 2001. *Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIBSON, J.J. (1979). *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GUIMARÃES, Euclides Neto; *Educar pela sociologia: contribuições para a formação do cidadão / Euclides Guimarães Neto, Marcos Arcanjo de Assis e José Luís Braga Guimarães.* – Belo Horizonte: RHJ, 2012.

- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- INGOLD, Tim. Antropologia e/ou como educação. Petrópolis: Vozes, 2020.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.
- JACCOUD, M.; MAYER, R. (1997). “A observação direta e a pesquisa qualitativa” In. POUPART, J. “*A pesquisa qualitativa*”, 1997.
- LATOUR, B. (2005). *Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1964). O Cru e o Cozido (Mitológicas I). São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- LAVAL, Christian. A Escola não é uma empresa. São Paulo: Boitempo, 2019.
- MACHADO, M. “*A Comunidade dos Clássicos e a Nova Comunidade: Um Estudo da Organização de Ecovilas*”, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2018.
- MASSCHELEIN, Ian. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2008.
- _____ (2010a). “The idea of critical e-ducational research – e-ducating the gaze and inviting to go walking”. In: GUR-ZE’EV, I. (ed.) *The Possibility / Impossibility of a New Critical Language of Education*. Rotterdam: Sense Publishers, p. 275-291.
- MENDONÇA, F.; BUFFON, E. A. M.; CASTELHANO, F.G.; SITO, G.; *Resiliência socioambiental-espacial urbana à inundações: possibilidades e limites no bairro Cajuru em Curitiba (PR)*. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). V.12, n.19, jul-dez.2016.
- CRISTINE DINIZ CARVALHO, Milene. A MÚSICA E O ENSINO DA SOCIOLOGIA: Problematizando o uso da música como recurso pedagógico nos livros didáticos de Sociologia a partir de Bacabal-MA / Milene Cristine Carvalho. - 2021.
- MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro:

Zahar, 1975.

MORIN, E. Moigne, J. (orgs.) *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NIEBORG, D.; POELL, T. The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. *New Media & Society*, v. 20, n. 11, p. 4275-4292, 2018.

PEIRANO, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Marisa. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, 2014.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. "A Maior Zoeira" na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo. Universidade de São Paulo, USP, 2010.

PIETRO, Mayra Espina. Desigualdade e desenvolvimento. In: IVO, Anete (cord.) et al. *Dicionário temático desenvolvimento e questão social*. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPQ; Salvador: Fabesp, 2013.

PRADO, Cristina Oliveira de Araújo. "Adoecimento escolar – a saúde física e mental dos professores do ensino fundamental", Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2021.

RODO COTIDIANO. Intérprete: O Rappa. Composição: Marcelo Falcão, Lauro Farias, Alexandre Meneses, Marcelo Lobato, Marcos Lobato. *In: O Silêncio q precede o esporro*. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil Ltda, 2003.

SALLAS, A. L. F., MEUCCI, S. "O melhor medo da minha vida" - emoções nas ocupações estudantis. *Linhas Críticas*, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, v. 27 (2021), e-ISSN 1981-0431, pp. 1-19.

SANTOS, Gilberto de Moura. *Religião e política no campo evangélico contemporâneo: ancoragens, homologias e retraduzões*. 2016. 263 f. Tese (Pós-Graduação em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

SANTOS, Mário Bispo dos. *A Sociologia no Ensino Médio: o que pensam os professores da rede pública do Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília,

Brasília, 2002.

SANTOS, F. S.; MARTINS, S. A. Novo ensino médio: consequências e perspectivas para a formação dos jovens. *Revista Pedagógica*, v. 23, p. 1-27, 2021.

SANTOS, J. K. L.; WANZINACK, C. Saúde docente: um estudo de caso nas escolas municipais de ensino fundamental do município de Matinhos – Paraná – Brasil. *Revista Eletrônica de Pesquisa e Docência*. p. 115-128, 2017

SILVA, E.F.; VIEIRA, A.M.D.P. “Adoecimento Docente nas Escolas Públicas do Paraná”. *Revista Humanidades e Inovação* v.8, n.59, 2021.

SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out.- dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n117/v32n117a12.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019

SOUSA, Maria das Dores. *Identidade e docência: o saber-fazer do professor de sociologia das escolas públicas estaduais de Picos - PI*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2012.

SOUZA, E. de. Representações sociais sobre a implantação dos colégios cívico-militares no Paraná: Social representations about the civic-military schools' implantations in Paraná. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 15, n. 32, 2021.

Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C. de ., Silva, M. J. de S. e ., & Petterle, R. R.. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde Em Debate*, 42(116), 87–99. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>

WEBER, Max. “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.